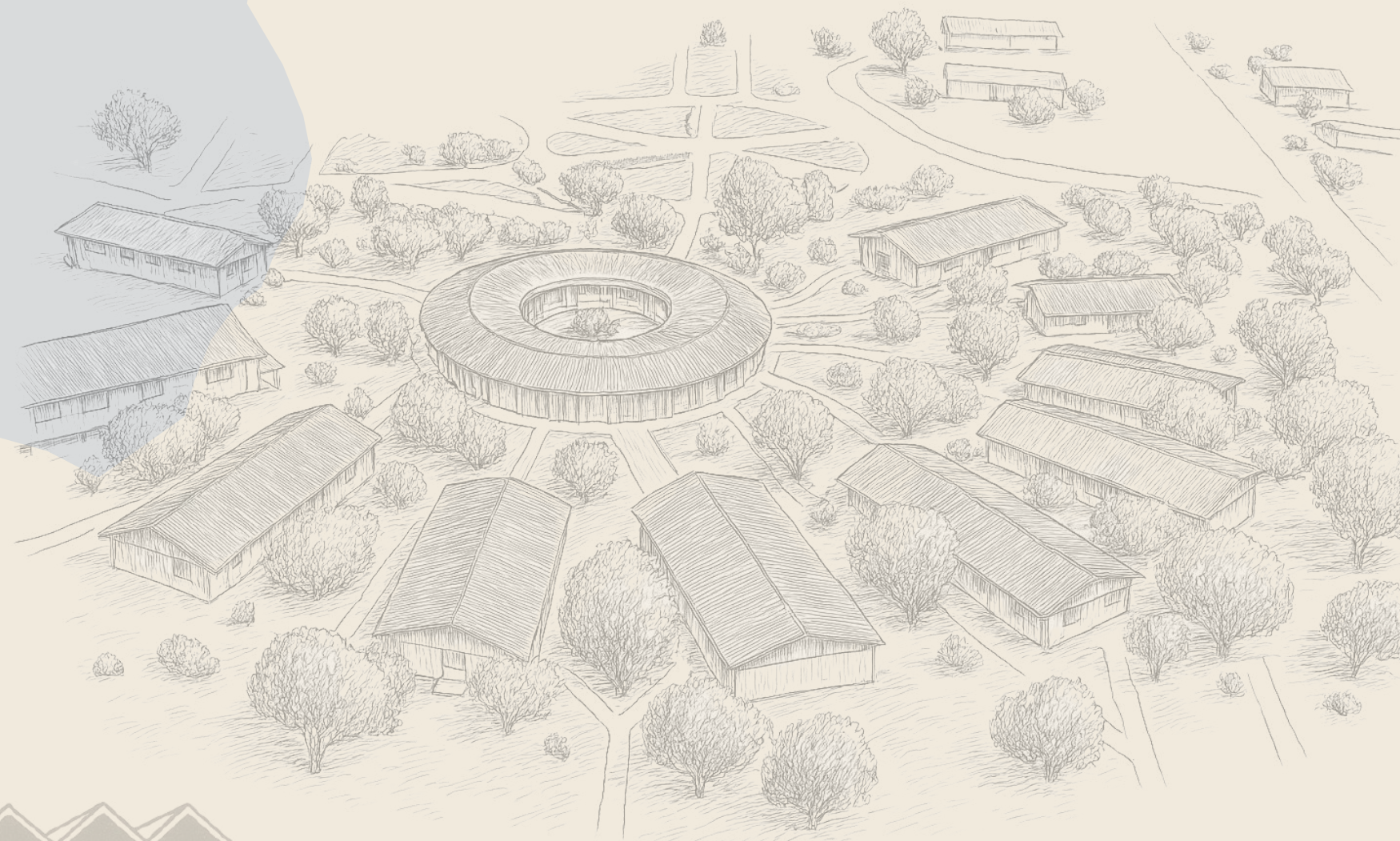


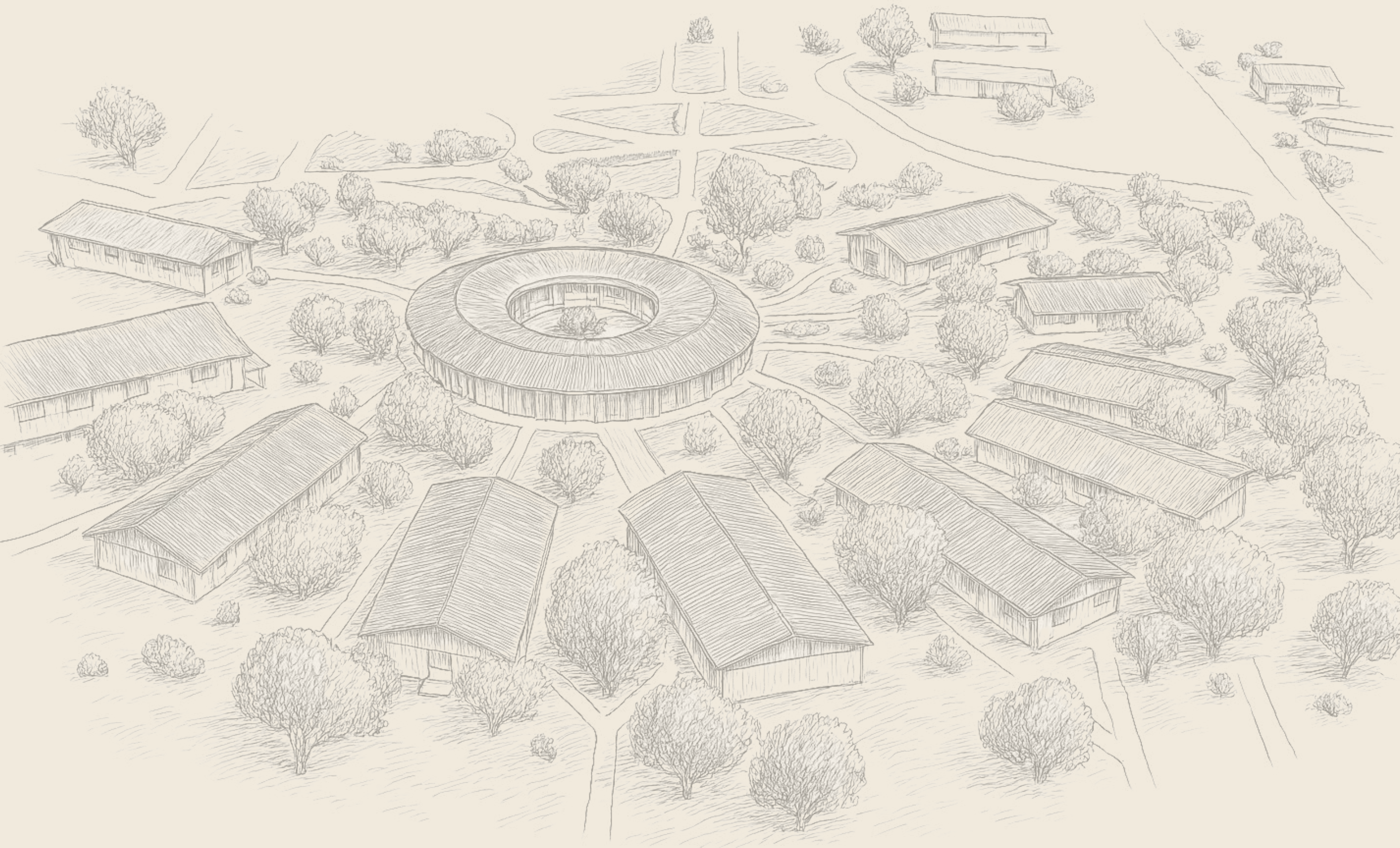
ARQUITETURA, MEMÓRIA E COLONIZAÇÃO NO PORTAL DA AMAZÔNIA

UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO ARQUITETÔNICA DE VILHENA ENTRE 1900 E 1990



DISCENTE: OLIVIA SAVIA BAGATTOLI
DOCENTE: DRA. ÁUREA DAYSE COSMO DA SILVA





INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA -
CAMPUS VILHENA CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

**ARQUITETURA, MEMÓRIA E COLONIZAÇÃO NO PORTAL DA AMAZÔNIA: UMA ANÁLISE DA
EVOLUÇÃO ARQUITETÔNICA DE VILHENA/RO ENTRE 1900 E 1990**

OLIVIA SAVIA BAGATTOLI

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE GRADUAÇÃO APRESENTADO AO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO INSTITUTO FEDERAL
DE RONDÔNIA - CAMPUS VILHENA, COMO REQUISITO PARA
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE BACHAREL EM ARQUITETURA E
URBANISMO.

ORIENTADORA: PROFESSORA DRA ÁUREA DAYSE COSMO DA SILVA

VILHENA/RO
2025/1

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO.

Bagattoli, Olivia Savia.

Arquitetura, memória e colonização no Portal da Amazônia: uma análise da evolução arquitetônica de Vilhena-RO entre 1900-1990 / Olivia Savia Bagattoli. - Vilhena, 2026.

73 f. : il.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Aurea Dayse Cosmo da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Vilhena, 2026.

1. BR-029. 2. BR-364. 3. História da cidade. 4. Morfologia arquitetônica. 5. Vilhena/Rondônia. I. Silva, Aurea Dayse Cosmo da (orient.). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Rosilene Maria do Couto Marques, CRB-11/321

OLIVIA SAVIA BAGATTOLI

Arquitetura, Memória e Colonização no Portal da Amazônia. Uma Análise da Evolução Arquitetônica de Vilhena entre 1900 e 1990.

Trabalho de conclusão de graduação apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal de Rondônia – Campus Vilhena, como requisito para obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo sob a orientação da Professora Áurea Dayse Cosmo da Silva.

Aprovado em:17/05/2025 pela banca examinadora.

Documento assinado digitalmente
ÁUREA DAYSE COSMO DA SILVA
Data: 16/05/2025 13:56:24 -0300
Verifique em: <https://verificar.br.gov.br>

Áurea Dayse Cosmo da Silva

Documento assinado digitalmente
RODRIGO BUSS BACK
Data: 16/05/2025 13:56:24 -0300
Verifique em: <https://verificar.br.gov.br>

Rodrigo Buss Back

Documento assinado digitalmente
TAINÁ SOUSA OLIVEIRA
Data: 16/05/2025 13:56:24 -0300
Verifique em: <https://verificar.br.gov.br>

Tainá Sousa Oliveira

RESUMO

A arquitetura é um meio de representação da identidade de um povo, diversos são os registros arquitetônicos deixados pelo homem ao longo da história. A Amazônia já era ocupada muito antes do descobrimento do Brasil em 1500, entretanto pouco restou da arquitetura indígena. Posteriormente os registros de ocupação deixados pelos colonizadores nos possibilitam entender melhor a história através da arquitetura. É neste contexto que o presente trabalho buscou explorar a história da cidade de Vilhena e posteriormente fazer uma análise das edificações construídas na cidade de 1900 a 1990, possibilitando assim correlacionar a arquitetura, os ciclos econômicos e a ocupação. A metodologia utilizada foi a pesquisa básica de natureza exploratória e abordagem qualitativa. Os procedimentos foram revisão bibliográfica, análise de documentos, levantamento arquitetônico e análise e organização de dados. Os resultados obtidos foram preliminares mas que possibilitam a relação da ocupação conforme os períodos analisados, a primeira edificação analisada é o Museu Marechal Rondon construído para ser a sede do Telégrafo em Vilhena no início do século XX, posteriormente analisa-se a casa que serviu de alojamento para a equipe de engenheiros da construtora Camargo Corrêa, uma edificação construída para atender a demanda da época, a BR-029. Na década de 1970 tem-se a Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, construída com materiais de difícil acesso na região e tem-se a proliferação das casas construídas em madeiras, fartamente disponíveis na região, também a edificação do Palácio dos Parecis, sede da Universidade de Rondônia. Como edificação da década de 1980 elencou-se o Palácio Teotônio Vilela, sede da prefeitura municipal de Vilhena. E, em 1990 com a pujança econômica da região, tem-se uma edificação mais elaborada, feita em concreto armado com um desenho que lembra as construções modernistas dos anos 60, porém com adaptações nas janelas com detalhes rebuscados. Contudo, a arquitetura vilhenense negligencia a presença indígena, limitando-se a referências simbólicas sem preservar fisicamente essa memória. A pesquisa, guiada pelas lembranças da autora, destaca a arquitetura como expressão de afetos e histórias pessoais. O estudo reforça a importância de valorizar a identidade local e ampliar pesquisas sobre a arquitetura da região amazônica, incluindo vozes historicamente silenciadas.

Palavras-chave: BR-029, BR-364, história da cidade, morfologia arquitetônica, Rondônia, Vilhena.

DEDICATÓRIA

Muitos foram os desafios para concluir esta graduação. Dedico este trabalho ao meu companheiro de vida, Alexandre, e aos meus filhos João Vítor e Manuela que sempre me incentivaram a realizar o sonho de cursar arquitetura e urbanismo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 MATERIAIS E MÉTODOS	11
1.1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	11
1.1.1.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	11
1.1.1.2 ANÁLISE DOCUMENTAL	11
1.1.1.3 ENTREVISTAS E HISTÓRIA ORAL	11

2 EVOLUÇÃO SÓCIOECONÔMICA DE VILHENA	12
---------------------------------------------	-----------

3 EVOLUÇÃO DA ARQUITETURA DE VILHENA	15
3.1 MORFOLOGIA DAS EDIFICAÇÕES VILHENENSES	16
3.2 ESTAÇÃO TELEGRÁFICA DE VILHENA	17
3.2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	17
3.2.2 ARQUITETURA DA ESTAÇÃO TELEGRÁFICA	24
3.3 EDIFICAÇÃO DA DÉCADA DE 1960	26
3.3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	26
3.3.2 A CASA DO 5º BEC	27
3.4 EDIFICAÇÃO DA DÉCADA DE 1970	29
3.4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	29
3.4.2 CAPELA DA IGREJA NOSSA SENHORA AUXILIADORA	30

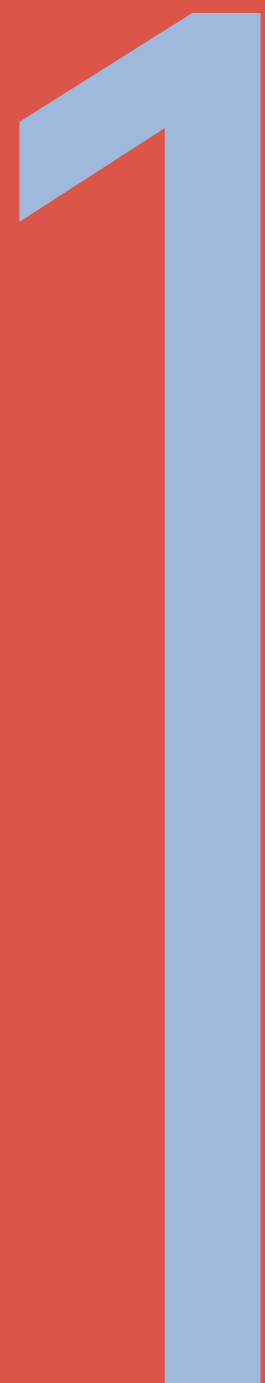
3.4.3 AS CASAS DE MADEIRA	35
3.4.4 PALÁCIO DOS PARECIS - UNIVERSIDADE DE RONDÔNIA CAMPUS VILHENA	39
3.5 EDIFICAÇÕES DA DÉCADA DE 1980	46
3.5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	46
3.5.2 COMPLEXO ADMINISTRATIVO TEOTÔNIO VILELA - PREFEITURA MUNICIPAL DE VILHENA	48
3.6 EDIFICAÇÕES DA DÉCADA DE 1990	52
3.6.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	52
3.6.2 PRÉDIO DA ANTIGA FARMÁCIA SANTA TEREZINHA	53
3.7 PERSPECTIVAS PARA FUTURAS ANÁLISES	57
3.7.1 BANCO DO BRASIL	58
3.7.2 BANCO BERON	59
3.7.3 ANTIGA CROCODILUS DISCO CLUB	61
3.7.4 ANTIGA CANOPUS MOTOS	62

4 ANÁLISE DA ARQUITETURA VILHENENSE	63
--------------------------------------------	-----------

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
-------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS	70
--------------------	-----------

ANEXOS	73
---------------	-----------



INTRODUÇÃO

A arquitetura é uma das representações da identidade de um povo. Através da arte e da arquitetura um povo transmite seus saberes e sua cultura para novas gerações. Assim é com todo o legado da humanidade ao longo da história, desde os primeiros registros arquitetônicos da mesopotâmia, passando pela imponente arquitetura egípcia, grega e romana, há ainda o legado deixado pelas construções medievais, a arquitetura neoclássica, os avanços arquitetônicos do modernismo até a nossa atual e diversa arquitetura contemporânea.

A arquitetura é presença marcante na história brasileira, há desde registros deixados pelos povos originários, e também diversas representações arquitetônicas dos colonizadores e que hoje fazem parte da cultura e do patrimônio brasileiro. Tem-se como exemplo a Amazônia, que é berço de diversos povos e já era ocupada muitos anos antes do descobrimento do Brasil em 1500. A ocupação indígena se deu nas proximidades dos rios, e pouco de sua arquitetura restou diante da ocupação luso-espanhola (LIMA; et al, 2015). No Brasil, a Amazônia é a última fronteira¹ ocupada, e diversas são as representações arquitetônicas deixadas pelos colonizadores na região do estado de Rondônia.

Nesse contexto, Rondônia passou por diversos fluxos migratórios, entre eles os ciclos do ouro no século XVII, e o primeiro ciclo da borracha no início do século XX, e o segundo ciclo durante a Segunda Guerra Mundial na década de 1940. Entretanto, é nas décadas de 1970 e 1980 que houve um grande fluxo migratório, intensificados por projetos de ocupação da região amazônica que foram possibilitados pela abertura da BR-029 (hoje BR-364) na década de 1960 (ALMEIDA SILVA; NASCIMENTO SILVA; DAVID, 2012).

Os projetos de assentamento fundiário, promovidos pelo INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, culminaram no assentamento na região de Vilhena de diversos colonos, tornando a, então Vila de Vilhena, um apoio para estes colonos. Um grande ciclo madeireiro tomou conta da região nas décadas de 1970 e 1980, a cidade foi recebendo cada vez mais migrantes vindo a se tornar uma cidade em pujante crescimento, que culminou em sua emancipação no final da década de 1970 (DA CUNHA; MOSER, 2010).

Vilhena está localizada na região Norte do Brasil mais especificamente na Amazônia Legal², e é conhecida como Cidade Portal da Amazônia. Situa-se no Cone Sul do Estado de Rondônia (Vilhena, Colorado do Oeste, Cerejeiras, Cabixi, Pimenteiras do Oeste, Corumbiara e Chupinguaia) (SUFRAMA, 2017), possuindo uma área territorial de 11.699.150km², sendo sua população estimada para 2021 em 104.517 pessoas, com densidade demográfica de 6,62hab/km², IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,731 (2010), e um PIB per capita de R\$ 30.847,95 por pessoa (IBGE/2023).

Os migrantes eram oriundos de diversas partes do país, nordestinos, sudestinos, e em sua maioria sulistas. Estes migrantes trouxeram consigo métodos e estilos arquitetônicos de suas origens, que foram reproduzidos na arquitetura vilhenense. Diante destes cenários observa-se que diversas edificações arquitetônicas na cidade de Vilhena, foram edificadas através de métodos construtivos importados que adaptaram-se à realidade Amazônica (SOUSA, 2022).

A identidade de uma cidade é formada por sua arquitetura, refletida por seus aspectos culturais, econômicos e sociais. Este fato também ocorre com a cidade de Vilhena, onde parte da arquitetura tem influência sobre a história, nascendo assim as primeiras casas, formando-se o povoado, a primeira igreja. A pequena capela que foi erguida pelos moradores no final da década de 1960 deu lugar a uma grande e bela igreja matriz, espelhando a pujança econômica vivida pela comunidade vilhenense.

Saber entender os processos históricos que constituem a arquitetura e formam a identidade de um povo são interesses que levam diversos pesquisadores a se aventurar nos rumos da história e explorar as representações da arquitetura dentro destes contextos.

Mas cabe indagar como a história de sua colonização interferiu na produção arquitetônica da cidade de Vilhena? É possível afirmar que seus colonizadores trouxeram influências arquitetônicas de suas origens, ou seria uma produção arquitetônica totalmente nova? Até que ponto os vícios, saberes e materiais influenciaram a forma como a arquitetura Vilhenense foi produzida? São indagações e respostas que a presente pesquisa propôs-se a explorar e analisar.

Dessa forma o trabalho tem como objetivo explorar através da história como se deu a colonização de Vilhena e qual a relação da arquitetura com a colonização. Por se tratar de uma colonização recente, datando o intenso fluxo de colonos na década de 1970, cabe destacar que Vilhena não possui estudos aprofundados de sua história, nem de sua arquitetura. Poucos são os textos ou livros que se destinam a tratar da história de formação da cidade, bem como de sua arquitetura. Compreender este processo histórico e documentar as edificações que se perdem ao longo do período é primordial para a construção e manutenção viva da memória e da história da cidade.

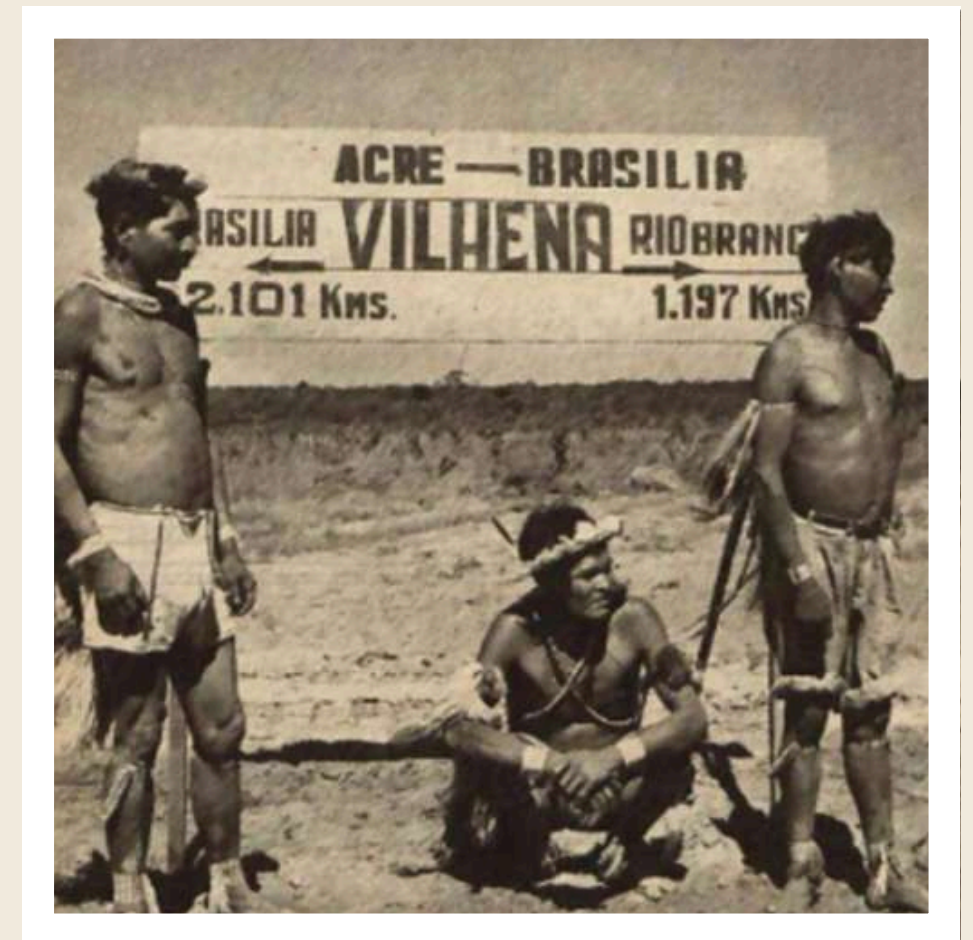


Figura 1: Indígenas descansam em Vilhena, 1960/62, em frente a uma placa da rodovia BR-364 (BR-29) Acre/Brasília.
Fonte: Lúcio Albuquerque (2021)

¹Amazônia: A última fronteira" é uma expressão para se referir a um território selvagem e em grande parte intocado pelo desenvolvimento humano. Neste sentido, a Amazônia Brasileira é o último território a ser ocupado pelos portugueses e posteriormente pelos governos brasileiros com políticas de integração nacional.

²Amazônia Legal: Constituída pela Lei 1.806/1953, sendo porta de entrada da Amazônia Ocidental.

1.1 Materiais e Métodos

A metodologia utilizada para esta pesquisa foi de natureza básica ou pura. No que se refere aos objetivos possui um caráter exploratório, onde o pesquisador, segundo Gil (2002), aprimora suas ideias através da descoberta de intuições já que a pesquisa se propõe a explorar ao longo da história a relação entre arquitetura e colonização. Quanto à abordagem é qualitativa, onde os estudos e fenômenos sociais e do comportamento humano foram subjetivamente analisados pela pesquisadora.

Quanto aos procedimentos, utilizou-se o estudo de casos múltiplos, com estudo de diversas edificações a fim de identificar os principais aspectos da arquitetura Vilhenense no que abrange os períodos de 1960 a 1990. Os procedimentos adotados incluem revisão bibliográfica, análise documental, levantamento arquitetônico e organização e análise de dados.

1.1.1 Procedimentos Metodológicos

1.1.1.1 Revisão Bibliográfica

Na Revisão Bibliográfica propôs-se visitar autores sobre a história do estado de Rondônia e da cidade Vilhena, e a história do processo de colonização do estado, em especial nos projetos colonizatórios da região de Vilhena.

No que se refere à história do Estado de Rondônia utilizou-se os autores Hervé Thery, Adnilson de Almeida Silva, Tainá Sousa, Cláudia Pinheiro Nascimento, Ricardo Gilson da Costa Silva, Maria Madalena Ferreira, Marco Antônio Domingues Teixeira, Claude Lévi-Strauss, entre outros. Quanto à história de Vilhena, o trabalho embassou-se em Pedro Brasil, Marcos Fiori, Marco Antônio Domingues Teixeira. E sobre arquitetura produzida no Brasil nas décadas de 1960/1990 a pesquisa se debruçou sobre as obras de Hugo Segawa e Yves Bruand.

1.1.1.2 Análise Documental

Na Análise Documental, analisou-se periódicos, projetos arquitetônicos, fotos, registros históricos e outros meios encontrados no decorrer da pesquisa. É através da pesquisa de documentos que foram encontrados dados precisos de datas e meios construtivos das edificações. É por meio desta etapa através de registros históricos e da iconografia que levandou-se dados sobre a história da cidade.

Na Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora foram levantados dados sobre a construção da Capela Auxiliadora como registros no livro paroquial, dados sobre materiais construtivos, datas e outras informações que possam ser relevantes para a pesquisa. No NIMPI - Núcleo Informatizado de Memória e Pesquisa do IFRO, buscou-se registros de periódicos locais sobre notícias e outros fatos que possam ser relevantes ao tema.

1.1.1.3 Entrevistas e História Oral

Nesta fase pretendeu-se um maior levantamento de dados, tanto sobre a história de Vilhena, como a perspectiva dos moradores que vivenciaram a transformação da cidade, como sobre as edificações abordadas no presente trabalho. As entrevistas com pioneiros Vilhenenses ajudaram no processo de entendimento da evolução da cidade e das obras que foram construídas no período pesquisado.

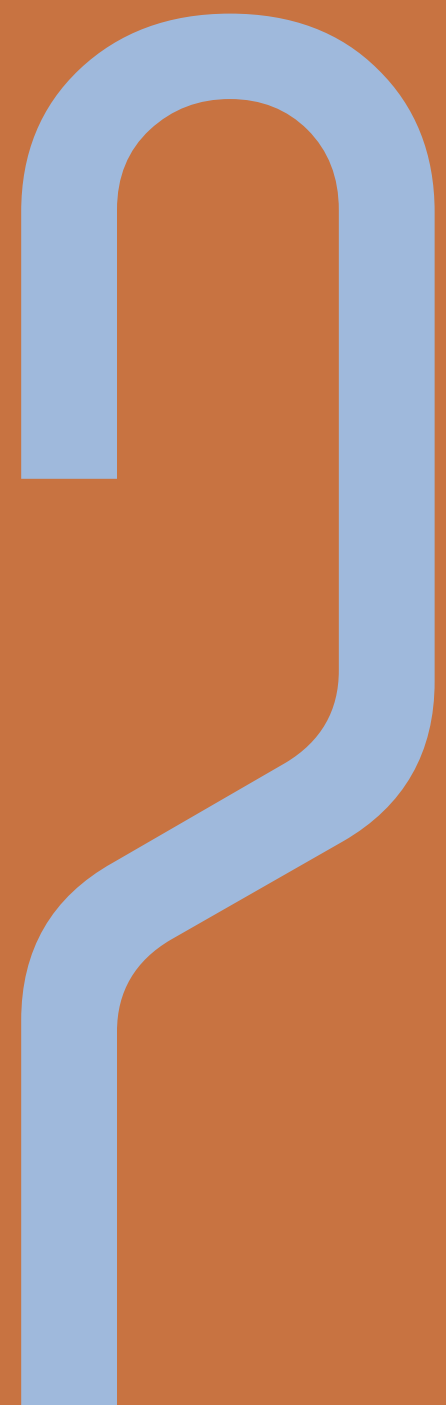
O contato inicial realizou-se por mensagem em rede social ou *whatsapp*, posteriormente o contato deu-se por ligação telefônica onde agendou-se um horário para a entrevista, a entrevista foi realizada em um local escolhido pelo participante que garanta a devida privacidade e segurança para a realização do procedimento.

A entrevista contou com um roteiro semi estruturado, porém, no decorrer da conversa surgiram indagações relevantes ou curiosidades que a pesquisadora considerou interessantes à pesquisa. A entrevista foi gravada por meio de recursos audiovisuais, com auxílio de um *smartphone* e posteriormente os vídeos serão armazenados em nuvem institucional por 5 anos de acesso para todas as pesquisadoras (aluna e orientadora). As entrevistas foram transcritas e disponibilizadas para os entrevistados. Apresentado-se o TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido para o participante antes da realização da entrevista para que tome ciência dos riscos e benefícios, e com o seu assentimento deu-se a continuidade da realização do procedimento.

Foram entrevistadas quatro pessoas: Daniel Pereira Horta, morador de Vilhena e filho da primeira professora Noeme de Barros; Ângela Grasso, pioneira e proprietária de um dos primeiros hotéis; Vitório Abrão, primeiro prefeito de Vilhena; e Júlio Olivar, jornalista e historiador da cidade de Vilhena/RO.

Nesta seara é importante destacar que as entrevistas tiveram a finalidade de contribuir com a história oral, como destaca o sociólogo Paul Thompson que a pesquisa de história da vida abrange interpretações individuais e análises da sociedade mais ampla, unindo evidências da pesquisa qualitativa e quantitativa (THOMPSON, 2002).

"A história oral é a tentativa de ouvir as vozes do passado, de reconstruir o passado a partir das experiências daqueles que o viveram." (THOMPSON, 2002)



EVOLUÇÃO
SOCIOECONOMICA
DE VILHENA

A arquitetura é instrumento de materialização da história, e dentro deste contexto exposto acima, a pesquisa será pautada em três principais tópicos. O primeiro tópico abordará a história de Vilhena. A seguir será realizado um levantamento dos processos de colonização do Estado de Rondônia com ênfase na cidade de Vilhena. E o terceiro tópico abordará a produção arquitetônica em Vilhena, abrangendo as décadas de 1960, 1970, 1980 até 1990.

Uma cidade é, pois, detentora de história e memória, assim como também o é desta comunidade simbólica de sentido a que se dá o nome de identidade. O centro de uma cidade foi, por muito tempo, o cartão de visitas de uma cidade. Mesmo que tais espaços tenham sofrido degradação, deixaram marcas, que funcionam como padrões de referência identitária para uma cidade (PESAVENTO, 2007).

O Tratado de Tordesilhas firmado em 1494 entre Portugal e Espanha, delimita uma fronteira entre os dois países, dividindo as descobertas, presentes e futuras. Ao longo dos quase 300 anos de dominação portuguesa, os avanços de bandeirantes e colonizadores portugueses sobre a América espanhola definirão um novo traçado de ocupação, e, com a união dos reinos de Portugal e Espanha, durante a dominação ibérica, um novo traçado do mapa do Brasil será delimitado.

Bandeiras foram lançadas a partir da cidade de São Paulo, (LIMA; et al, 2015), duas frentes de penetração a oeste de Goiás, sendo Cuiabá e o rio Guaporé. O vale do Guaporé despontou com a descoberta de minas de ouro, vindo a região a se tornar uma nova capitania, denominada de Cuiabá. Mais tarde, em 1752, será determinada a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade como capital da capitania.

É importante destacar que as missões jesuíticas promoveram um aldeamento dos povos da região. Neste contexto foram construídas fortificações para delimitar os avanços fronteiriços portugueses, bem como para inibir as missões jesuíticas espanholas e os avanços de tropas espanholas. Entre as fortificações construídas está o Forte Príncipe da Beira, construído em Costa Marques, fronteira com a Bolívia, simbolizando a força e poder português na região. (LIMA; et al, 2015).

O Vale do Guaporé era estrategicamente posicionado num ponto da colônia e a exploração de ouro e pedras preciosas era predominante para a ocupação do território. Tanto as bandeiras quanto a descoberta de ouro e pedras preciosas, como os avanços militares portugueses redefinem o novo traçado geopolítico brasileiro, firmando uma nova fronteira que avançava cada vez mais ao norte (CAMPANA, 2022).

Após 1900, já com inúmeros avanços na área de telecomunicações, o governo brasileiro incumbiu o então Major Cândido Mariano da Silva Rondon, da construção de uma linha telegráfica que ligaria Cuiabá a Manaus, tendo como extremos as cidades de Cuiabá, hoje pertencente ao estado do Mato Grosso, e Santo Antônio do Madeira, povoado localizado a 7km da hoje capital de Rondônia, Porto Velho.

Ao todo, as três expedições foram realizadas para a construção das linhas telegráficas abriram 7 postos telegráficos no estado de Rondônia (Vilhena, Pimenta Bueno, Ji-Paraná, Jaru, Ariquemes e Santo Antônio do Madeira), e 1 ramal em Guajará-mirim (BORZACOV, 2015). Em 1908, através destas expedições foi construído o posto teleográfico de Vilhena, sendo esta a primeira edificação da cidade.

Em 1913 e 1914 Rondon e o ex-presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, objetivaram uma expedição científica, a fim de colher amostras científicas de animais, plantas e minerais, a serem expostas no Museu de História Natural de Nova Iorque, nos Estados Unidos (CAMPANA, 2012). A expedição percorreu diversos rios da região, nascentes e teve contato com diversos indígenas nativos. Segundo Pedro Brasil (2000), praticamente todos os rios de Vilhena foram batizados por Rondon.

A Amazônia ocidental³, em especial o que se tornaria o estado do Acre e a cidade de Porto Velho, passou por diversos ciclos econômicos, sendo de grande destaque o primeiro Ciclo da Borracha (1942-1945), que culminou com grande pujança econômica para a região com a descoberta dos usos da borracha oriundas das seringueiras nativas da região e com a construção da estrada de ferro Madeira Mamoré, definida como um acordo entre Brasil e Bolívia pela anexação do estado do Acre.

Após este apogeu econômico, o ciclo da borracha entra em declínio, em razão do contrabando de mudas de seringa, pelos ingleses, para a região da Malásia. A produção de seringas na Malásia otimiza a produção, uma vez que as plantas são cultivadas em escala organizada e industrial, o que não ocorria no Brasil, em virtude de serem nativas, encontradas de forma diversificada na floresta. Inclusive a construção da Ferrovia Madeira Mamoré deixa de ser viável, haja vista que sua lógica era o transporte do látex produzido pelas seringueiras (PERDIGÃO; BASSEGIO, 2021).

Em 1942, em plena Segunda Guerra Mundial, o Brasil assinou com os Estados Unidos, o Tratado de Washington, haja vista que os japoneses interromperam o acesso dos aliados (Estados Unidos, Inglaterra e França) aos seringais cultivados na Malásia. Desta forma, o látex era necessário para a crescente indústria automobilística americana. Foi criado o Banco de Crédito da Borracha, hoje Banco Basa S/A, que tinha por missão financiar os seringalistas, para a aquisição do material básico de exploração dos seringais nativos da Amazônia (BRASIL, 2000).

³DECRETO-LEI Nº 356 DE 15.08.1968. Art. 1º § 1 A Amazônia Ocidental é constituída pela área abrangida pelos Estados do Amazonas e Acre e os territórios federais de Rondônia e Roraima, consoante o estabelecido no § 4 do artigo 1º do Decreto-lei nº 291, de 28.02.1967. Estados que compõem a Amazônia Oriental: Pará, Maranhão, Amapá, Tocantins e Mato Grosso (GOVERNO FEDERAL)

Estima-se que 100 mil migrantes nordestinos vieram para a região amazônica, Alto Madeira, Mamoré, Guaporé e Acre. Estes seringueiros foram denominados de Soldados da Borracha. Este novo ciclo econômico contribuiu para a criação do Território do Guaporé em 13 de setembro de 1943, criado em áreas de terras pertencentes ao Mato Grosso e do estado do Amazonas, foi assinado pelo então presidente Getúlio Vargas (BRASIL, 2000).

Em 1943 chega a Vilhena o índio aculturado Marciano Zanoecê, que veio para trabalhar e zelar pelo posto telegráfico construído pela expedição telegráfica de Rondon, que chegou pelas veredas abertas por Marechal Rondon. As picadas ainda eram utilizadas por seringueiros remanescentes do Ciclo da Borracha, como conta Pedro Brasil em seu livro Vilhena “Conta Sua História” (2000), que destaca como a primeira economia da região o látex, que era levado por picadas de Vilhena para Cuiabá, ou através do Rio Guaporé, as viagens pelas aberturas na mata eram feitas em lombos de burros, chegando a levar até 6 meses.

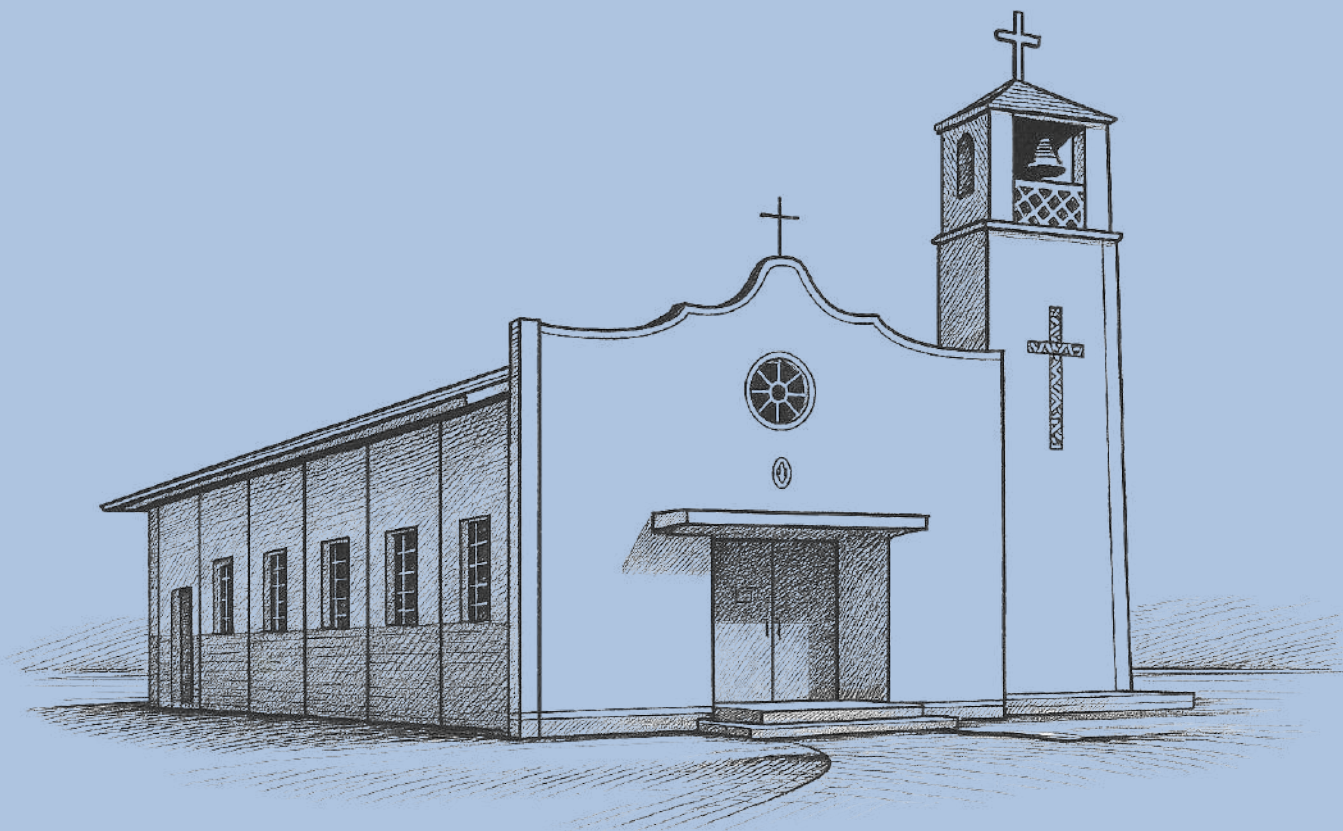
Neste período, a região foi pouco desenvolvida e somente após a abertura em 1960 da BR-29, hoje denominada BR-364, é que a cidade se tornou o destino de migrantes de todo o país, em especial da região sul do Brasil. Para a construção da rodovia foi destacada a FAB (Força Aérea Brasileira) e a Construtora Camargo Corrêa, vencedora da licitação nos limites do povoado de Vilhena. Em 1966 Vilhena possuía apenas seis famílias, fundada a primeira escola (Wilson Coutinho - Wilson Camargo).

Em 1963 foi erguida a capela onde é realizada a primeira missa pelo Padre Ângelo Spadari, em homenagem a Nossa Senhora do Loreto. Entre 1965 e 1966, em decorrência do Golpe Militar, chega a Vilhena, o 5º Batalhão de Engenharia e Construção, 5º BEC, e tinha como meta a manutenção e conservação da BR-029. Em 1969 Vilhena torna-se distrito de Porto Velho, no então Território do Guaporé. Segundo Pedro Brasil (2000), daquele momento em diante, Vilhena deixa de ser um povoado e surge como uma vila, tornando-se um núcleo de apoio rodoviário.

Apesar disso, somente nos anos de 1970 é que a região ganha novos contornos demográficos com os projetos de colonização promovidos pelo governo federal para integrar e ocupar a região amazônica (CUNHA; MOSER, 2010). A abertura da BR-364 foi primordial para o assentamento dos novos colonos (MENEZES, 1981), e é intrínseco que a abertura da BR possibilita um novo ciclo econômico.

Um grande ciclo madeireiro tomou conta da região neste processo de colonização, uma vez que abertura das áreas era obrigação dos colonos, as madeiras foram fundamentais para o desenvolvimento econômico da cidade, que chegou a abrigar uma grande quantidade, em sua maioria vindas do Paraná ou de Santa Catarina, como as madeiras Irmãos Bagattoli, Martendal e Berneck. No auge do setor madeireiro, Vilhena chegou a ter 137 serrarias (BRASIL, 2000), observando-se uma média diária de 400 caminhões toeiros trafegando pela estrada que liga Vilhena a Colorado do Oeste.

Dentro deste contexto, Vilhena ganha autonomia e é emancipada em novembro de 1977. E após esta data, a cidade cresce exponencialmente, tanto economicamente quanto o número de habitantes (HERVÊ, 2010). Este processo de crescimento possibilita o surgimento de diversas edificações arquitetônicas, que vão desde simples casas em madeira até grandes construções comerciais e institucionais.



3

EVOLUÇÃO DA
ARQUITETURA
VILHENENSE

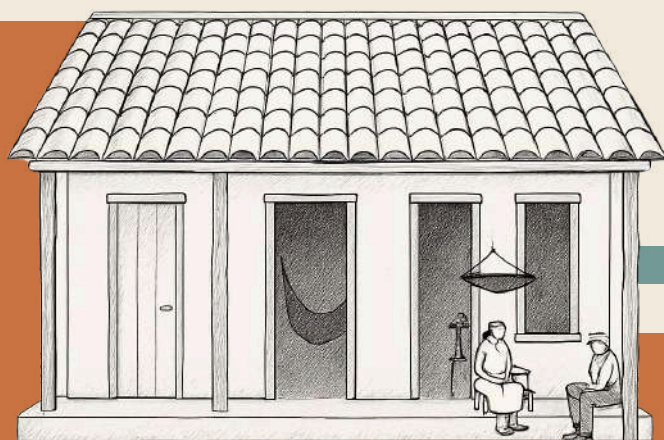
3.1 Morfologia das edificações Vilhenense

Os ciclos econômicos que a Amazônia Ocidental passou foram extremamente relevantes para a colonização e ocupação do que se tornaria o estado de Rondônia (Figura 2).

É a partir da abertura da BR-029, atualmente BR-364, em 1960, que o então Território do Guaporé, abre as portas para migrantes de diversas partes do Brasil, em busca de novas oportunidades. A BR-029 modificou a forma de ocupação do território, que antes concentrava-se em pontos ao longo dos rios que serviam para escoamento da produção de borracha, e passou a concentrar-se ao longo da rodovia recém-aberta.

Neste contexto de construção da BR-029 surge a cidade de Vilhena e aparecem as primeiras construções na cidade. A edificação do telégrafo era uma das poucas existentes na cidade, em 1938, data da passagem de Claude Lévi-Strauss, Vilhena possuía duas casas (STRAUSS, 1996), e somente após a abertura da BR-029 é que se formará a Vila de Vilhena.

1912



ESTAÇÃO TELEGRÁFICA DE VILHENA



1970

CAPELA IGREJA NOSSA SENHORA AUXILIADORA



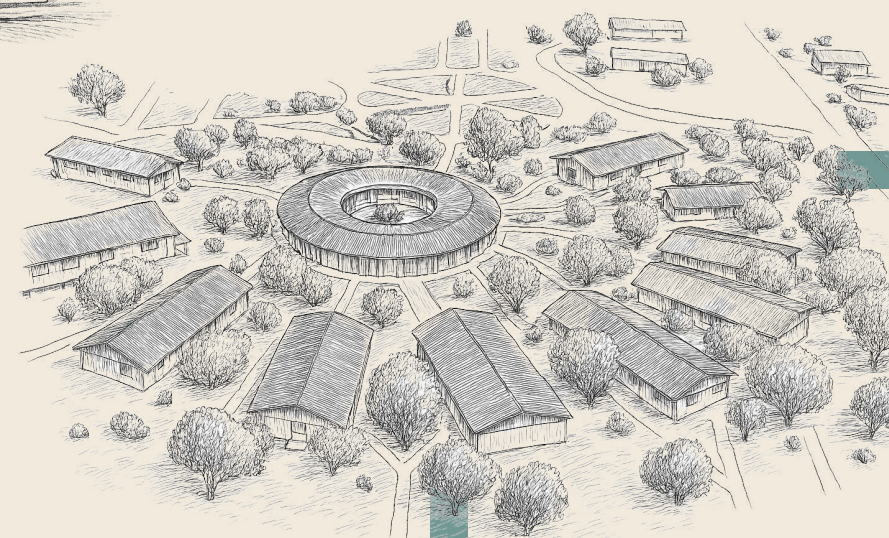
1970

CASAS DE MADEIRA

1979



PALÁCIO DOS PARECIS
UNIVERSIDADE DE RONDÔNIA
CAMPOS VILHENA

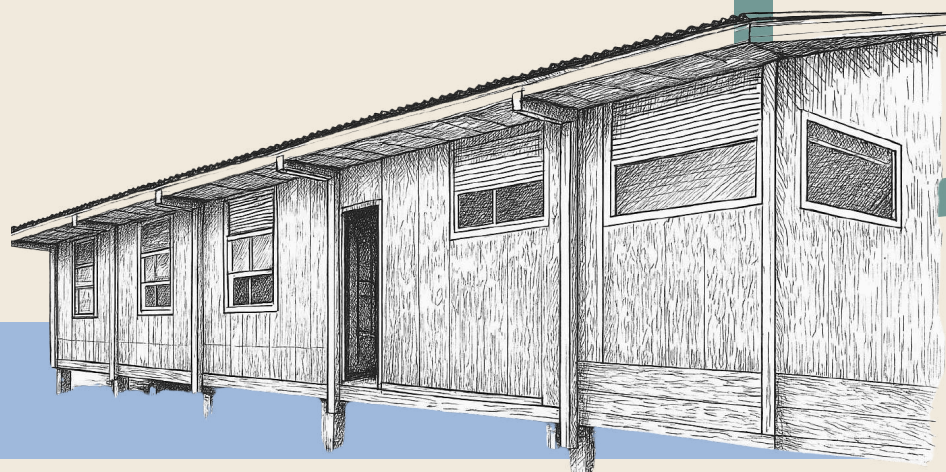


1985

COMPLEXO ADMINISTRATIVO
TEOTÔNIO VILELA
PREFEITURA MUNICIPAL DE VILHENA

1960

CASA DO 5º BEC



1990

ANTIGA FARMÁCIA SANTA TEREZINHA



3.2 Estação Telegráfica de Vilhena

3.2.1 Contextualização histórica

Em 1900 Marechal Rondon foi incumbido, pelo presidente Afonso Pena, da construção da linha telegráfica para interligação de Mato Grosso à Manaus, iniciando a linha em Cuiabá e findando em Santo Antônio do Madeira, localizada hoje, nas proximidades de Porto Velho/RO (VIVEIROS, 2010).

“A história da colonização de Vilhena começa com esse posto telegráfico, que deu nome à cidade. Vilhena é uma homenagem a Álvaro de Mello Coutinho de Vilhena, engenheiro e diretor-geral da Repartição do Telégrafo Nacional, falecido em 1904, no Rio de Janeiro. A edificação passou por diversas fases, desde o pau-a-pique⁴ em 1911 até a construção em adobe e tijolos, em 1980”.

OLIVAR, Júlio. Entrevista concedida à Olivia S. Bagattoli. Novembro de 2024.



Figura 3: Expedicionários da Comissão Rondon - Expedição 1907
Fonte: Luiz Leduc (Fotógrafo da Comitativa de Rondon)

⁴ Taipa

⁵Exposição Museu Casa de Rondon, Vilhena/RO, Julho de 2024.

Em 1900 Marechal Rondon foi incumbido, pelo presidente Afonso Pena, da construção da linha telegráfica para interligação de Mato Grosso à Manaus, iniciando a linha em Cuiabá e findando em Santo Antônio do Madeira, localizada hoje, nas proximidades de Porto Velho/RO (VIVEIROS, 2010).

A comissão de Rondon chegou a Vilhena em 29 de junho de 1909. A casa foi edificada no território dos Nambiquaras, povo considerado um dos mais primitivos de seu tempo. Foi inaugurada em 12 de outubro de 1911 e serviu como sede do Posto Telegráfico Álvaro Vilhena (Museu Casa de Rondon, 2024⁵).

Testemunha concreta da política de integração do território nacional, a Casa de Rondon, como é conhecida a sede da estação telegráfica em Vilhena, resiste nos dias de hoje, como Museu Marechal Rondon, contando tanto a história da cidade de Vilhena, e do estado de Rondônia, como também a história do telégrafo na região norte do Brasil.

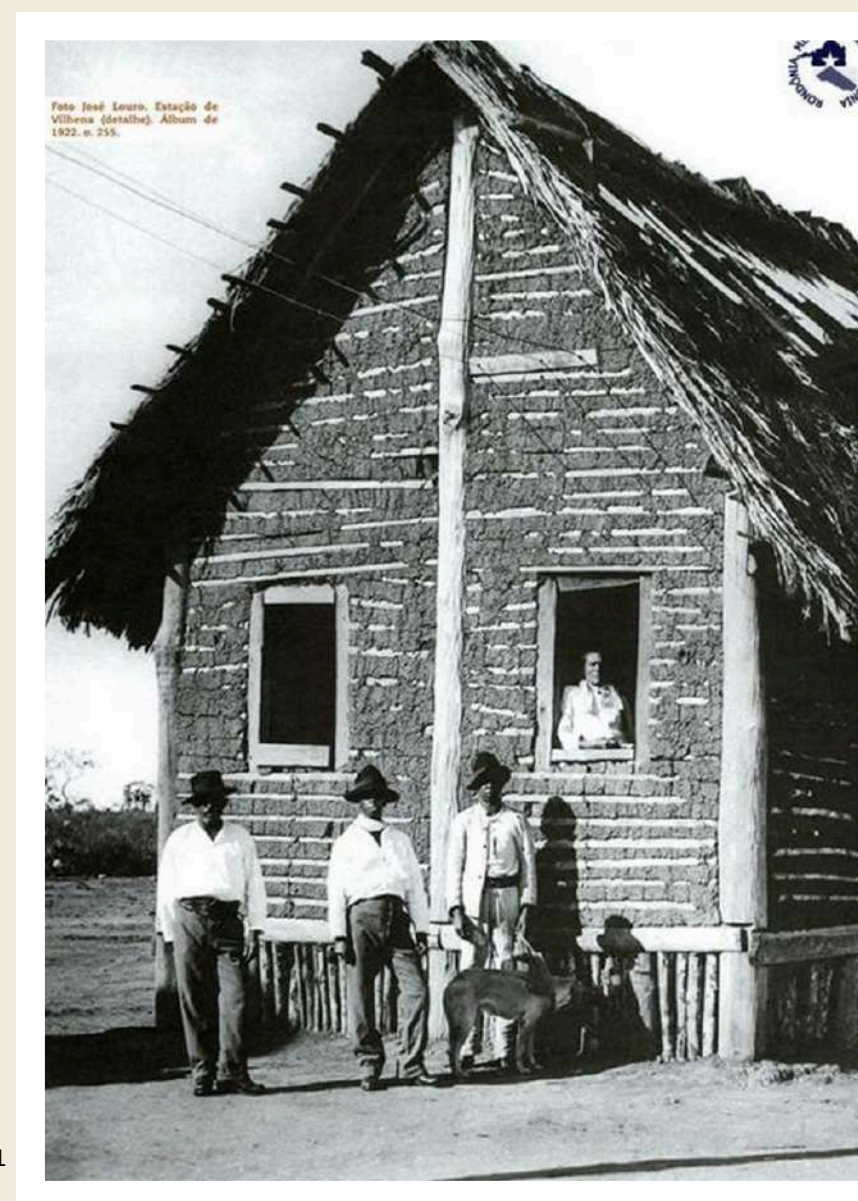


Figura 4: Sede do Telégrafo - 1911
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense

Ao longo dos anos a edificação passou por diversas transformações. Inicialmente construída de sapé e pau-a-pique, cuja técnica construtiva consiste em entrelaçar madeiras verticais com madeiras horizontais e preencher os espaços com barro, é uma técnica que prioriza a utilização de materiais locais e uma técnica predominante entre as classes sociais mais pobres, especialmente no meio rural (OLIVAR, Júlio. Entrevista concedida à Olivia S. Bagattoli em Novembro de 2024).

Na década de 1920 foi reconstruída em adobe (Figura 6), material feito de terra crua, água e fibras naturais, como palha ou esterco, demonstram que os materiais utilizados são da região, moldados in loco.

Na Figura 5, do início da década de 1930 observa-se uma das últimas inspeções militares ao posto telegráfico, período que o Distrito Telegráfico passou a ser administrado pelo Departamento dos Correios e Telégrafos (Museu Casa de Rondon, 2024).

O posto telegráfico operou até 1969, em seguida foi abandonado. O local era frequentemente visitado por pessoas, como uma espécie de museu, atestando a passagem do Tenente Coronel Cândido Rondon, única pessoa no Brasil a ser homenageada com seu nome dado à um estado.



Figura 5: Posto Telegráfico de Vilhena - Década de 1930
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense (2023)



Figura 6: Museu de Rondon,
na foto Paulo Gasparian-
Década de 1976
Fonte: Grupo do Facebook
Memória Vilhenense (2023)



Figura 7: MSede do telégrafo em Vilhena - 1976
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense (2023)

Nos arredores do posto telegráfico havia um cemitério indígena (Figura 8). De acordo com pioneiros da cidade, havia cerca de 100 pessoas sepultadas, porém foram identificadas apenas 18 sepulturas (BRASIL, 2000). Posteriormente nos anos 2000 foi destruído por agricultores que plantaram soja em cima do antigo cemitério, como consta na fala de Vitório Abrão publicada no Grupo Memória Vilhenense⁶.

No entorno da edificação principal haviam outras construções que abrigavam os trabalhadores. A edificação “Casa de Rondon” não era utilizada como moradia, mas sim como sede do posto telegráfico, acomodando os materiais necessários para esta função.

Ao final da década de 1970 o posto telegráfico encontrava-se abandonado após um incêndio, como demonstrado na Figura 9 de Marcos Santilli, fotógrafo que percorreu a região.



Figura 8: Cemitério Indígena localizado nas proximidades do Museu Rondon
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense (2023)



Figura 9: Sede do telégrafo em Vilhena - Década de 1970
Fonte: Marcos Santilli. Acervo do Museu Casa de Rondon (2025)

⁶Grupo Memória Vilhena - Grupo organizado na rede social Facebook. Tem por objetivo manter a memória da história de Vilhena, utilizando-se de fotos, história oral, vídeos, e entrevistas.

Em 1980 a edificação foi reconstruída, agora em tijolos. A partir desta reconstrução a edificação é transformada em Museu Casa de Rondon (Museu Casa de Rondon, 2024).

Ao longo do tempo a Casa de Rondon passou por anos de preservação e abandono. Durante os anos 80, na gestão do prefeito Vitório Abrão foi agregado ao seu complexo um Zoológico (Figura 11 e 12), além da exposição de diversos materiais do antigo posto telegráfico. Havia até mesmo uma carcaça de jacaré-açu. As escolas faziam excursões para visitar o museu e durante os fins de semana havia densa visitação.

Figura 11: Sede do telégrafo em Vilhena - Década de 1980

Fonte: Acervo Museu Casa de Rondon (2025) adaptado por Olívia S. Bagattoli (2025)

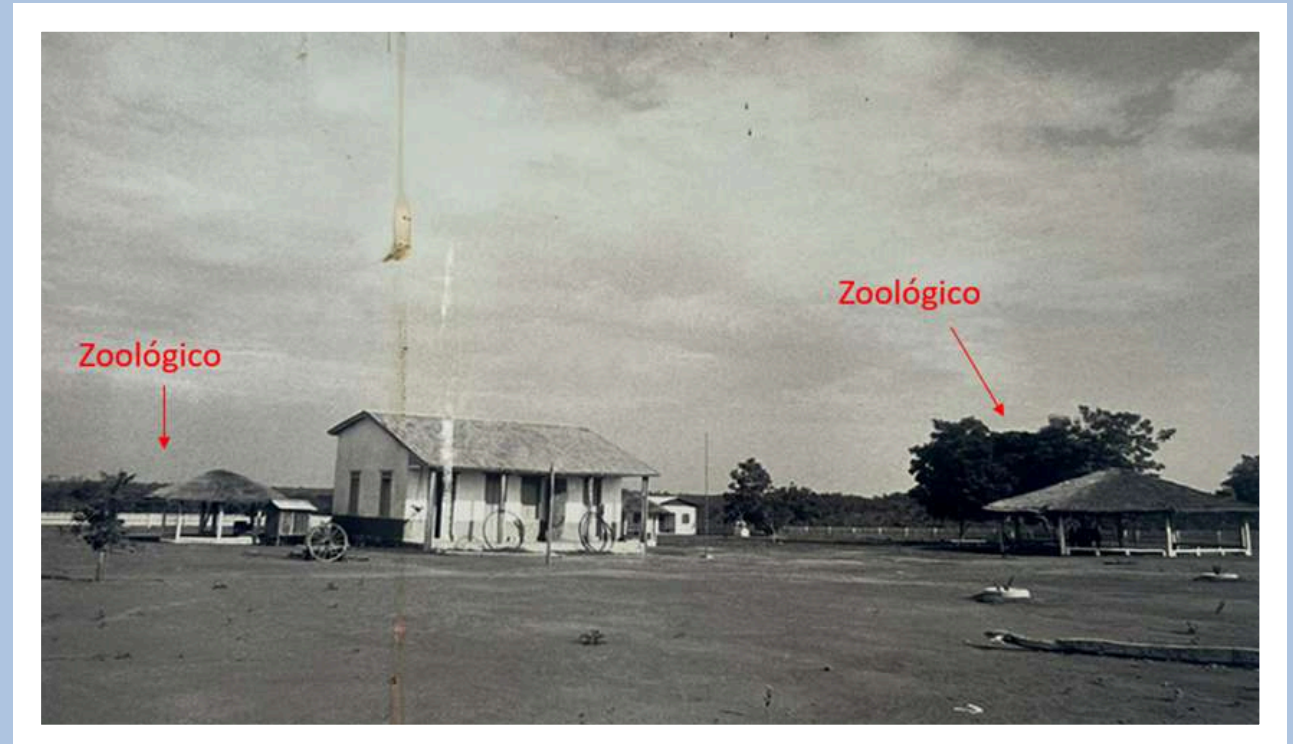


Figura 10: Museu Casa de Rondon - Década de 1980
Fonte: Acervo do Museu Casa de Rondon (2025)



Figura 12: Sede do telégrafo em Vilhena - Anos 2010 antes da restauração
Fonte: Acervo do Museu Casa de Rondon (2025)

Importante destacar que Marciano Zanoecê, indígena da etnia parecis, nascido em Cuiabá, Mato Grosso, chegou em Vilhena em 1943 para o ofício de telegrafista, casado com Maria Augusta, tiveram 8 filhos, todos na estação telegráfica, faleceu em 1997. A família morou por muitos anos nas imediações do posto teleográfico, e permanece como história viva deste período (Museu Casa de Rondon, 2024).

Foi durante esta época que o Museu Casa de Rondon ganhou para seu acervo uma escultura em tora de madeira, feita pelos escultores Carlos Pinto e Neide Pires. O monumento representando Marechal Rondon localiza-se na entrada do Museu (Figura 13).



Figura 13: Sede do telégrafo em Vilhena - 2024
Fonte: Grupo Memória Vilhenense (2024)



Figura 14: Sede do telégrafo em Vilhena 1996 - antes da restauração
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense (2023)

Figura 16: Museu Casa de Rondon - Antes da Restauração
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense (2014)



Figura 15: Museu Casa de Rondon - 1996
Fonte: Acervo Museu Casa de Rondon (2025)

Em 2012 a edificação encontrava-se sob administração da aeronáutica. A casa é restaurada pela Prefeitura de Vilhena através de um convênio com o Governo Federal. No mesmo ano, a edificação é tombada pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Após a intervenção houve uma tentativa de reaver os objetos históricos, saqueados nos anos de abandono), sem sucesso (Museu Casa de Rondon, 2025).

Após alguns anos o Museu Casa de Rondon entra novamente em estado de abandono, como observa-se na Figura 17.

Em 2021 o Museu passou por uma nova reforma, patrocinada pelo Ministério do Turismo. A reforma incluiu a restauração da edificação, construção de calçadas, uma sede administrativa e o plantio de árvores nativas.

Em 2024, durante o festival gastronômico promovido por uma das Cooperativas de Crédito da cidade de Vilhena, o museu foi reaberto ao público com uma exposição contando sua história, com os poucos objetos recuperados. Nesta tentativa de resgate da história o sucesso foi tanto que a prefeitura decidiu manter o museu aberto ao público.

Infelizmente parte da exposição promovida pela cooperativa de crédito foi desmontada e atualmente, há uma exposição de fotos que contam a história do museu, e também uma sala em exposição sobre a história de Marciano Zanoecê, com fotografias e cartas da época em que era telegrafista no posto de Vilhena



Figura 18: Museu Casa de Rondon - 2018
Fonte: Herbert Weil, Museu Casa de Rondon (2025)

Figura 18: Museu Casa de Rondon - 2018
Fonte: Herbert Weil, Museu Casa de Rondon (2025)



3.2.2 Arquitetura da Estação Telegráfica de Vilhena

Ao analisar arquitetonicamente a edificação pode-se observar que a tipologia arquitetônica da Casa de Rondon é o estilo neocolonial, movimento estético que se desenvolveu no final do século XIX e início do século XX, resgatando o estilo colonial brasileiro influenciado por portugueses, indígenas e outras culturas que se miscigenaram nas influências das construções do Brasil. Na região de Vilhena haviam apenas construções indígenas, e, neste sentido, a Estação Telegráfica é a primeira fora deste contexto.

“A Casa de Rondon, primeira edificação fora do contexto indígena, apresenta formas coloniais, com janelões e portas de duas folhas, características das “casas de fazenda”. Mais tarde, as cores azul e branco se tornaram marcantes, refletindo o período. As tintas brancas eram feitas de cal, um material abundante e barato em muitas regiões. O azul, embora um pouco mais caro, ainda era relativamente acessível, sendo feito a partir de pigmentos naturais”.

OLIVAR, Júlio. Entrevista concedida à Olivia S Bagattoli. Novembro de 2024.

O estilo Neocolonial foi um movimento estilístico arquitetônico, iniciado em 1910, que buscou através da arquitetura determinar um estilo genuinamente brasileiro (WEIMAR, 2012). Contrapondo-se ao estilo eclético (combinação de diferentes tendências arquitetônicas), o neocolonialismo revisita as influências arquitetônicas portuguesas do Brasil colônia adicionando materiais e técnicas construtivas mais modernas. Este estilo foi amplamente utilizado nas edificações institucionais do início do século XX, sendo a Estação Telegráfica uma representação deste estilo.

O neocolonial aparece mais como referência quase obrigatória aos que se debruçam sobre a arquitetura do século XX do que propriamente como objeto principal das atenções; uma das etapas finais na longa sequência de modismos que se estende do Brasil Colônia à modernidade (KESSEL, 1999). Uma visão de mundo e do Brasil que tenta combinar o culto à tradição e a especificidade da cultura brasileira. A recuperação da tradição pelo neocolonial teve a função de desvelar uma origem pretensamente pura e perfeita da brasilidade (WEIMER, 2012), que teria sido posteriormente alterada, desfigurada pelo progresso e pela urbanização. De reação de vanguarda ao que era visto como excesso de estrangeirismo eclético na arquitetura que se fazia no Brasil do início do século XX, transmuta-se em resistência ao modernismo calcada ideologicamente no tradicionalismo conservador.

⁷Alpendre: Pequena varanda

⁸Colunata: Sequência de colunas que formam um elemento arquitetônico decorativo.

⁹Cachorro: tipologia arquitetônica de um beiral

¹⁰Pináculos: Parte superior da janela.

¹¹Padieiras: Elemento que sustenta a esquadria.

É possível observar estes elementos neocoloniais na edificação, a base da edificação em cantaria, estrutura aparelhada em pedras justapostas, com finalidade estrutural ou ornamentativa. As paredes originalmente em adobe, que posteriormente foram substituídas por tijolos.

As telhas em barro, sintetizando bem o estilo colonial, foram, com o passar dos anos e das restaurações que a edificação foi submetida, alteradas por telhas de barro industrializadas.

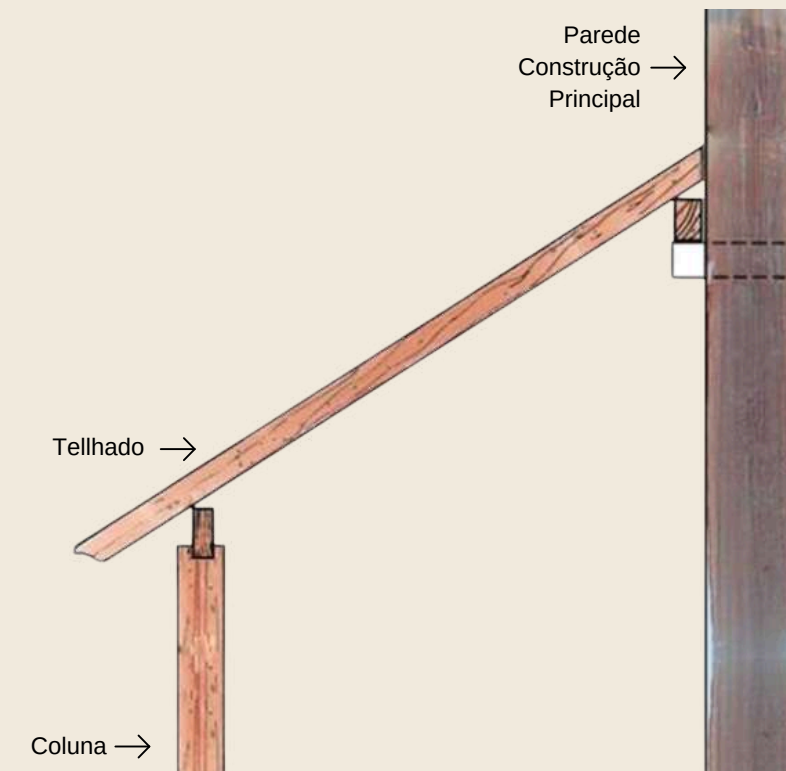


Figura 19: Detalhe do alpendre
Fonte: Coisas da Arquitetura (2010)

Na parte da frente da edificação é possível observar o alpendre⁷ (Figura 19), uma varanda, de um lado apoiada na edificação, no outro apoiada em pilastras feitas em madeira rústica, possivelmente retiradas da mata da região, formando uma colunata⁸ de troncos de madeira.

No encontro entre o telhado e a colunata observa-se a peça de madeira que se apoia no frechal e sustenta o beiral, denominado na arquitetura colonial como cachorro. Este elemento além de cumprir sua função estrutural também compõe a ornamentação da edificação. Por mais simples que o cachorro⁹ se apresenta, na edificação analisada, há uma função estética pautada na edificação.

Nas janelas identifica-se a estilística neocolonial. A edificação é formada por portas e janelas em madeira, com uma abertura em duas folhas, com pináculos¹⁰ na parte superior, para ventilação. As padieiras¹¹, elementos que sustentam a estrutura acima da esquadria, são formadas pelo tipo reto, demonstrando um elemento mais simples, em especial para ser executado nas condições de sua construção (Figura 20).

Figura 20: Sede do telégrafo em Vilhena - 2025
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense (2024)



A pintura da edificação é feita em cal, abundante e barato na região, com as esquadrias na cor azul, para produzir tal cor foram utilizados pigmentos naturais da região.

“As tintas brancas eram feitas de cal, um material abundante e barato em muitas regiões. O azul, embora um pouco mais caro, ainda era relativamente acessível, sendo feito a partir de pigmentos naturais”.

OLIVAR, Júlio. Entrevista concedida à Olivia S. Bagattoli, Novembro de 2024.

O sincretismo construtivo caracterizado pela fusão de técnicas construtivas e saberes empíricos observa-se através dos materiais regionais utilizados, como a madeira, o adobe, e também nos materiais trazidos pelos construtores, como ferragens e ferramentas, como observa Júlio Olivar em entrevista concedida para Olivia S. Bagattoli.

“(…) creio que o principal desafio era a logística. Como trazer material sem haver estradas? Tudo no lombo de bois e mulas. Foi assim que a Casa de Rondon foi feita, em boa medida. Aproveitaram material da região (madeira, barro, bambu, sapé…), mas também trouxeram ferragens, aviamentos, ferramentas etc. Só mais tarde com a abertura da BR as coisas facilitaram um pouco. Mesmo assim, a BR só foi asfaltada em 1984. Até então, era muito difícil transpor os lamaçais”.

OLIVAR, Júlio. Entrevista concedida à Olivia S. Bagattoli, Novembro, 2024.

Este sincretismo construtivo caracterizado pela fusão de técnicas construtivas é claramente observado na arquitetura da edificação que resistiu ao tempo, mesmo que com modificações. A edificação permanece na memória Vilhenense como a casa de Rondon, mesmo este nunca morado na cidade. A reabertura do Museu pode resgatar esta interessante página da história.

3.3 Edificação década 1960

3.3.1 Contextualização histórica

A década de 1960 foi marcada por uma grande industrialização do Brasil e conseqüentemente uma grande urbanização. Houve grande mobilidade de pessoas para os centros urbanos. Apesar da forte industrialização e crescimento dissipou-se grande instabilidade política tendo seu ápice no golpe de estado que culminou na ditadura militar instaurada em 1964. A economia mundial também sofria abalos chegando ao ápice do pós-guerra com a escalada da guerra fria tendo como protagonistas os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviética. A urbanização crescente tornou-se um grande desafio para o país, eram necessárias moradias, escolas, unidades de saúde, e demais serviços para atender a crescente demanda nas cidades. A utilização de estruturas pré-moldadas, então em fase inicial, tinham o objetivo de facilitar a execução das obras e diminuir o tempo de construção.

Em 02 de fevereiro de 1960, o presidente Juscelino Kubitschek decidiu abrir a BR 364 (BR 029)¹², ligando Cuiabá no Mato Grosso ao Rio Branco no Acre. A inauguração do trecho Cuiabá-Porto Velho ocorreu no ano seguinte. O projeto da rodovia foi idealizado por Euclides da Cunha¹³ e a proposta foi feita pelo governador do Território Federal do Guaporé (Rondônia), Paulo Nunes Leal¹⁴. Até aquele momento só haviam as picadas deixadas por Marechal Rondon para o Telégrafo no início do século XX. O DNER - Departamento Nacional de Estradas e Rodagens ficou incumbido da construção.

Até aquele momento, estradas que cortavam a região Norte do país não existiam, e os meios existentes para acesso ao Estado de Rondônia eram, ou por barco através dos rios navegáveis, ou por avião. Havia ainda uma precária estrada de ferro que levava de Guajará-Mirim a Porto Velho, deixando por desbravar todo o restante do estado. É a partir da abertura da BR 364 que se abre a maior frente de migração interna do Brasil (HERVÉ, 2010) e também sua fronteira econômica mais próspera.

¹²Primeiramente chamou-se BR 029 e posteriormente BR 364.

¹³Euclides da Cunha, possivelmente trata-se do militar, escritor e jornalista brasileiro, que viveu entre 1866/1909

¹⁴Paulo Nunes Leal foi militar, engenheiro e político brasileiro. Foi governador do Território Federal de Rondônia de 1954 a 1955. Fez a sugestão da construção da BR 029 ao presidente Juscelino, uma vez que este já havia ligado por rodovias Brasília a Porto Alegre no Rio Grande do Sul e Belém no Pará, sugerindo fazer o "outro braço da cruz" ligando Brasília no Distrito Federal à Rio Branco no Acre. O relato pode ser lido em seu livro O Outro Braço da Cruz.

Figura 21: Foto da placa da Pista de Pouso, década de 1960
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense (2024)



3.3.1 A Casa do 5º BEC

Com a abertura da BR-029 em 1960 a Construtora Camargo Corrêa instala na cidade de Vilhena um canteiro de obras. Nesta época é construída uma pista de pouso (Figura 21), que servia para receber materiais e pessoas. A Casa do 5º BEC, ou residência dos engenheiros (Figura 22), como ficou conhecida, foi escolhida para este trabalho pois é uma das primeiras edificações da cidade de Vilhena. À época Vilhena possuía poucas residências e é somente após a construção da BR-029 que se tornará uma vila. A edificação é de 1964 (OLIVAR, 2024), remanescente deste período e apesar da falta de manutenção continua de pé sem alterações.

A edificação é construída em um amplo terreno com aproximadamente 1500m², observando-se um grande afastamento dos limites. Elevada a 60cm do solo, o que proporcionou uma excelente conservação. O telhado é dividido em duas águas em telha de amianto. É também perceptível tratar-se de uma construção pré-fabricada, visível pelo uso compensado e pelos encaixes (Figura 24).

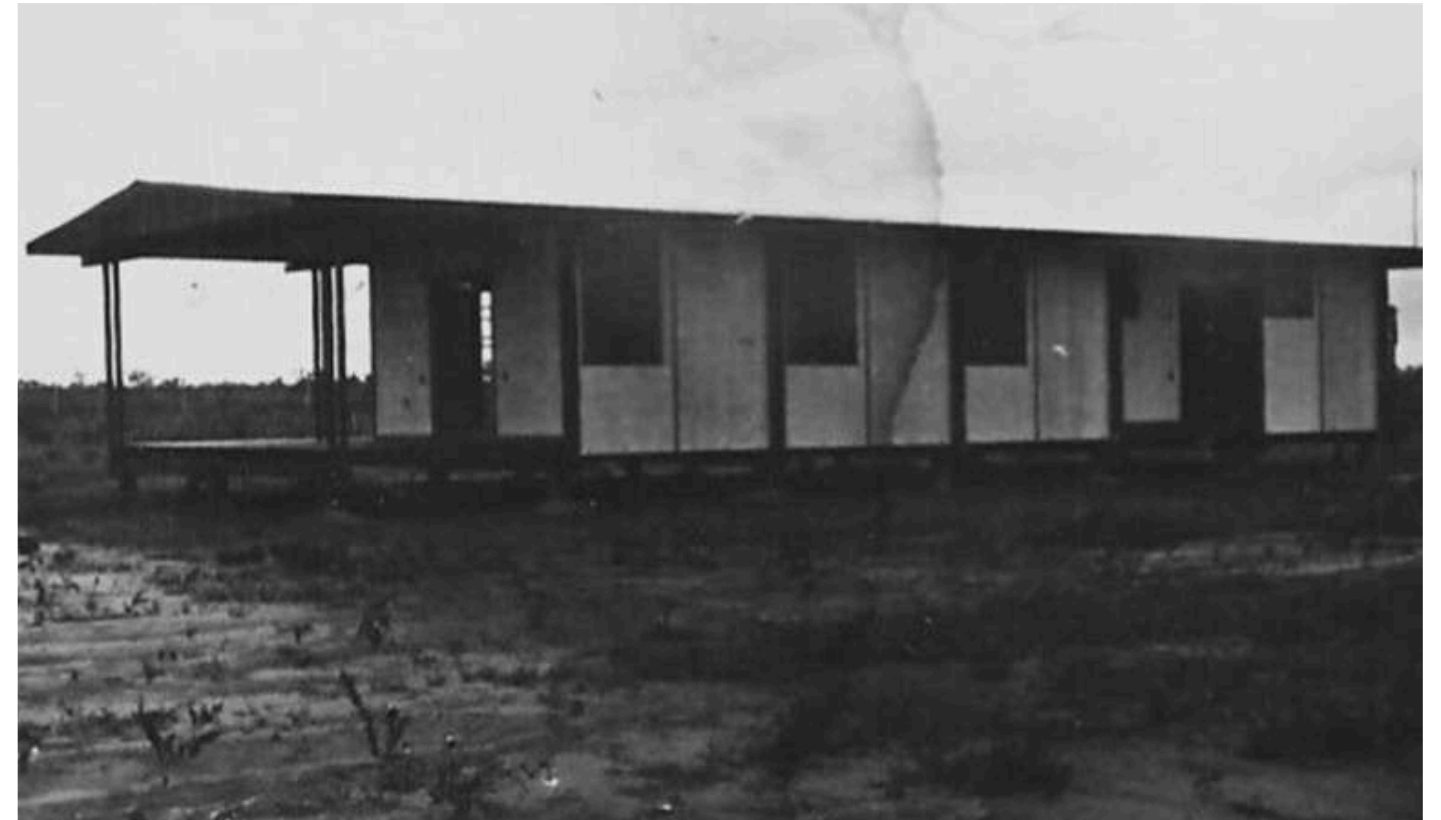
Figura 22: Croqui da residência dos Engenheiros
Fonte: Cleidson Freitas (2023)



“A casa mostrada na foto foi pré-moldada e trazida do Rio de Janeiro em 1964, para servir de moradia ao comandante do 5º BEC. Mais tarde, foi repassada a este trabalhador, sr. Luis, remanescente que ainda vive na rua Washington Luís”.

OLIVAR, Júlio. Entrevista concedida à Olivia S. Bagattoli.
Novembro de 2024.

Figura 23: Casa do 5º BEC. Foto da década de 1960.0
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense (2021)



Construída em madeira com intervalo de vigas e pilares observa-se a utilização de compensado naval com encaixes feitos com parafusos. A casa é elevada do chão cerca de 60 centímetros. As varandas e o piso interno são feitos em madeira de assoalho, já o forro interno e externo são feitos em madeira estreita (OLIVEIRA, 2021), observados na Figura 24.

As janelas são amplas e possuem aberturas do tipo máximo ar (Figura 25), com três bandeiras em vidro liso e uma bandeira em superior tipo veneziana em madeira (OLIVEIRA, 2021). As janelas dos banheiros possuem uma parte em vidro e uma bandeira superior em veneziana.

Os acessos à residência são feitos pela varanda frontal (Figuras 23 e 25) em formato de “L”, que contorna a sala. O programa de necessidades é composto por varanda, sala, cozinha, dois banheiros e quatro quartos.

Figura 24: Casa que serviu de alojamento para os engenheiros da empresa Camargo Corrêa, responsável pela construção da BR-029.
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense (2024)



Figura 25: Vista da varanda e detalhe das janelas
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense (2021)

Segundo Oliveira (2021), o conforto e qualidade das instalações denotam um padrão residencial elevado para o local na década de 1960, possuindo até mesmo aquecimento de água nos banheiros, fato comprovado pelos encanamentos originais em metal. As cores originais ainda estão visíveis na edificação, azul e branco.

Atualmente a edificação pertence à família Kameya que é pioneira de Vilhena. Na fotografia observa-se a grade baixa na frente das residências, os compensados de vedação apesar das marcas do tempo permanecerem em bom estado, muitas plantas e árvores cresceram dando um novo entorno à edificação. Encontra-se aparentemente sem uso, apesar do terreno ser ocupado por uma nova construção localizada mais aos fundos, a edificação carece de manutenção e reparos.

À época de sua construção, Vilhena não possuía muitas residências e a edificação foi implantada num campo sem delimitações de terreno, como pode-se observar na Figura 23. Supõe-se que as suas ruas do bairro 5º BEC, onde está localizada, tenham sido traçadas anos depois de sua construção. Atualmente o entorno é composto de residências que aparentam ser de décadas bem mais recentes.

4.1.3 Edificação década de 1970

4.1.3.1 Contextualização Histórica

Os anos de 1970 são marcados pela predominância dos militares no estado. Direitos civis foram cassados, a imprensa foi censurada, houve a mais cruel e brutal perseguição a opositores no Brasil. No âmbito sócio-econômico é conhecida (1970) como o 'Milagre Econômico'¹⁵ com crescimento do PIB - Produto Interno Bruto, redução da Inflação, crescimento industrial, e grande fortalecimento do poder estatal. As políticas econômicas desenvolvimentistas, o cenário internacional e as intervenções do estado nas políticas econômicas, de crédito e fiscal, propiciaram um grande crescimento econômico.

Na arquitetura o estilo Modernista¹⁶ ainda pairava, com seu caráter arquitetônico revolucionário, inspirado pelas ideias de Le Corbusier, o modernismo teve seu ápice com a construção de Brasília em 1960. Entretanto, após o golpe militar de 1964 e a perseguição aos ideais progressistas, houve a desaceleração do movimento. Por outro lado, o Brutalismo¹⁷ ascendeu, realçando a estrutura e o concreto, o estilo foi amplamente utilizado nas obras da década de 1970, especialmente nas obras públicas, demonstrando a grandeza e a presença do estado. O estilo também ganhou o gosto popular, com a construção de diversas residências, em especial nos grandes centros urbanos.

Em Rondônia, a configuração da BR 364 redefine a ocupação do estado, que não se dá mais pelo nordeste (do estado de Rondônia), através do Rio Madeira, mas sim, pelo Sul, através da BR 364. Aos poucos a ocupação vai criando novas vilas e cidades, os migrantes começam a chegar aos montes, vindos fortemente do Sul e Sudeste (HERVÉ, 2010). A população então pode se estabelecer, não sendo mais um território isolado, mas integrado ao restante do país, ainda que haja diversas dificuldades, entre elas os atoleiros na BR 364. É nas cidades antigas (Porto Velho e Guajará) onde se concentra o essencial para a subsistência da população e seu crescimento, entretanto, é nas cidades novas localizadas ao longo da BR 364 que irão se concentrar os migrantes.

É importante destacar a atuação do 5º BEC - 5º Batalhão de Engenharia e Construção do Exército Brasileiro que teve papel relevante na manutenção da rodovia (BR 364), dispendo de um grande parque industrial e um orçamento que equipara-se ao do território federal. A SUCAM - Superintendência das Campanhas de Saúde Pública responsável pelas endemias, realizando um trabalho de alcance amplo em toda a região. E, entre outros órgãos, o INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, com seus PIC - Projetos Integrados de Colonização, controlando a distribuição de terras no estado (HERVÉ, 2010). Estes órgãos atuarão com protagonismo no desenvolvimento do estado.

Em Rondônia, no que se refere à economia, o extrativismo vegetal e mineral tiveram grande destaque na história do estado, primeiramente com as bandeiras e depois com o extrativismo da borracha, da castanha e da cassiterita. Da mesma forma, a madeira, em grande abundância na região, principalmente a madeira de lei (mogno, cedro, etc), foi rapidamente explorada, antes da agricultura e pecuária. Esses madeireiros vinham em sua maioria do Paraná, onde a rarefação do pinheiro araucária não justificava mais tantas serrarias (HERVÉ, 2010).

As serrarias posicionaram-se de forma a receber a madeira deflorestada pelos colonos. Os colonos eram em sua maioria agricultores dos projetos de reforma agrária promovidos pelo INCRA (Ouro Preto, Sidney Girão, Gy-Paraná) que fomentaram a migração de milhares de pessoas. Havia também projetos de colonização privados (Calama e Espigão do Oeste) e projetos de colonização pública promovidos pelo governo do Território Federal (Candeias, lata, Periquitos e outros). Eram famílias (em sua maioria) que buscavam o território para se estabelecer definitivamente. O conjunto: colonos e serrarias, fomentaria o grande ciclo econômico e migratório do estado na década de 1970 (HERVÉ, 2010).

Vilhena já era um pequena e esquecida vila antes da abertura da BR 364, entretanto é com o traçado da rodovia que atingirá novos contornos. A cidade não foi contemplada com os projetos de colonização do INCRA, entretanto valendo-se de sua privilegiada localização, como porta de entrada do estado, recebia os migrantes, que a priori aguardavam na cidade o assentamento feito pelo INCRA. O PIC/PAR - Projeto de Colonização Paulo de Assis Ribeiro, foi realizado na Gleba Corumbiara, abrangendo as cidades de Colorado do Oeste e Cerejeiras, cidades estas que pertenciam a Vilhena, emancipadas somente na década de 1980. Os lotes de terras foram divididos em 2 quilômetros de fundo por 500 metros de frente, dispostos em linhas e eixos. Cabia ao colono abrir a terra, ocupada pela floresta.

A grande maioria dos migrantes chegavam em busca dos projetos de reforma agrária, aguardavam na cidade e seguiam para seus lotes, entretanto voltavam à cidade com frequência em busca de alimentos, ferramentas e demais materiais para a subsistência. Havia ainda os migrantes que vinham em busca de novas oportunidades, como os madeireiros, ante a grande oferta vinda do desflorestamento, comerciantes e prestadores de serviços, faltava tudo. Deste modo, a cidade de Vilhena na década de 1970 é uma grande celeiro de oportunidades, mesmo não contemplada pelos projetos do INCRA.

A arquitetura em Vilhena, durante a década de 1970, dava seus primeiros passos. A pequena vila tomava formas de cidade, entretanto tudo era muito precário, a recém aberta BR 364 abria novas possibilidades.

¹⁵ Milagre Econômico: Período de rápido crescimento econômico entre 1968/1973.

¹⁶Estilo arquitetônico predominante de 1930 a 1960 o qual teve a predominância da escola carioca de arquitetura.

¹⁷O Brutalismo foi um estilo arquitetônico que predominou de 1950 a 1970 e teve a predominância de arquitetos paulistas.

4.1.3.2 Capela da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora

A Capela da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora (Figura 26), inaugurada em 1970, a Igreja começou a ser construída em 1967 pelo Padre Ângelo Spadari. Segundo Pedro Brasil, desde 1936 o Padre Ângelo (Figura 26) Spadari percorria a região através das picadas abertas por Marechal Rondon, com o objetivo de catequizar índios e novos fiéis e a partir de 1950 missionários fixaram-se na região (BRASIL, 2000).

Figura 26: Croqui Igreja Nossa Senhora Auxiliadora
Fonte: Cleidson Freitas (2023)



A edificação simboliza o início da cidade de Vilhena e está localizada no centro da cidade (Figura 27), onde iniciou-se de fato a pequena Vila, nos arredores do posto de gasolina e da pista de pouso da Construtora Camargo Corrêa. Hoje ocupa um terreno de 1000 m², e abriga a Igreja matriz, o galpão de eventos da paróquia e as salas de catequese.

Em 1963 o Padre Ângelo Spadari¹⁸, se transferiu para Vila de Rondônia (Ji-Paraná/RO), o padre fazia visitas frequentes à Vila de Vilhena (Figura 28) e naquele ano, em 27 de outubro de 1963, foi celebrada a primeira missa, comparecendo cerca de 35 moradores. Na época, a Vila de Vilhena era formada pela estação telegráfica, destacamento da FAB - Força Aérea Brasileira, DNER - Departamento Nacional de Estradas e Rodagens, e uma pensão rústica para os funcionários da rodovia (BRASIL, 2000).



Figura 27: Mapa de localização da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora
Fonte: Olivia Savia Bagattoli (2023)



Figura 28: Foto aérea da cidade de Vilhena, possivelmente final da década de 1970
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense (2023)

¹⁸Ângelo Spadari, foi um padre italiano natural de Agualonga Baldona, nascido em 1910. Chegou à Vila de Vilhena em 1963. Fundou a primeira igreja da cidade de Vilhena.

A Igreja somente seria construída no final de 1967, quando o Padre comprou em Cuiabá os primeiros sacos de cimento para a construção. O comerciante Donato Ferreira de Queiroz se responsabilizou pela construção do alicerce, contratando o pedreiro Severino, vindo de Vila de Rondônia. O terreno havia sido preparado com o maquinário do 5º BEC/DNER pelo Sêo Peruca (Alcides Gonçalves de Siqueira, funcionário de uma das empreiteiras responsáveis pela rodovia) (BRASIL, 2000).

“(…) e a Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, a segunda edificação em alvenaria da cidade, em 1970. A primeira em alvenaria foi uma casa dentro das instalações da Base Aérea, construída no início da década de 1960 sob ordens do sargento Aymoré Horta Pereira”.

OLIVAR, Júlio. Entrevista concedida à Olivia S. Bagattoli.

A construção durou três anos, e ganhou o nome de Nossa Senhora Auxiliadora, da qual o Padre era devoto (BRASIL, 2000). No Livro do Tombo (Figura 29), foi possível atestar a descrição detalhada da construção da Igreja, com fotos, registros do fluxo de caixa, pagamentos de materiais e mão-de-obra. É possível atestar despesas como sacos de cimento, pregos, tijolos, e receitas como os Bingos da Força Aérea Brasileira - FAB e da Paróquia para custear as obras de construção.

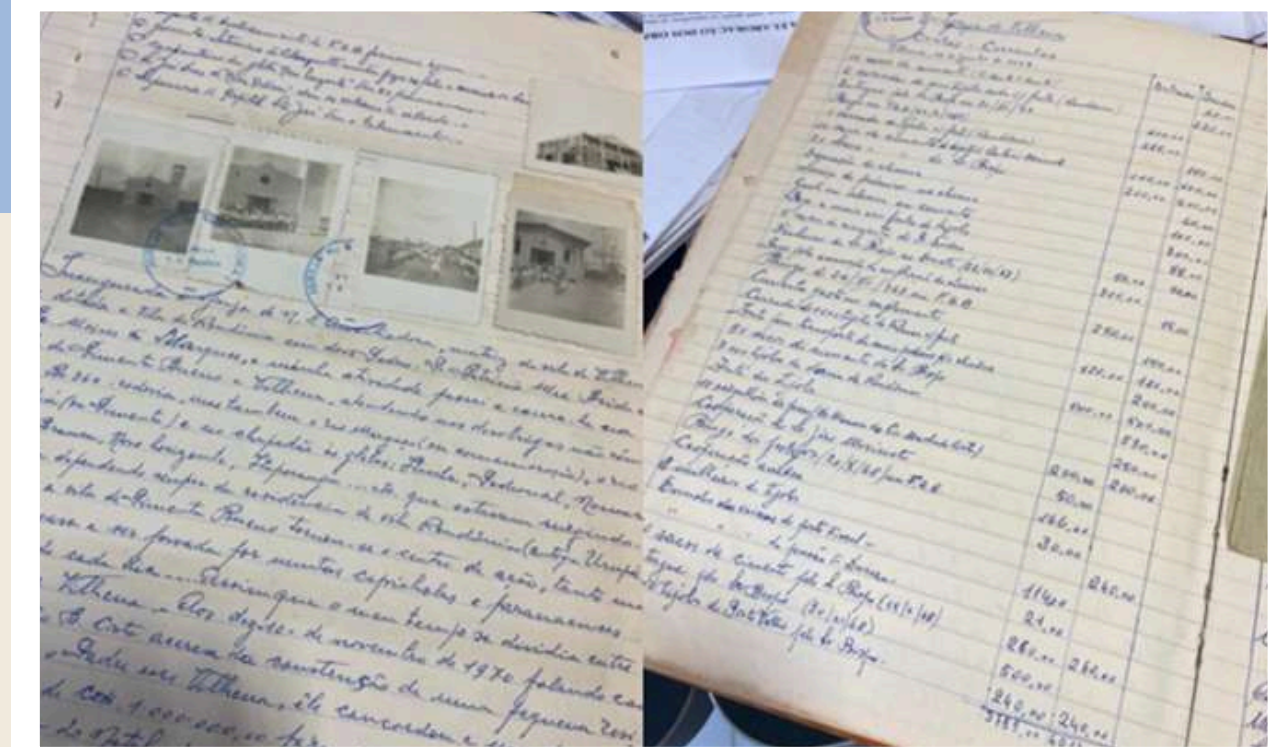
A Igreja foi construída em tijolo cerâmico, conforme os registros obtidos no Livro do Tombo. Aparentemente as paredes formam a parte estrutural da Igreja. Há relatos de moradores afirmando que a igreja foi construída sem ferro. Possui telhado disposto em duas águas com telhas de amianto.

”A capela da igreja foi em 1969, foi feita uma festa pra iniciar a arrecadação da igreja matriz. A igrejazinha foi construída sem ferragem, foi contratado um arquiteto de Porto Velho para fazer uma cinta de amarração”.

ABRÃO, Vítório. Entrevista concedida à Olivia S. Bagattoli. Fevereiro de 2024.

Originalmente possui quatro portas que dão acesso à parte interna, uma na fachada frontal sendo a porta principal em duas folhas de madeira, com abertura para fora, duas portas nas laterais, direita e esquerda da edificação, dando acesso à nave da igreja pela lateral, e uma porta de acesso pela sacristia, localizada nos fundos da igreja.

Figura 29: Livro do Tombo da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora
Fonte: Olivia Savia Bagattoli (2021)



É possível observar o fachadismo²⁰ (Figura 30), onde a fachada desconecta-se visualmente do corpo da edificação, possuindo na maioria das vezes uma decoração incrementada da fachada e uma simplicidade no corpo da edificação, observa-se, por exemplo, na construção da Igreja, onde o galpão principal é decorado com uma fachada mais elaborada e o corpo da edificação assemelha-se a galpão simples. Possivelmente a razão seja os custos da época e o difícil acesso aos materiais de construção, conforme registrado no Livro do Tombo. A carência de mão-de-obra especializada também justifica a simplicidade da obra. É nítido o deslocamento arquitetônico entre o corpo da edificação e sua fachada, conforme observado nas fotos atuais e da época (Figura 31).

O frontispício²¹ da Igreja (Figura 30) remete à arquitetura barroca, com frontão quebrado, entretanto tem-se a presença de rosácea²², janelas e elementos no altar feitos com metal e vitrais policromáticos que lembram elementos da arquitetura gótica, porém sem a iconografia bíblica. A simplicidade da fachada lembra as igrejas jesuíticas do Brasil colonial.

Na fachada ainda é possível verificar a presença de uma marquise demarcando a portada²³ e aplique com a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, apesar de simples, destaque-se como um elemento na fachada.

²¹Frontispício: fachada principal de um edifício, frontaria.

²²Rosácea: ornamento circular, remete a rosa, de formação radial com acabamento em vidro colorido, geralmente adornado, muito utilizado nas catedrais góticas, permite a passagem do foco de luz, iluminando a nave da igreja.

²³Portada: Porta da fachada principal

²⁰Fachadismo é a prática arquitetônica e de construção em que a fachada do edifício é valorizada em detrimento do restante da edificação. Também se refere quando somente a fachada do edifício é preservada com novos edifícios projetados atrás ou ao redor dele.

Possui ainda, torre sineira onde é possível verificar a presença de muxarabis²⁴ e relógio de sol (Figura 31), adicionado no final da década de 1970. Há ainda uma cruz sobre o frontão principal e outra sobre a torre sineira, bem como a incrustação de uma cruz em tijolo vazado na torre que abriga o sino.



Figura 30: Igreja Nossa Senhora Auxiliadora década de 1970/1980
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense (2021)



Figura 31: Igreja Nossa Senhora Auxiliadora
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense (2018)

Especula-se que a idealização da arquitetura da Igreja seja do Padre Ângelo Spadari. O piso era em cerâmica na cor marrom, forro em madeira em duas cores, formando uma cruz no centro da nave. As cores originais da Igreja são azul e branco, na parte externa, e verde e rosa na parte interna (Figura 32), conforme é possível observar em fotos da época.

No programa de necessidades da edificação há a nave principal em formato de cruz, confessionário, acesso à torre sineira, altar e duas salas para sacristia. No altar é possível observar os mesmos elementos do frontispício, frontão quebrado e a presença de pedestais para abrigar as imagens sacras.

O forro interno é feito em ripas de madeira, espinha de peixe²⁵ que ornamentam a igreja (Figura 33), destacando-se a área da nave com uma cruz em muxarabi pintada na cor branca. O forro externo das laterais é feito em madeira com encaixe macho e fêmea.

²⁴Muxarabi: treliça feita em madeira de origem árabe, utilizada para fechamento de janelas e balcões. Muito utilizado durante a arquitetura colonial.

²⁵Espinha de Peixe: Paginação para assentamento de revestimento como forro ou piso. As peças são colocadas encaixadas formando uma espinha de peixe.

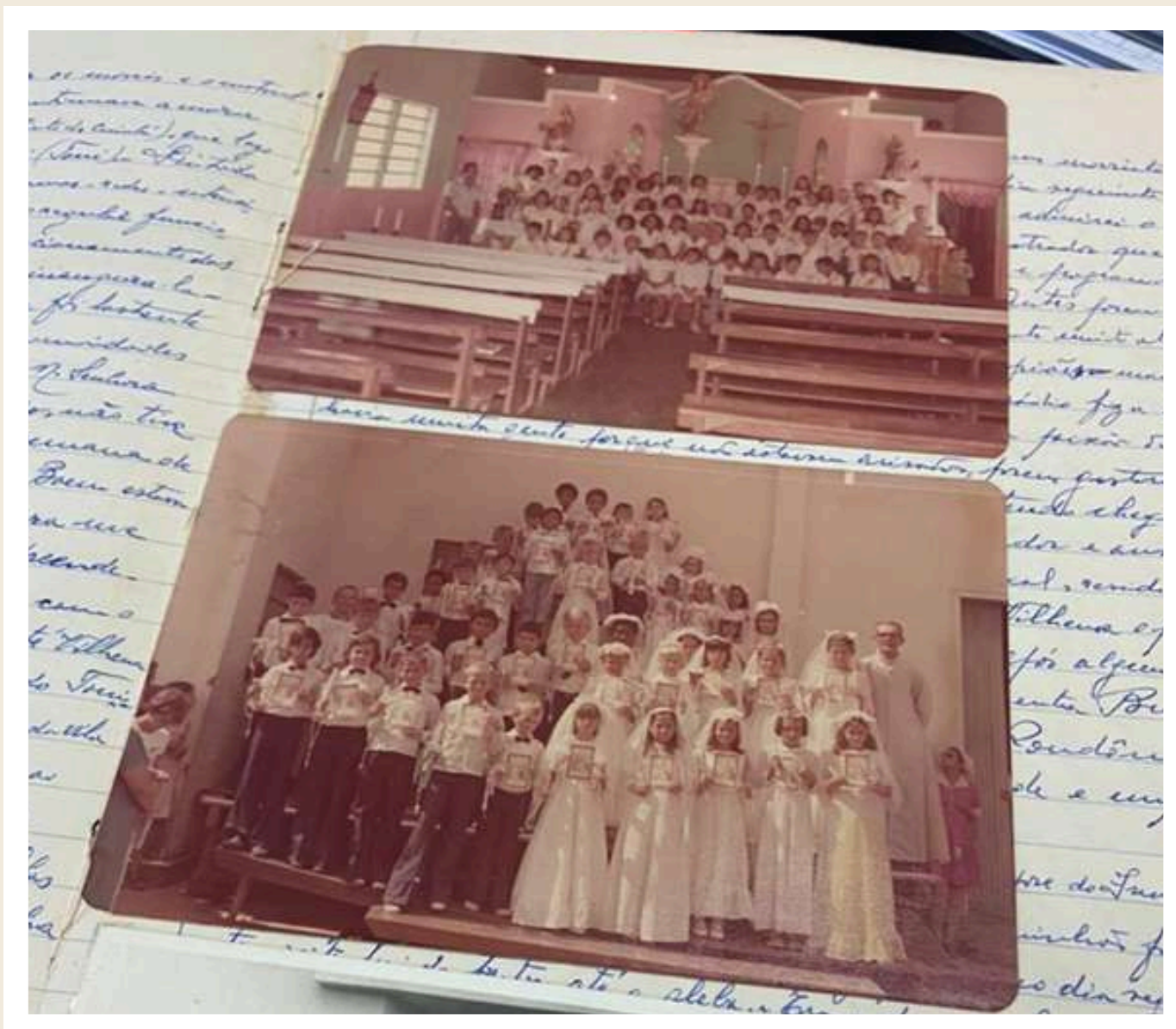


Figura 32: Fotos contidas no Livro do Tombo
Fonte: Olivia Bagattoli (2021)

A Igreja passou por uma reforma no início dos anos 2010, na qual foram modificados alguns elementos, como substituição do piso cerâmico por granito e modificação do altar, com inclusão de elementos em 3D descaracterizando o altar original e nova pintura interna e externa.

O estilo arquitetônico da Igreja pouco tem a ver com a colonização, mas relaciona-se com a visão missionária do Padre Ângelo Spadari, entretanto, a forma com que foi construída faz referência às limitações impostas aos pioneiros nas décadas de 1960 e 1970 possibilitando poucos recursos de materiais e mão-de-obra para a edificação da igreja.

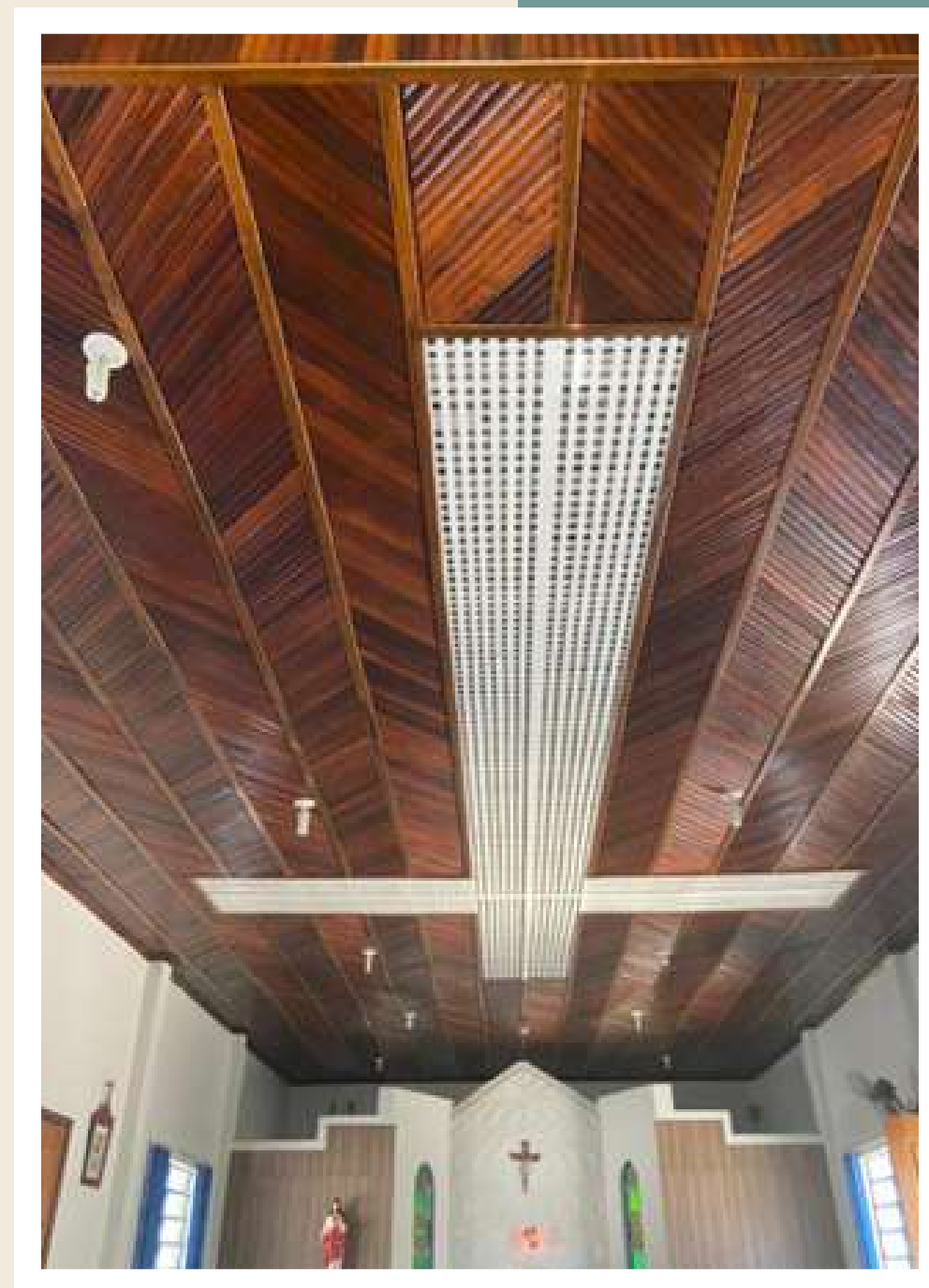


Figura 33: Parte interna da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora
Fonte: Olivia Bagattoli (2021)

3.5.2 As Casas de Madeira

As casas em madeira (Figura 35) proliferaram-se pela cidade, ora pela dificuldade de acesso aos materiais de construção e mão-de-obra especializada, ora porque as madeireiras operam a todo vapor e a oferta de madeira era abundante, de rápida construção, custo acessível, fácil mão-de-obra e um método construtivo já conhecido dos migrantes.

“Com a abertura da BR-364, surgiram inúmeras casas de madeira, no estilo predominante do Sul do país. Os colonos traziam influências europeias para Vilhena. No Sudeste do Brasil, por exemplo, não havia casas de madeira; isso era característico de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, colonizados por alemães, italianos, holandeses, entre outros, que, empobrecidos, encontraram na vasta oferta de matéria-prima e suas habilidades como construtores a solução para terem suas casas em terrenos (ou datas, como se dizia) geralmente doados pelo poder públicos ou “ocupados”. Esta influência está presente na arquitetura inicial da vila de Vilhena, refletindo também a força da cultura local”.

OLIVAR, Júlio. Entrevista concedida à Olivia S. Bagattoli. Novembro de 2024.

As “colônias”, como eram chamadas as vilas de casa de madeira, eram uma espécie de vila onde os trabalhadores da madeireira moravam, bem como o proprietário, todos em casas de madeira. Muitas madeireiras na cidade detinham suas colônias. Era preciso abrigar toda essa massa de trabalhadores que buscavam novas oportunidades de vida. As casas eram construídas nos pátios das serrarias. A casa dos trabalhadores era mais simples, muitas vezes sem pintura, com aberturas em madeira. Já a do madeireiro tinha em sua casa varandas, pintura, acabamentos mais refinados, adornos em carpintaria, aberturas em metal e vidro.

“O cenário não foi diferente durante o período do setor madeireiro, que durou de 1970 a 1998. Muitos donos de serrarias moravam nas empresas, junto aos trabalhadores, existiam verdadeiras colônias, criando uma relação de improviso. Embora não fosse uma regra geral, havia pouca diferença nos tipos de construção entre pobres, remediados e ricos, mudando apenas o tamanho e bens de consumo que cada qual podia ter dentro de casa e na garagem, variando de mobílias requintadas feitas por empresas como a de Bruno Carlotto – um expoente da carpintaria – a objetos improvisados. Mas todas as casas eram de madeira, nenhuma tinha TV até 1977, por exemplo”.

OLIVAR, Júlio. Entrevista concedida à Olivia S. Bagattoli. Novembro de 2024.

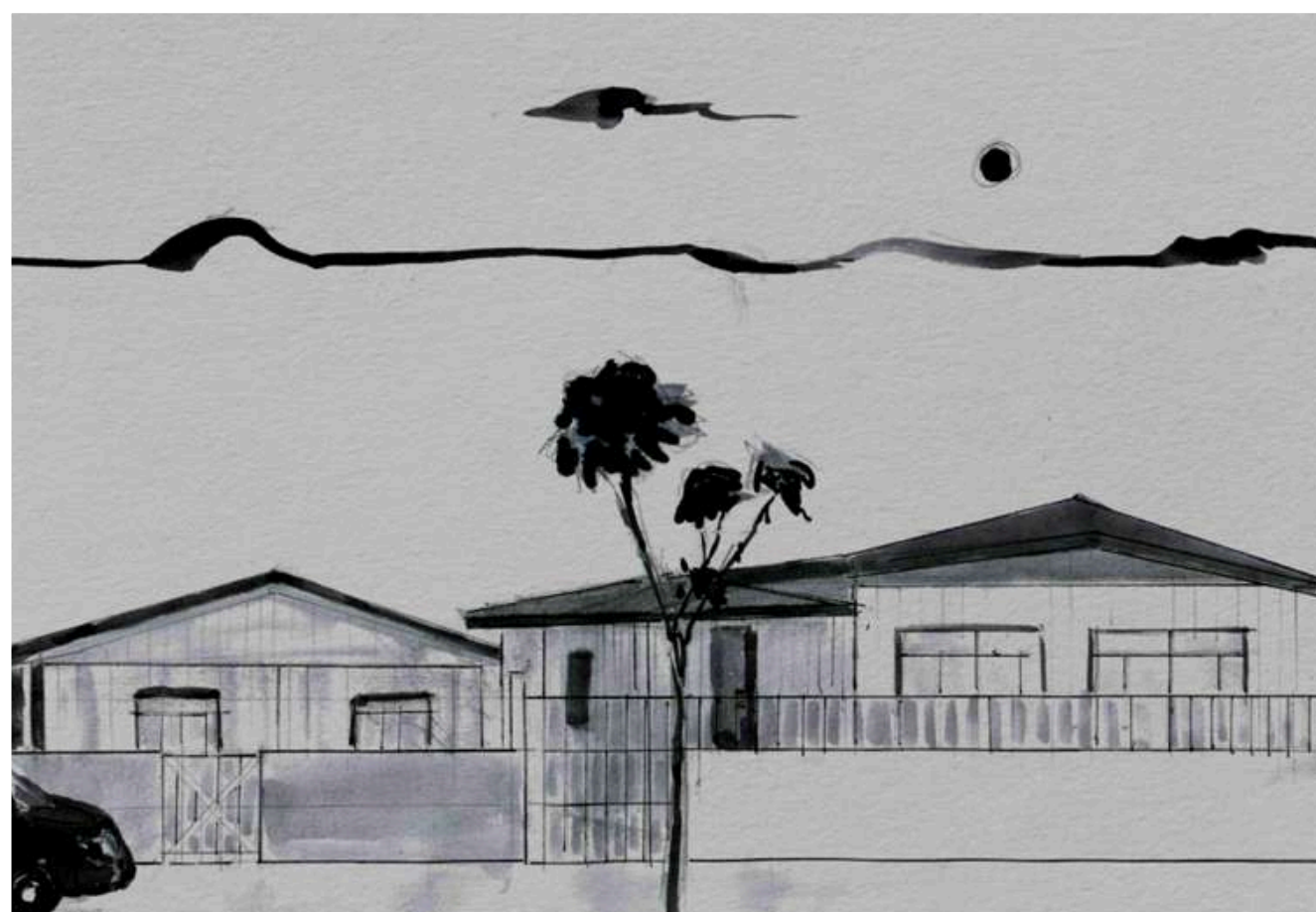


Figura 34: Colônia da Serraria Cáceres em Vilhena -1982
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense (2014)

A vasta abundância de madeira na região proporcionou muito além de matéria-prima para as primeiras edificações, o extrativismo vegetal da madeira foi amplamente explorado e rentável. A região era rica em madeira de lei, dentre as mais notáveis como mogno, cedro e peroba. As serrarias se posicionam ligadas à rodovia (BR 364), e o madeireiro não precisava se preocupar com a exploração florestal, uma vez que o deflorestamento cabia ao colono (HERVÉ, 2010). A cidade de Vilhena torna-se estratégica para receber a grande quantidade de madeiras, abrigando mais de 400 neste período (BRASIL, 2000).

É importante destacar que grande número desses madeireiros migraram do Paraná, onde a oferta de araucária diminuía (HERVÉ, 2010). Deste modo, o madeireiro que se instala ao longo da rodovia já tinha conhecimentos na exploração do recurso vegetal. As casas construídas em madeira em Vilhena seguirão a estética aplicada nessas regiões paranaenses e catarinense.

Figura 35: Croqui de uma casa em madeira
Fonte: Cleidson Freitas (2023)



Foi possível observar que as casas eram construídas sobre uma saia (Figura 36) feita em alvenaria, na qual eram lançadas as vigas de sustentação e posteriormente os pilares.

“No geral, na cidade, prevaleciam os conhecimentos empíricos e a mão de obra dirigida por mestres construtores”.

OLIVAR, Júlio. Entrevista concedida à Olivia S. Bagattoli. Novembro de 2024.



Figura 36: Detalhe da saia em alvenaria
Fonte: Olivia Bagattoli (2023)

Após a construção da estrutura de vigas e pilares era feito o fechamento em tábuas de madeira, geralmente as tábuas eram de garapeira, cabreúva, amarelinho, cambará, ipê roxo e algumas vezes até de mogno e cerejeiras, dada a abundância de madeira.



Figura 37: Antiga casa em madeira em Vilhena
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense (2022))

As tábuas de madeiras eram arrematadas com mata-junta, uma ripa de madeira que se utilizava para tapar as frestas deixadas pela junção das tábuas. A cobertura era geralmente feita em duas águas cobertas de telhas de amianto. No arremate entre o corpo da casa e o telhado era feita uma espécie de saia superior seguindo a angulação da cobertura, também em tábuas de madeira e mata-junta (Figuras 37 e 38).

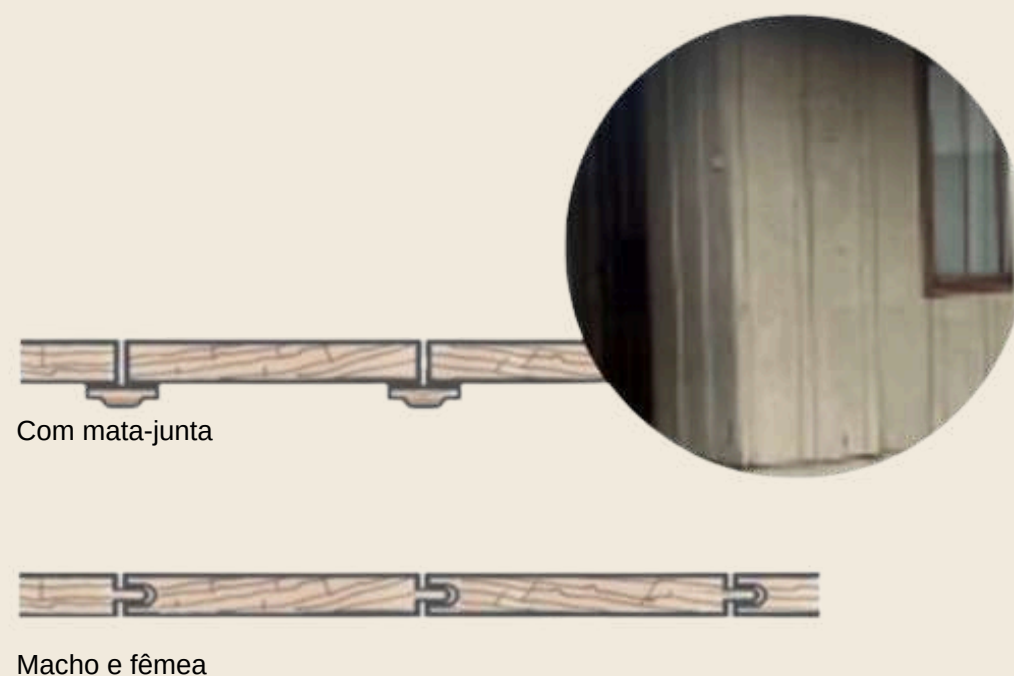


Figura 38: Ilustração encaixe madeira com mata-junta, forro macho e fêmea, detalhe da mata-junta
Fonte: Arquitetura Colonial Brasileira, Silvio Colin com foto em destaque

O programa de necessidade era composto de uma varanda na frente da casa, a qual dava acesso à residência, uma sala, dois a três quartos, cozinha e um banheiro feito em alvenaria. As casas mais pobres não possuíam banheiro no corpo da edificação, sendo que o banheiro ficava nos fundos do terreno, conhecido como fossa negra²⁶, eram feitos em madeira sobre um poço séptico na qual eram despejados diretamente os dejetos.

No piso eram utilizados tanto o assoalho de madeira como o piso em cimento queimado, geralmente na cor verde ou vermelha. O piso do banheiro era feito em cimento queimado. O forro era feito em madeira com encaixe macho e fêmea (Figura 38), tanto o forro interno como o acabamento do beiral.

Os acessos à residência eram feitos por uma porta localizada na varanda na frente da casa e por uma porta localizada na cozinha nos fundos da residência.

²⁶Fossa Negra: sistema de esgoto rudimentar, consistia num buraco no solo, sem revestimento, para receber os dejetos.

As esquadrias eram compostas por janelas em madeira com caixilhos para encaixe dos vidros e algumas residências possuíam venezianas que abriam para o exterior (Figura 34). Outras residências possuíam janelas feitas em ferro com encaixe de caixilhos para os vidros, que geralmente eram vidros canelados (Figura 36) As portas geralmente eram em madeira almofadada, tanto as portas internas como as portas externas.

Observa-se formas simples na edificação, possivelmente pela rapidez que as casas precisavam ser construídas e também pela escassez de recursos financeiros e mão-de-obra especializada e pelo material disponível. As casas eram construídas rapidamente visando abrigar os muitos migrantes que chegavam à cidade.

Com o passar dos anos a maioria das casas de madeira da cidade de Vilhena foram substituídas por edificações em alvenaria e parte das edificações remanescentes encontra-se em más condições, algumas, porém, estão em bom estado e em uso. Permanecem ainda, algumas casas na avenida principal, nos bairros do centro e no bairro 5º BEC e algumas em outros bairros afastados do centro, construídas fora deste período.

“Esses setores enriqueceram muitas pessoas, permitindo contatos com outras culturas e o aprimoramento acadêmico das novas gerações, em contraste com aquelas dos anos 1960-70, vindas das colônias e das pequenas cidades do sul do Brasil, empobrecidas e sem perspectivas, com uma mentalidade do Brasil Rural daqueles anos, por isso vieram para Rondônia: para vencer”.

OLIVAR, Júlio. Entrevista concedida à Olivia S. Bagattoli. Novembro de 2024.

Muitos desses migrantes que se estabeleceram na cidade de Vilhena tinham sua origem no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Descendiam em sua maioria de imigrantes italianos que se estabeleceram nessas regiões, eram muito habilidosos nas técnicas construtivas em madeira, dada a abundância da matéria-prima, e na serra, habilidade que já possuíam no país de origem (WEIMAR, 2012).

Um grande ciclo madeireiro tomou conta da região neste processo de colonização, uma vez que abertura das áreas, o deflorestamento, era obrigação dos colonos, as madeiras foram fundamentais para o desenvolvimento econômico da cidade, que chegou a abrigar uma grande quantidade, em sua maioria vindas do Paraná ou de Santa Catarina. No auge do setor madeireiro, Vilhena chegou a ter 137 serrarias (BRASIL, 2000).

3.4.2 Palácio dos Parecis - Universidade de Rondônia Campus Vilhena

No final dos anos de 1970 Vilhena se apresenta como uma pujante cidade e a pequena sede administrativa feita de madeira já não representa mais a cidade que se forma. Durante a gestão do primeiro prefeito nomeado (pelo governador do território), Renato Coutinho, é construído o Palácio dos Parecis (Figura 39), onde hoje se localiza o prédio da Unir - Universidade de Rondônia (BRASIL, 2000).

“Há também o prédio da UNIR, construído no final da década de 1970 para ser a sede da prefeitura, conhecido como Palácio dos Parecis, em homenagem aos indígenas que povoavam a região”.
“O primeiro prefeito a despachar neste edifício foi Renato Coutinho dos Santos, a partir de 1979. No entanto, ele foi desativado como sede da prefeitura em 1985. Posteriormente, o Estado doou o prédio à UNIR, e a prefeitura doou o terreno”.

OLIVAR, Júlio. Entrevista concedida a Olivia S. Bagattoli. Novembro de 2024.

A Universidade de Rondônia iniciou suas atividades em 1987, sendo o campus avançado da Universidade Federal de Rondônia (BRASIL, 2000). Após a eleição municipal (1982), a primeira da cidade de Vilhena, foi eleito o prefeito Vitório Abrão, que, durante sua gestão construiu um novo paço municipal, transformando o antigo Palácio dos Parecis num centro de educação para professores do município (ABRÃO, Entrevista concedida à Olivia S. Bagattoli). O prédio foi doado para a Unir pelo prefeito Elcio Carlos Rossi²⁷ como sede para a instalação da universidade²⁸.

“Na gestão do Coutinho ele fez a prefeitura onde hoje é a Unir. (...) a prefeitura deveria ser no centro da cidade de Vilhena, onde hoje está localizada”.

ABRÃO, Vitório. Entrevista concedida à Olivia S. Bagattoli. Fevereiro de 2024.

A construção foi erguida em estilo modernista regionalista²⁹, para definição deste estilo, levou-se em consideração a semelhança das obras com traços do estilo modernista, entretanto com a utilização de materiais, cores e técnicas construtivas tradicionais, adaptando ainda a arquitetura ao clima e materiais disponíveis na região amazônica. Por esta razão o termo modernismo regionalista é definido através da extensa observação do desenho arquitetônico das edificações na cidade de Vilhena.

O estilo modernista esteve em grande destaque no Brasil e no mundo nas décadas de 1960 e 1970, com decadências na década de 1980, entretanto, o estilo fez muito sucesso na região norte na década de 1980. E os materiais escolhidos para materializar o estilo foram os materiais encontrados na região, madeira para as aberturas e beirais, tijolo aparente para as vedações. Em razão dos materiais locais utilizados, junto com o estilo arquitetônico escolhido, cunhou-se o termo Modernismo Regionalista.

É importante destacar que o modernismo já não era o estilo predominante, seu período entrou em declínio ainda na década de 1960, entretanto, é natural que, por se tratar de uma cidade distante dos grandes centros, a modernidade demorasse a chegar, assim também ocorreu com a arquitetura. O estilo modernista levou tempo até chegar à cidade Portal da Amazônia. Além de tempo, era preciso também dinheiro. Para concretizar a arquitetura, em especial a modernista, faz-se necessário a utilização de materiais e mão-de-obra especializada, na época da abertura da BR 364 as construções eram de madeira, pau-a-pique ou adobe, técnicas construtivas acessíveis, simples e popularmente conhecidas em cidades interioranas do Brasil.

No edifício da Unir, é possível perceber o modernismo pelas formas robustas da edificação e também por ser, o modernismo, o estilo arquitetônico ainda predominante da época. Um pouco tardio dada a época de sua construção. O estilo foi amplamente difundido no interior do Brasil, especialmente utilizado em obras públicas. Importante destacar que o estilo modernista foi amplamente difundido para construção de centros político-administrativos. Em sua maioria, organizados afastados dos centros urbanos, reproduzindo o esquema de Brasília (SEGAWA, 2010).

Com o acesso aos materiais e mão-de-obra mais especializada, proporcionados pela crescente migração, as técnicas de construção também evoluíram. A modernidade chega, e com ela o tijolo, o cimento, o ferro. Com essa etapa evolutiva também se importa o estilo arquitetônico. O modernismo urbano das cidades como Brasília e Belo Horizonte, na arquitetura civil das obras imponentes que demonstram o imperativo da presença do poder estatal. Esta arquitetura aparecerá principalmente em obras públicas, como vemos na edificação da UNIR, construída para ser sede do paço municipal da cidade de Vilhena.

Acompanhada pelo crescimento sócio-econômico, a arquitetura passa a ser protagonista da modernidade e da evolução. As técnicas construtivas se especializam evoluindo de simples construções em madeira, ora pré-fabricadas, ora realizada por uma mão-de-obra pouco especializada, muitas vezes até improvisada diante da urgência necessária para abrigar o grande volume de migrantes. Os traços da arquitetura moderna serão estampados por diversas edificações na cidade.

Estes traços modernistas serão acompanhados de materiais locais, como uso de tijolo, algumas vezes utilizado de forma aparente, telhados inspirados na arquitetura indígena, e elementos decorativos como forros em madeira e muxarabis (Figura 42). Os materiais utilizados serão os mais contemporâneos disponíveis à época, como a telha de fibro-cimento, o tijolo como alvenaria de vedação e a estrutura feita com vigas e pilares em ferro e concreto. Diferente da arquitetura modernista dos grandes centros, que utilizou ao extremo a estrutura em armação com concreto aparente, o que demanda maiores custos e uma mão-de-obra mais especializada, a arquitetura em Vilhena neste período terá características estéticas semelhantes ao modernismo, mas com materiais contemporâneos disponíveis no local e adição de elementos decorativos como os muxarabis e esquadrias decoradas.

²⁷Elcio Carlos Rossi foi eleito vice-prefeito em 1982 na chapa de Vitório Abrão. Foi prefeito de Vilhena de 15/02/1985 à 01/01/1989 em razão da cassação do prefeito Vitório Abrão.

²⁸ Entrevista de Vitório Abrão publicada no Grupo Memória Vilhenense em 03 de abril de 2025. Disponível em https://www.facebook.com/groups/539968546039975?locale=pt_BR Acesso em 19 de abril de 2025.

²⁹Estilo modernista regionalista foi cunhado através deste trabalho de pesquisa.



Figura 39: Foto do Palácio dos Parecis, meados de 1979
Fonte: Grupo Memória Vilhenense (2024))

Este estilo Modernista Regionalista, apesar de ser edificado fora do período do modernismo, pode ser compreendido dentro de seus conceitos estéticos básicos. Poderia também ser analisado sob a ótica de um pastiche³⁰, o que não faria justiça a suas edificações, sendo um estilo com estética diferenciada, com inspiração da escola modernista brasileira, mas com características próprias, materiais de sua época, que levou em consideração ainda as edificações regionalistas buscando referenciar suas origens amazônicas.

Figura 40: Foto da cidade de Vilhena, vista aérea da Avenida Marechal Rondon em 1979
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense (2024) adaptado por Olivia S. Bagattoli

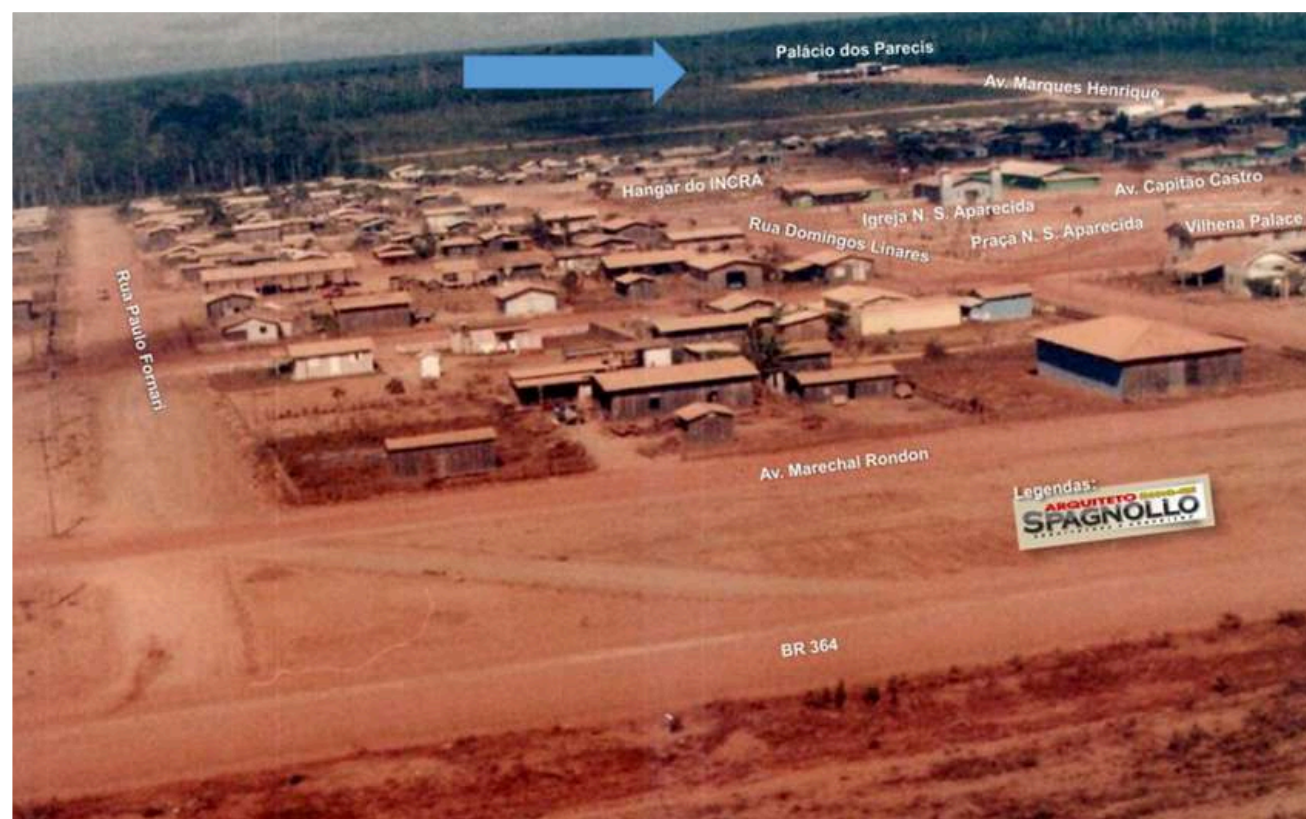


Figura 41: Foto da cidade de Vilhena, vista aérea da Avenida Major Amaranante Abril de 2018
Fonte: Google Maps (2018)

O edifício da Unir foi planejado para ser um centro político-administrativo, estrategicamente localizado fora do plano urbanístico da cidade. A localização escolhida para a edificação é num terreno mais elevado, possibilitando a visualização da cidade, sendo mais afastado do centro. Na época, a cidade restringia-se a uma das margens da BR 364, da Avenida Marechal Rondon às proximidades da Avenida José do Patrocínio (Figura 40).

³⁰Pastiche na arquitetura refere-se a uma cópia de um estilo arquitetônico.

A região norte encontrava-se em pujante crescimento econômico devido a grande migração, o que necessitava de novas construções para abrigar residências, centros administrativos, empresas, e órgãos públicos. E o estilo modernista predominante dos grandes centros brasileiros foi adaptado à região amazônica com materiais e métodos já conhecidos.

“O projeto arquitetônico desse prédio é de autoria do arquiteto Luiz Leite de Oliveira”.

MENDES, Celso Mendes Luiz. (Grupo do Facebook Memória Vilhenense)

Os materiais utilizados são o tijolo aparente e vigas e pilares em concreto, laje também em concreto, vedações em esquadrias de madeira com fechamentos em vidro. No telhado são utilizadas telhas de amianto³¹, o material disponível na época.

Na forma do telhado percebe-se uma replicação das construções indígenas, o telhado em duas águas sequenciado dá à edificação sua principal característica. Novamente, pode-se observar o estilo Modernista Regionalista, com referências à arquitetura da Amazônia indígena.

³¹O amianto é uma fibra natural que, apesar das várias aplicações industriais, é bastante prejudicial à saúde humana e teve seu uso banido em diversos países.



Figura 42: Foto da fachada do Palácio dos Parecis, década de 1980.
Fonte: Grupo Memória Vilhenense (2014)



Figura 43: Foto de uma aldeia indígena em Costa Marques, vale do Guaporé-Mamoré.
Fonte: Hervé Théry, 1974

O complexo que representa a edificação é dividido em três blocos. Ao centro encontra-se a sede administrativa do então Palácio dos Parecis, na qual apresenta-se uma grande recepção que abriga a escada que dá acesso ao segundo pavimento, onde se localizava a sala do prefeito nomeado e posteriormente do prefeito eleito. Nesta sala há uma sacada (Figura 45), provavelmente pensada para discursos pois dá de frente com uma praça, caracterizando assim a edificação como um arquétipo do poder executivo.

Nas laterais direita e esquerda localizam-se as salas. O complexo de salas da lateral esquerda é maior que os da lateral direita, deixando a edificação assimétrica. Ao fundo havia um heliporto, estrategicamente posicionado para receber o governador (Figura 44).

“Em Vilhena, a construção foi uma oferta do Governo do Estado, situada em um terreno doado pela municipalidade, como um incentivo ao desenvolvimento. Inclusive, havia um heliporto na parte de trás do prédio”.

OLIVAR, Júlio. Entrevista concedida à Olivia S. Bagattoli. Novembro de 2024.



Figura 44: Foto Unir, meados da década de 1980
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense (2024)



Figura 46: Foto Unir, década de 1980
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense (2022)



Figura 45: Foto Unir, 1985
Fonte: Grupo do Facebook Memória Vilhenense (2023)

Atualmente as paredes em tijolo à vista estão rebocadas e o telhado foi substituído por fibrocimento, as esquadrias foram modificadas e os vidros passaram a ser laminados, o heliporto não existe mais, e a tímida universidade cresceu, dando lugar a novos blocos para abrigar a centena de alunos de sua grade curricular.



Figura 47: Foto do campi da Unir
Fonte: Rondônia em Pauta (2024)

Durante a pesquisa documental encontrou-se outra edificação muito semelhante. A antiga sede da Teleron ou Telecomunicações Rondônia, sistema de telefonia pública que funcionou até a década de 1990, com as privatizações. A sede da empresa pública aparece nos cartões telefônicos (Figura 48), e a edificação parece ter servido de inspiração para o edifício da Unir. Segundo relatado por Vitório Abrão, o então administrador do Território Federal do Guaporé, hoje estado de Rondônia, replicava as edificações.

A arquitetura da Unir em Vilhena incorpora elementos do modernismo regional refletindo uma abordagem que valoriza a identidade local e as características ambientais da Amazônia.

O design é caracterizado por linhas simples e funcionais, priorizando a praticidade e a integração com o entorno. A estrutura do edifício busca aproveitar a luz natural e a ventilação, minimizando a necessidade de climatização artificial. O uso de materiais locais, como madeira e elementos que dialogam com a paisagem, é uma marca dessa abordagem, promovendo uma estética que se conecta com a cultura e a natureza da região.

“O edifício que hoje abriga a UNIR em Vilhena foi construído pela mesma empresa que construiu o edifício da Teleron em Porto Velho. Em Vilhena, a construção foi uma oferta do Governo do Estado, situada em um terreno doado pela municipalidade, como um incentivo ao desenvolvimento. Inclusive, havia um heliporto na parte de trás do prédio”.

OLIVAR, Júlio. Entrevista concedida a Olivia S. Bagattoli. Novembro de 2024.

Figura 48: Cartão telefônico da década de 1990
Fonte: Telecartofolia (2024)



3.5 Edificação década de 1980

3.5.1 Contextualização Histórica

Com a abertura da BR 029 (atual BR 364) a região ganhou novos contornos demográficos proporcionados principalmente pelos projetos de colonização promovidos pelo Governo Federal, pelo governo do Território Federal e pelas Colonizadoras. A BR 364 (Figura 15) propiciou um novo ciclo econômico com a abertura da BR e os milhares de colonos que chegaram (CUNHA; MOSER, 2010). Além de promover o deslocamento do eixo demográfico, que antes concentrava-se ao longo dos rios, passando a se concentrar ao longo da rodovia.

Em 1983 a rodovia foi pavimentada, o que facilitou tanto o escoamento de madeira e outros produtos produzidos na região, como a chegada de novos materiais e produtos antes menos acessíveis. A pavimentação da rodovia também facilitou a chegada de novos migrantes que buscavam novas oportunidades, estes novos migrantes vinham para abrir comércio, estabelecer serviços e fomentar a região, não mais como colonos de projetos fundiários, mas sim como uma nova categoria de migrantes.

Figura 49: BR-029 na década de 1980
Fonte: Grupo Memória Vilhenense (2023)



Essa onda migratória é possível verificar pelos registros populacionais feitos por Hervé Théry na década de 1970 e atualizados em 2010 (Figura 50). Também observa-se este rápido crescimento a partir da década de 1970, nos dados objetivos através do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (Figura 51).

Essa onda migratória é possível verificar pelos registros populacionais feitos por Hervé Théry na década de 1970 e atualizados em 2010 (Figura 50). Também observa-se este rápido crescimento a partir da década de 1970, nos dados objetivos através do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (Figura 51).

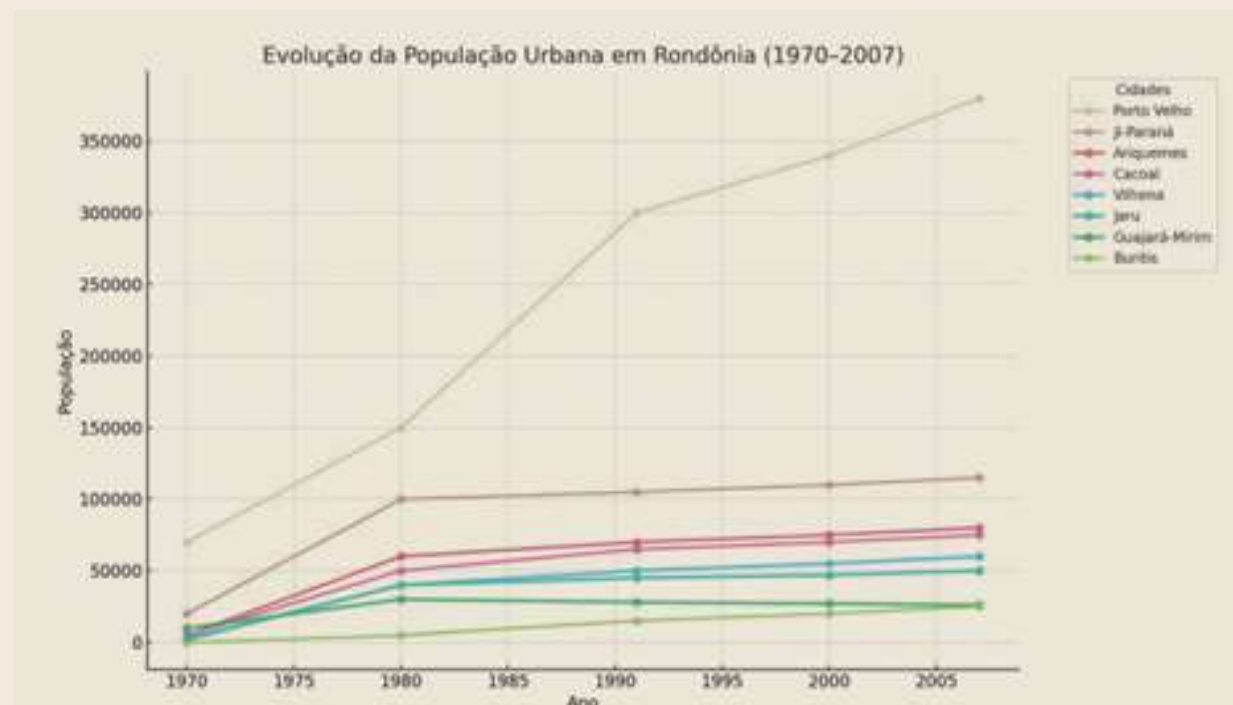


Figura 50: Gráfico de evolução populacional de Thery Hervé (2010) adaptado pela autora
Fonte: Olivia S. Bagattoli (2025)

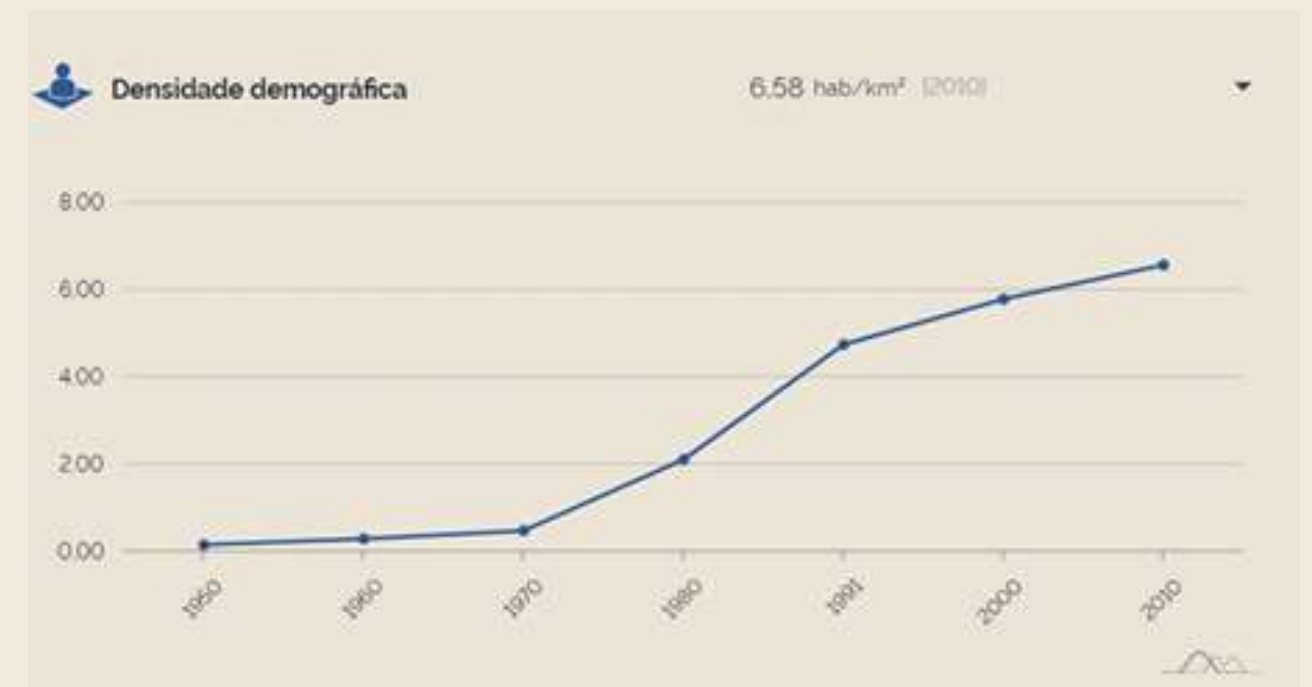


Figura 51: Gráfico de evolução populacional do estado de Rondônia
Fonte: IBGE (2023)

3.5.3 Complexo Administrativo Teotônio Vilela - Prefeitura Municipal de Vilhena

Na década de 1980 o prefeito eleito Vitório Abrão propôs a mudança do paço municipal para um local mais estratégico, no centro da cidade, levando em consideração a sua expansão. Segundo Vitório Abrão, o Palácio dos Parecis (onde hoje se situa a UNIR) ficava muito distante da cidade, e Vilhena precisava de centro político e administrativo de fácil acesso aos seus cidadãos.

“Na gestão do Coutinho ele fez a prefeitura onde hoje é a unir. (...), a prefeitura deveria ser no centro da cidade de Vilhena, onde hoje está localizada”.

OLIVAR, Júlio. Entrevista concedida à Olivia S. Bagattoli. Novembro de 2024.

Assim surgiu a ideia de um centro político, um terreno amplo no centro urbanístico da cidade, abrigando além da prefeitura, poder executivo, mas também o poder legislativo, com a câmara de vereadores e o poder judiciário, com o Fórum e o ministério público (Figura 52).



Figura 52: Vista Aérea implantação da Prefeitura de Vilhena
Fonte: Prefeitura Municipal de Vilhena (2023)

Figura 53: Vista Aérea Prefeitura Municipal de Vilhena
Fonte: Prefeitura Municipal de Vilhena (2023)



Figura 54: Vista Aérea de Aldeia Nambiquara
Fonte: Funai (2023)

Os materiais utilizados são tijolo aparente, telha de barro, portas e janelas em madeira maciça, pilares e vigas em concreto rebocado, e forro e beiral em madeira. Os materiais eram facilmente encontrados na região. O sistema construtivo é o tradicional, estrutura de concreto armado com vedações em tijolo à vista.

Quanto à plasticidade percebe-se referências ao estilo colonial, como a utilização das telhas de barro, dos tijolos aparentes e dos arcos da varanda do gabinete administrativo. O edifício central, o qual abriga o gabinete do prefeito, possui uma planta circular, com telhado em telha de barro acompanhando o desenho da edificação (Figura 56). Há uma ligação dos edifícios circundantes com o edifício principal, estrategicamente localizado ao centro.

“O complexo também é um símbolo da arquitetura urbana dos anos 1980, caracterizada por tijolos à vista, jardins e telhados que eram comuns nas paisagens urbanas do período. As pessoas tiravam fotografias naqueles jardins, com algumas plantas que eram comuns no período – até as plantas saem de moda, junto com as mudanças culturais de cada espaço de tempo”.

OLIVAR, Júlio. Entrevista concedida à Olivia S. Bagattoli. Novembro de 2024.



Figura 55: Fachada da Prefeitura de Vilhena
Fonte: Olivia Bagattoli (2024)



Figura 56: Fachada da Prefeitura de Vilhena
Fonte: Olivia Bagattoli (2024)

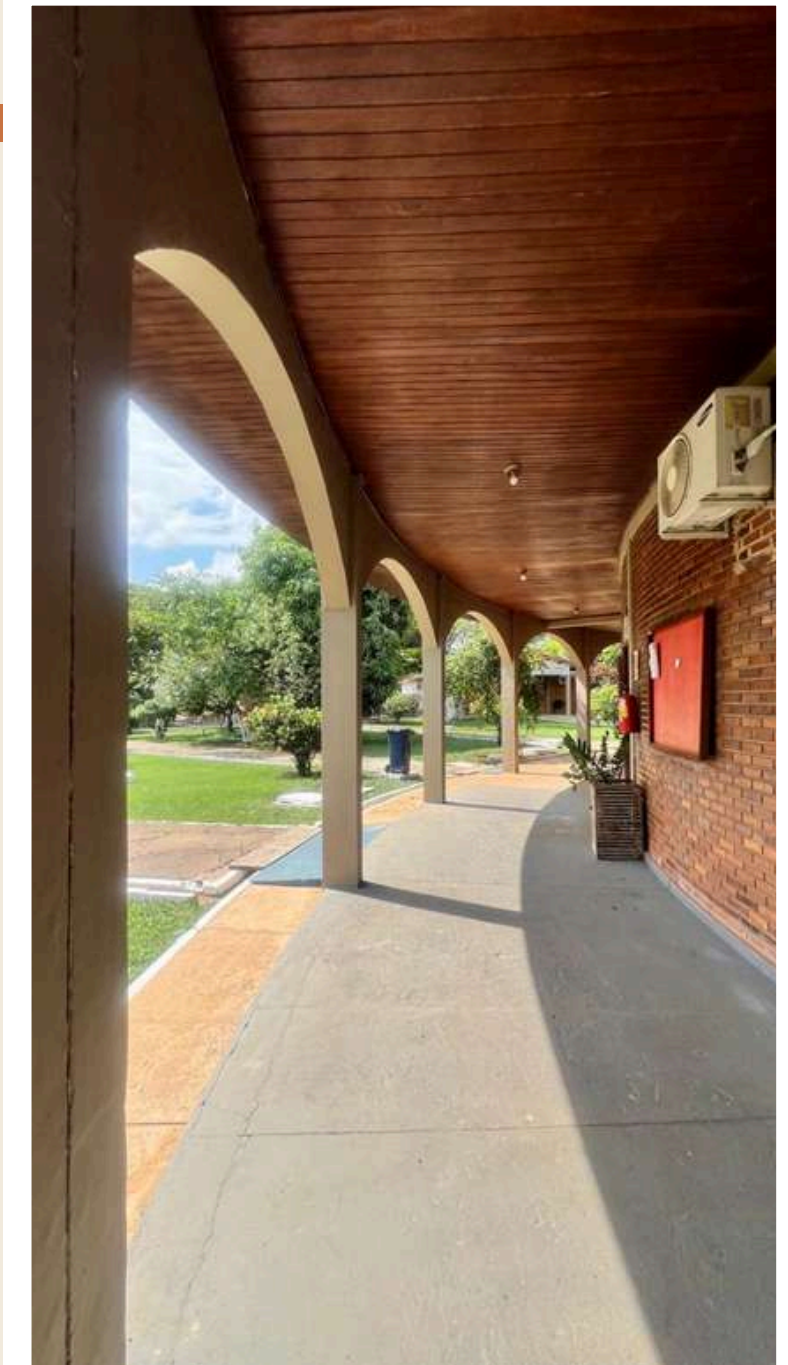


Figura 57: Varanda Prefeitura de Vilhena
Fonte: Olivia Bagattoli (2024)

Figura 58: Fachada da Prefeitura de Vilhena
Fonte: Olivia Bagattoli (2024)



As edificações que circundam o gabinete administrativo, tal qual uma tábua indígena, formando as secretarias são construídas em tijolo aparente, estrutura de concreto armado, telhado em duas águas com cobertura de telhas de barro, forro e beiral em madeira e janelas e portas em madeira maciça (Figuras 58 e 59).

A arquitetura empregada apresenta-se bem simplificada tendo como maior destaque sua implantação no terreno com as referências indígenas. Os tijolinhos aparente apresentam-se como uma solução estética, conferindo um visual rústico à edificação. As esquadrias são contemporâneas ao período de sua construção e propicia grande luminosidade ao interior. As portas são estrategicamente posicionadas à frente de cada secretaria, robustas, adornadas por uma varanda que formam uma espécie de pórtico em cada edifício (Figura 60).



Figura 59: Fachada da Prefeitura de Vilhena
Fonte: Olivia Bagattoli (2024)

Figura 60: Fachada Secretaria de Fazenda
Fonte: Olivia Bagattoli (2024)



A edificação encontra-se em amplo uso pela prefeitura, entretanto carece de manutenção. A estrutura pensada para o paço municipal tornou-se pequena ante ao crescimento da cidade. Muitas secretarias mudaram para outros prédios, maiores que comportam melhor suas necessidades. Em 2019 foi apresentado à população uma ideia de requalificação do centro cívico, projetada pelo escritório de Jayme Lerner, arquiteto e urbanista curitibano (Figura 61).

Figura 61: Projeto de requalificação do centro cívico de Vilhena
Fonte: Olivia Bagattoli (2024)



3.6 Edificação década de 1990

3.6.1 Contextualização Histórica

As décadas de 1960 e início dos anos 1970 foi uma época de grande pujança econômica no Brasil, conhecida como os anos do “milagre econômico”. A arquitetura refletiu este período com o modernismo, a moderna arquitetura, racional e inovadora, seduzindo inclusive a crítica internacional (SEGAWA, 2010). No mundo, Le Corbusier transformava a arquitetura, mas é no Brasil que grandes projetos símbolos do modernismo ganham vida pelas mãos de arquitetos como Lúcio Costa e Oscar Niemeyer.

Em 1980 o mundo vivia o pós-modernismo, a falência das soluções racionais arquitetônicas, onde um modelo poderia ser concebido para qualquer lugar, sem observar suas singularidades. Conceitos como o diálogo da edificação com o contexto urbano e o reconhecimento da história projetual, a valorização da reciclagem de edifícios e a produção do espaço como resultado da colaboração de arquiteto e usuário. Havia ainda a percepção que os edifícios do modernismo, exemplificados por inúmeras obras públicas, eram custosos e obsoletos, transformando-se em ruínas da modernidade (SEGAWA, 2010).

A nova constituição federal acabara de ser promulgada, o país realizaria em 1989 a primeira eleição nacional com princípios democráticos colocando fim a ditadura iniciada em 1964. O país ainda passava por uma grave recessão econômica provinda especialmente dos anos do “milagre econômico”. Muitos planos econômicos foram lançados a fim de tentar controlar a inflação. A economia brasileira começava a se abrir para o mundo. Em meados da década de 1990 seria lançado um novo plano econômico, o Plano Real, que transformaria a economia do país.

Apesar da situação econômica do país, Rondônia mostra-se um estado em rápido crescimento, ao analisar os dados populacionais do IBGE observa-se (Figura 62) que há um salto populacional saindo de 503.13 mil habitantes na década de 1980 para 1.113 milhões de habitantes na década de 1990 e depois para 1.13 milhões de habitantes nos anos 2000. O grande salto populacional ocorreu nas décadas de 1970 e 1980.

De 1960 para 1970 a população mais que triplicou. O que demonstra que além da abertura da BR 364, os projetos fundiários foram de suma importância para o crescimento populacional do estado. Em entrevista no ano de 1982, documentada no vídeo ‘Conheça a História da Colonização da Região Central de Rondônia em 1982’³², o Governador do Território Federal, Jorge Teixeira, comenta que naquele ano espera receber de 80 mil a 90 mil migrantes, que são, em sua maioria, centenas de lavradores pobres que chegavam às cidades do interior do estado todos os dias.

³²‘Conheça a História da Colonização da Região Central de Rondônia em 1982’. Jaru Online. Youtube. Publicado em 21 de julho de 2009. Acesso em 19 de abril de 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uM3RvQFSiwc>

Figura 62: Indicadores Populacionais IBGE 1950/2022
Fonte: IBGE 2025



Na década de 1990 a cidade de Vilhena colhia frutos da pujança econômica do estado criado em 1982 e do forte ciclo econômico madeireiro, já no início de sua decadência. O comércio local ganhava novos contornos, centenas de novos comércios foram abertos na década anterior. O novo estado vivia uma realidade diferente do restante do Brasil, se faltava tudo, e, tudo que se propunha a fazer tinha chances de ser bem sucedido.

“Esse desenvolvimento influenciou significativamente a transformação do mapa urbanístico da cidade, promovendo o surgimento de novos bairros e a substituição gradual das casas de madeira por edificações imponentes”.

OLIVAR, Júlio. Entrevista concedida à Olivia S. Bagattoli. Novembro de 2024.

3.6.2 Prédio da Antiga Farmácia Santa Terezinha

A edificação da antiga Farmácia Santa Terezinha (Figura 63) foi a escolhida para representar esta fase de grande crescimento econômico. A edificação foi construída para abrigar a Farmácia e construída no final da década de 1980 e início da década de 1990.

A edificação é de uso misto e foi construída em três níveis, sendo o piso inferior com pé direito duplo para uso comercial e o piso superior de uso residencial. Na fachada (Figura 64) observa-se uma releitura do período modernista (década de 1960), através das curvas dos arcos formando os pilares da varanda que circunda parte da edificação. Os arcos lembram o Palácio do Alvorada e o Palácio do Planalto, obras do arquiteto modernista Oscar Niemeyer.

Figura 63: Croqui da antiga Farmácia Santa Terezinha
Fonte: Cleidson Freitas (2023)



Figura 64: Farmácia Santa Terezinha
Fonte: Grupo Memória Vilhenense (2024)

O edifício está localizado na Av. Major Amarante, em frente à agência bancária do Banco do Brasil. A avenida representa, ainda hoje, o centro econômico e financeiro da cidade de Vilhena.

Possivelmente feito em concreto armado com vedações em tijolo de bloco cerâmico. Possui telhado escondido por platibanda e telhas possivelmente em amianto. No revestimento do corpo do prédio nota-se uma pastilha cerâmica na cor avermelhada (original) que posteriormente foi pintada na cor bege e amarelo. A edificação ocupa todo o terreno com aproximadamente 420m², observando-se a ausência de afastamentos, provavelmente por se tratar de uma obra comercial. O projeto é de autoria do arquiteto Aureo Alberto Rochemback (Figura 67).

Ao analisar a edificação observa-se uma reprodução do estilo modernista, um pastiche, com grande inspiração no Palácio do Alvorada (Figura 65). A arcada presente na edificação remete à arcada³³ do palácio presidencial, símbolo do modernismo de 1960. Porém na obra de Aureo Alberto Rochemback o modernismo é acrescido de elementos decorativos, como as esquadrias e guarda-corpo em ferro decoradas, a cimalha³⁴ que quebra horizontalmente o edifício, e o revestimento cerâmico no estilo tijolinho que reveste toda a fachada (Figura 66).

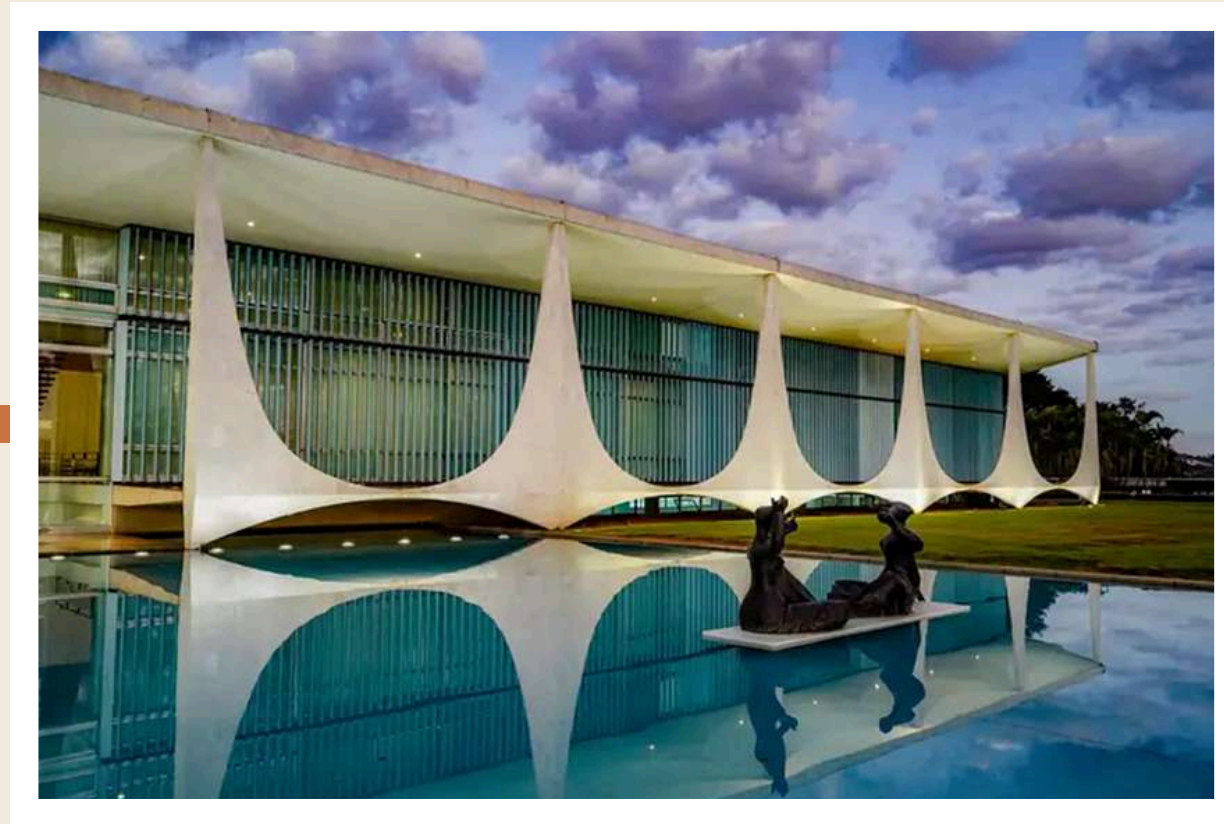


Figura 65: Palácio do Alvorada, Brasília/DF, projeto de Oscar Niemeyer, de 1960.
Fonte: Foto: Rafa Nedenmeier, Agência Brasil (2023)

Figura 66: Antiga Farmácia Santa Terezinha com detalhe nas esquadrias
Fonte: Olivia Bagattoli (2023)



O exterior da edificação é formado por vigas e pilares, adornados em grandes arcos originalmente pintados na cor bege claro, hoje possui pintura na cor avermelhada. O prédio é todo avarandado nas fachadas sul e oeste, os pilares em arco são possivelmente um adorno para amenizar o sol do entardecer. Originalmente a parte inferior abrigava toda a farmácia Santa Terezinha (Figura 67). Hoje a edificação foi dividida em três salas comerciais com mezanino, sendo que uma delas alterou os arcos da fachada para comportar sua vitrine. Parte da antiga farmácia, abriga uma sala comercial.

³³Na arquitetura a arcada é uma sequência de arcos.

³⁴Cimalha, moldura saliente que remata a parte superior da fachada.

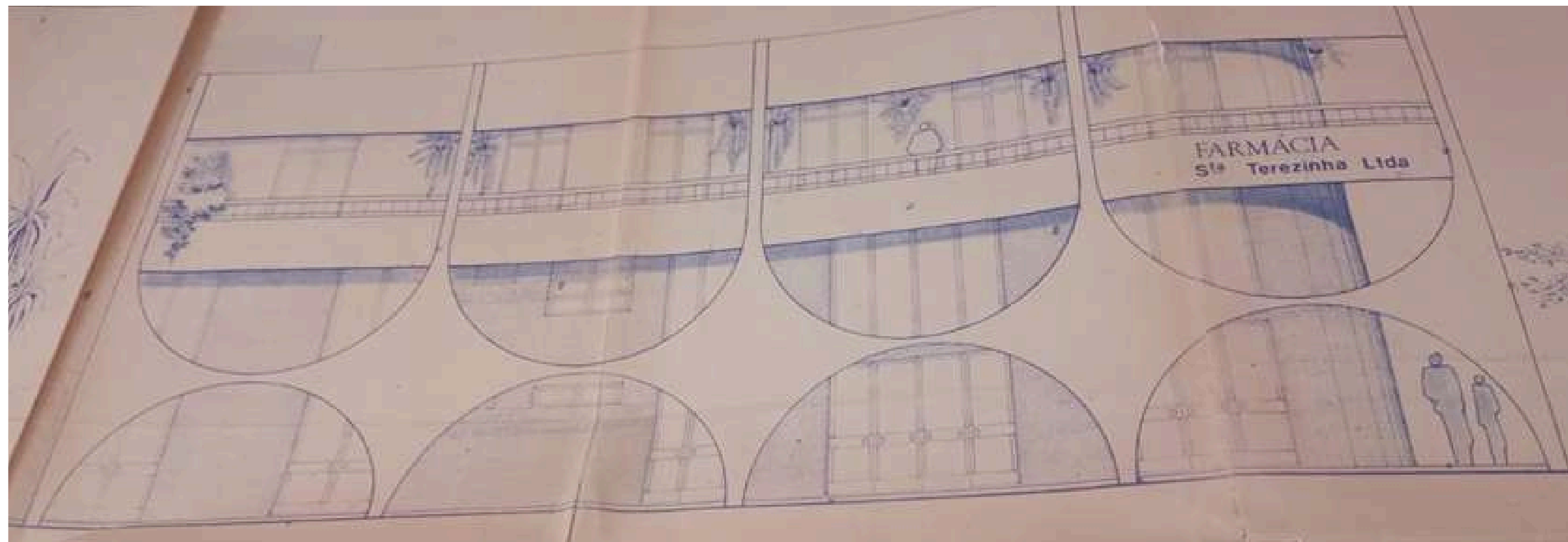


Figura 67: Projeto da Farmácia Santa Terezinha - Arquiteto Aureo Alberto Rothenback
Fonte: Genir Bozza (2023)

Nos fundos da edificação há uma porta que dá acesso ao pavimento superior onde abriga a ala residencial, possivelmente servia de residência para o proprietário da farmácia. As janelas destoam do modelo modernista (Figura 66), possuindo adornos, todas as esquadrias são confeccionadas em metal e vidro. O guarda-corpo do piso superior segue o mesmo desenho das esquadrias. Observa-se ainda um marco na platibanda, formando uma linha horizontal possivelmente para dar equilíbrio ao edifício vertical com três andares. O piso é revestido em azulejo na cor bege com desenhos que lembram os antigos ladrilhos hidráulicos (Figura 68).

Atualmente o edifício teve parte de sua fachada alterada, entretanto ainda permanece original em sua essência. As pinturas foram modificadas conforme as cores dos novos inquilinos. Plantas foram colocadas na varanda superior, provavelmente para conter o sol do entardecer. O piso foi pintado de diversas cores (Figura 68), conforme o inquilino, e está com a pintura bem deteriorada. A edificação demanda obras de manutenção e conservação.

É muito comum ver em edificações no estado de Rondônia, produzidas na década de 1990, que fazem esta releitura do modernismo, podemos observar, na cidade de Vilhena, principalmente em edificações institucionais como o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal e o Palácio dos Parecis, onde hoje é a Universidade de Rondônia, mas, pode-se observar também em edificações particulares como a antiga danceteria Crocodilus e a residência da família Fuck.

Enquanto nos centros urbanos do Brasil o modernismo tornava-se obsoleto e sinônimo de obras públicas caras e ineficientes, no interior do Brasil observa-se um movimento modernista posterior, novas obras surgiam, quer fossem para demonstrar a grandiosidade das edificações institucionais quer fossem para manifestar a imponência, grandeza e pujança econômica de edificações como o prédio da Farmácia Santa Terezinha, demonstrando o momento econômico pelo qual passavam as novas cidades do estado de Rondônia.

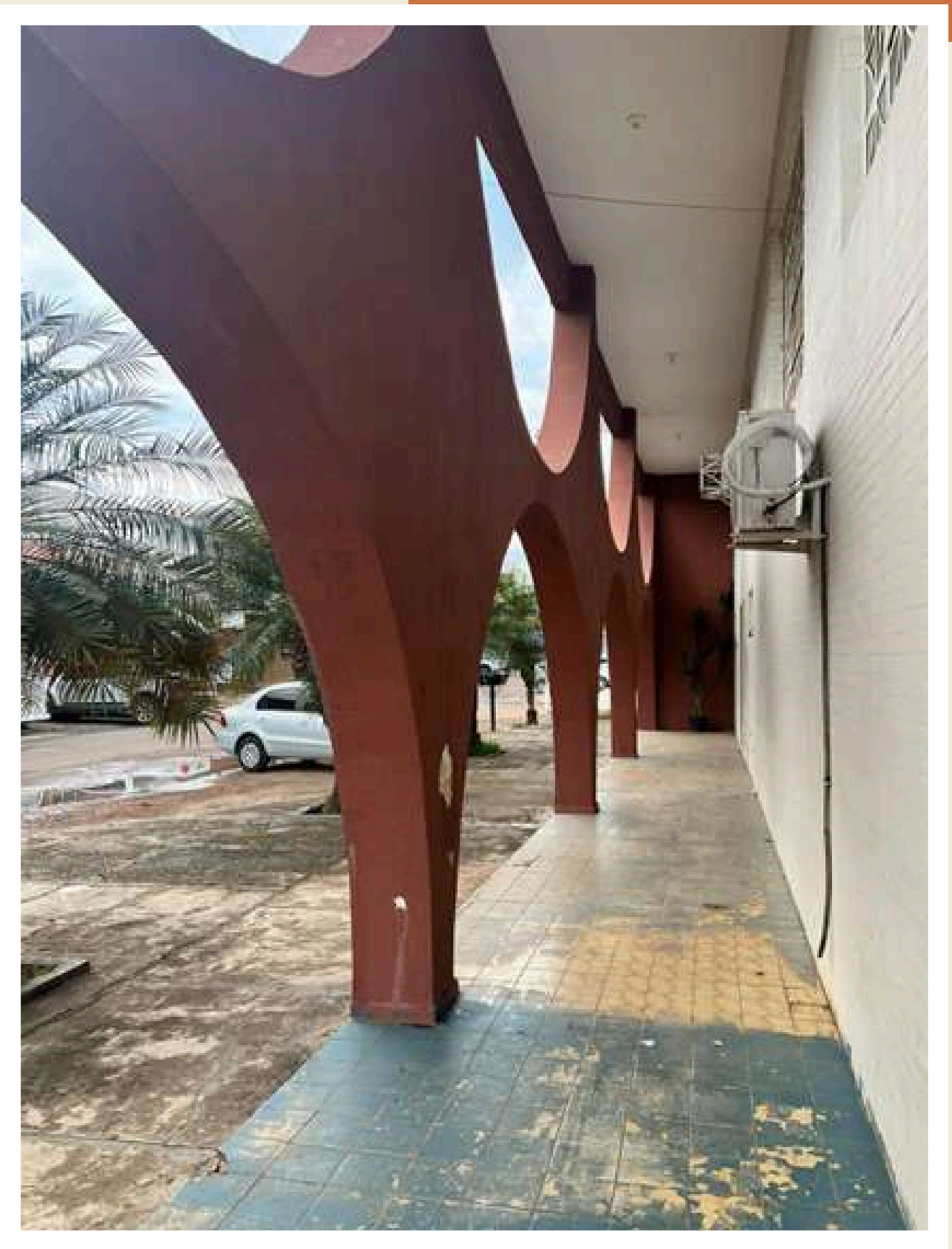


Figura 68: Antiga Farmácia Santa Terezinha vista da varanda
Fonte: Olívia Bagattoli (2023)

3.7 Perspectivas de futuras análises

Ao analisar a evolução da arquitetura Vilhenense é perceptível a correlação das edificações com os ciclos econômicos e a migração populacional. A grande transformação da abertura da rodovia BR 364 proporcionará uma ocupação duradoura e que evoluiu com a crescente ocupação e importância econômica da região, é provável que não haveria a cidade de Vilhena sem a rodovia.

As edificações de 1900 ao início da década de 1960 resumem-se à Estação Telegráfica e poucas casas de sapé no seu entorno. É com a construção da rodovia que se inicia a produção arquitetônica. A arquitetura evolui gradativamente conforme também evolui o ciclo migratório e a importância econômica da cidade. Em 1970 com o rápido crescimento populacional é preciso uma rápida urbanização. Já em 1980 com o cenário migratório mais estabilizado e economicamente em expansão a arquitetura da cidade ganhará novos contornos, com projetos arquitetônicos de maior porte e mais acessíveis à população.

As obras analisadas neste trabalho são escolhidas dentre muitas edificações interessantes para a cidade de Vilhena. São edificações erigidas dentro dos mesmos contextos históricos e socioeconômicos que por motivos de tempo e de acesso à projetos não são analisados neste trabalho, mas que merecem consideração para análises futuras.

3.7.1 Banco do Brasil

Em 1978 após a criação do município de Vilhena, o Banco do Brasil (Figura 69) se instalou numa edificação em madeira, localizada próximo a praça Ângelo Spadari, onde hoje está localizada a conveniência Território. Não foi o primeiro banco a se estabelecer na cidade de Vilhena, o primeiro foi o Banco Bamerindus (BRASIL, 2000). Ao analisar a fotografia (Figura 69) percebe-se que a edificação se utiliza de um material pré-fabricado com aparências das antigas divisórias de escritório, provavelmente pela pressa de construí-lo.



Figura 69: Antiga sede do Banco do Brasil em Vilhena, Setembro de 1980
Fonte: Grupo Memória Vilhenense (2014)

Figura 70: Atual sede do Banco do Brasil em Vilhena, captura da imagem Agosto de 2024
Fonte: Google Maps (2025)



O atual edifício do Banco do Brasil está localizado na principal avenida da cidade, a Av. Major Amarante (Figura 70), nas proximidades da praça Ângelo Spadari, construído na década de 1980 em frente a Farmácia Santa Teresinha. A avenida continua sendo a principal da cidade, em especial no que se refere ao comércio.

A edificação foi durante muito tempo a maior edificação de uma instituição bancária da cidade. O Banco do Brasil é o primeiro banco do país, fundado por Dom João VI quando o Brasil ainda era colônia de Portugal. Ao longo dos anos os edifícios que abrigavam o banco sempre foram imponentes, o mesmo ocorreu na expansão do banco na década de 1980 pelo interior do Brasil.

A utilização de referências do modernismo parecia ser a base para a arquitetura das agências. As diversas agências espalhadas pelo país buscavam representar a imponência e solidez da instituição. Percebe-se o modernismo através da utilização de brises verticais, a escala arquitetônica e formas simples e limpas. E a identidade visual arquitetônica utilizada parecia se repetir em outras agências pelo Brasil. Assim, destaca-se a edificação como ponto para estudos aprofundados no futuro, representando a expansão e crescimento financeiro na década de 1980 através da construção de agências bancárias.

3.7.2 Banco Beron

O Banco Beron - Banco do Estado de Rondônia, foi criado em 1983 pelo então governador do Território Federal do Guaporé, Jorge Teixeira, tendo a primeira agência na cidade de Costa Marques, nas margens do Rio Guaporé. Funcionou até 1995 quando o então governador Valdir Raupp conseguiu um intervenção do Banco Central, que culminou em seu fechamento definitivo³⁵.

Algumas agências chamam a atenção por sua arquitetura. Refletindo uma arquitetura muito imponente para a época, diversas agências foram construídas, na capital Porto Velho e no interior como a agência de Vilhena (Figura 71). A edificação em Vilhena localizava-se na Av. Major Amarante, principal via comercial da cidade, em frente à agência do Banco Bamerindus (depois agência do HSBC e hoje ponto de atendimento da Crefisa).



Figura 71: Antiga sede do Banco Beron, Vilhena ano 1990
Fonte:Grupo Memória Vilhenense (2014)



Figura 72: Antiga sede do Banco Beron, Vilhena ano 1985
Fonte:Grupo Memória Vilhenense (2024)

Ao se analisar as fotografias da época (Figuras 72 e 73) percebe-se o estilo arquitetônico empregado na edificação, o brutalismo, uma variante do estilo modernista, porém com formas mais robustas e a grande utilização do concreto aparente. Mas também verifica-se a utilização de elementos estéticos regionais como o tijolinho aparente podendo talvez nomear o estilo como um Brutalismo Regionalista³⁶.

³⁵Rondônia Além da História, 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/rondoniaalemdahistoria/posts/banco-beron-19821995em-1983-foi-criada-a-primeira-sede-do-banco-beron-em-costa-m/141507431488189/>

³⁶Brutalismo Regionalista conclusão dada ao sincretismo entre o Brutalismo com materiais empregados nas construções do interior da Amazônia.

Depois de sua falência, foi por muitos anos sede de uma cooperativa de crédito até a mudança desta para sua sede própria, a fachada foi completamente modificada numa reforma nos anos de 2010, sua fachada foi totalmente alterada. É possível encontrar na cidade de Cacoal/RO (Figura 74) um edifício muito semelhante que também pertenceu ao Banco Beron. A antiga edificação de Vilhena possui características peculiares que podem servir para um estudo futuro mais aprofundado.

³⁷Disponível em <https://belacacoal.blogspot.com/2008/08/novas-fotos-de-cacoal.html>



Figura 73: Antiga sede do Banco Beron, Vilhena ano 1990
Fonte:Grupo Memória Vilhenense (2014)



Figura 74: A Sede do Banco Basa nos anos 2000 o prédio foi construído para abrigar a sede do Banco Beron
Fonte:Bela Cacoal (2008)

3.7.2 Antiga Crocodilus Disco Clube

A Crocodilus Disco Club foi uma casa noturna localizada na Rua Princesa Isabel no centro da cidade de Vilhena. Funcionou de meados dos anos 1970 até os anos 1990, sendo as informações sobre sua história e funcionamento disponíveis apenas pelas recordações dos moradores da cidade à época.

Sua arquitetura também chama atenção pelas formas modernistas (Figuras 75 e 76) com colunas que se projetam para o exterior formando um elemento arquitetônico que lembra as formas da arquitetura modernista utilizada por Oscar Niemeyer nas edificações icônicas de Brasília, o que merece destaque e atenção para futuros estudos. Atualmente o edifício encontra-se em utilização pela empresa 5.8 Internet, sua fachada foi alterada parcialmente com placas de ACM³⁸ (Figura 77)

Figura 76: Antiga danceteria Crocodilus Disco Club, década de 1980
Fonte:Grupo Memória Vilhenense (2021)

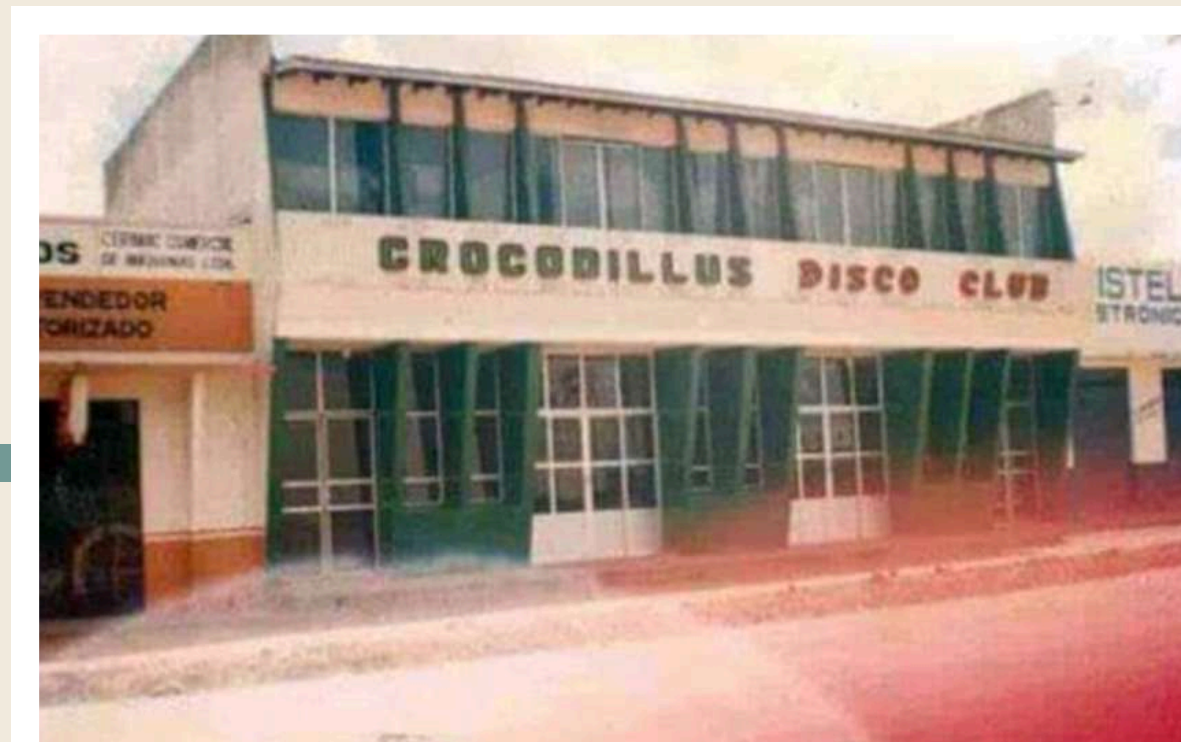


Figura 75: Antiga danceteria Crocodilus Disco Club, 1984
Fonte:Grupo Memória Vilhenense (2021)

³⁸ACM são placas de alumínio unidas a um núcleo de polietileno, formando um material leve e versátil amplamente empregado na construção civil à partir dos anos 2000



Figura 77: Empresa 5.8 Telecom, edifício da antiga danceteria Crocodilus Disco Clube, foto de 2024
Fonte:5.8 Telecom (2024)

3.7.3 Antiga Canopus Motos

O antigo edifício da loja de motos Canopus Motos (Figura 78) chamava a atenção no centro de Vilhena, localizado na Av. Major Amarante, principal via comercial da cidade, em frente ao Banco Beron e ao Banco Bamerindus. Possuía uma arquitetura inspirada no modernismo brasileiro, em especial no Palácio do Planalto localizado em Brasília e projetado por Oscar Niemeyer em 1960. Suas colunas projetavam-se para o exterior formando uma colunata aparentemente com função estética, marcadas pela exposição do concreto aparente. Foi uma marca interessante na arquitetura Vilhenense que pode ser melhor estudada no futuro. A edificação foi alterada aproximadamente nos anos 2000 sendo as colunas retiradas da fachada (Figura 79).



Figura 78: Canopus Motos, anos de 1990
Fonte: Grupo Memória Vilhenense (2024)



Figura 79: Empresa Canopus Motos, Ano de 2016
Fonte: Google Street View (2025)

4

ANÁLISE DA
ARQUITETURA
VILHENENSE

Esta breve narrativa sobre Vilhena buscou compreender o processo de formação da cidade, desde 1900 até os anos de 1990. A arquitetura conta a história da cidade, o que percebemos através das descobertas como a Casa do 5º BEC, a Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, as casas de madeira espalhadas pela cidade, o Palácio dos Parecis, a antiga farmácia Santa Terezinha e demais edificações.

Ao contar a história de Vilhena a mesma interliga-se com os ciclos econômicos que o estado passou, desde a construção da linha telegráfica em 1904, até a edificação da Farmácia Santa Terezinha, final da década de 1980 e início dos anos 1990. A construção da BR 364 foi um grande marco para Vilhena, modificando o ciclo migratório e facilitando a entrada dos migrantes por um novo caminho, e possibilitou ainda, o desenvolvimento da cidade com materiais antes inacessíveis.

Os ciclos migratórios tem fator decisivo sobre a arquitetura produzida em Vilhena. A começar pela edificação da Estação Telegráfica erguida por Rondon, com muita dificuldade a rota aberta pelas picadas do telégrafo não movimentam o interior do estado, entretanto, a pouca atividade econômica é produzida pelo extrativismo da borracha, tendo seu auge no segundo Ciclo da Borracha.

Somente na década de 1960 com a significativa construção da Rodovia BR 364 pelo governo de Juscelino Kubitschek é que o eixo migratório deixa de ser a via fluvial e passa a ser a rodovia. Em fase embrionária, a rodovia por si só traz poucos migrantes, são necessárias políticas públicas para desenvolver a região, deste modo, os projetos de colonização promovidos pelo governo federal, pelo governo do território e por colonizadoras particulares é que a migração será de fato transformadora para Rondônia e conseqüentemente para Vilhena. A rodovia é o meio pelo qual os migrantes chegaram aos montes na região de Vilhena, também é o meio pelo qual materiais, antes inacessíveis, podem finalmente chegar.

Os materiais utilizados nas construções denotam a vivência desses ciclos econômicos, tendo enorme relação entre arquitetura e a colonização, na primeira edificação analisada, o atual Museu Marechal Rondon, construído pelas mãos da Comissão de Rondon, primeiramente em adobe e depois com sua reconstrução em alguns momentos de restauração.

A obra de 1960, a Casa do 5º BEC, utiliza madeira compensada pré-fabricada, material muito difundido na década de 1960 e que não necessitava de mão-de-obra especializada para ser montada, facilitando a sua rápida construção.

Na Igreja é possível observar uma certa divergência entre a arquitetura produzida na década de 1970 em Vilhena e a construção da Igreja, uma vez que a mesma era idealizada pelo pároco Padre Ângelo. Nos relatos disponíveis no Livro do Tombo observamos a dificuldade, na década de 1970, mesmo após a abertura da BR 364, em obter os materiais para a construção, uma vez que blocos cerâmicos de tijolos não eram utilizados nas edificações na cidade, requerendo ainda, uma mão-de-obra com conhecimento específico.

Nas Casas de Madeira, que ainda pode-se ver em certo número pela cidade, observamos a utilização da madeira, fruto do ciclo econômico madeireiro amplamente difundido na região, com cerca de mais de 100 madeireiras atuando na cidade nesta década. A madeira extraída servia de matéria-prima para a rápida construção de casas, que tinham um programa de necessidade básica, para abrigar os migrantes. Esta tipologia construtiva é reforçada pelos saberes dos mestres construtivos que vieram para a região na exploração da madeira e fixação na região.

Nas décadas seguintes, com a pujança econômica, através das pesquisas realizadas, observou-se o emprego de materiais mais resistentes como concreto, tijolo cerâmico, revestimentos em cerâmicas para pisos e paredes, esquadrias em ferro e uma edificação mais robusta, com certo design, possivelmente feita por arquitetos ou engenheiros especializados.

Na edificação da Unir, concebida como Palácio dos Parecis, é perceptível a arquitetura empregada, o que conceituamos de estilo Modernista Regionalista, um sincretismo arquitetônico que mistura as referências do estilo modernista com materiais adaptados e funcionalidades da região Norte. Pela primeira vez verifica-se o emprego da arquitetura com um projeto pensado para a cidade, para ser o paço municipal e demonstrar uma certa grandeza dentro do plano urbanístico (propositalmente afastado do centro da cidade em razão do modelo de cidade modernista proposta para Vilhena), e de mesmo modo levando-se como partido a arquitetura indígena.



1912

ESTAÇÃO TELEGRÁFICA DE VILHENA



1970

CASAS DE MADEIRA

1970

CAPELA IGREJA NOSSA SENHORA AUXILIADORA



1979

PALÁCIO DOS PARECIS UNIVERSIDADE DE RONDÔNIA CAMPOS VILHENA



1960

CASA DO 5º BEC



1985

COMPLEXO ADMINISTRATIVO TEOTÔNIO VILELA PREFEITURA MUNICIPAL DE VILHENA

1990

ANTIGA FARMÁCIA SANTA TEREZINHA



É preciso pontuar que aos povos originários da região foram relegados apenas referências na arquitetura (Unir e Sede Atual da Prefeitura de Vilhena). Nenhuma memória restou de sua passagem por Vilhena. Sobraram algumas fotos da época da construção da rodovia, mostrando a grande placa Brasília-Acre e indígenas, com enorme significado para o país, principalmente demonstrado a grandeza daquele feito em penetrar o dito “Inferno Verde”³⁹ com o lema de “Integrar para não Entregar”⁴⁰ o progresso e sua “Marcha para o Oeste”.

Ao indígena coube um “não-papel”, um apagamento, não possuindo registros arquitetônicos de sua presença na cidade de Vilhena, coube-lhe apenas o antigo cemitério indígena do qual restou apenas uma fotografia, foi apagado pelo progresso da cidade. É provável que havia alguma aldeia por aqui, mas foram expulsos para cada vez mais longe, conforme a “civilização” chegava, como podemos ver no vídeo de 1982⁴¹. Interessante constatar que não restaram indícios na memória do Vilhenense da presença indígena na região.

O pouco que se lembra em Vilhena são de conflitos com os indígenas Cinta-Larga, não há arquitetura, não há registro, não há memória viva deles na cidade, coube aos povos originários serem representados apenas no nome pomposo como Palácio dos Parecis⁴² (UNIR) e referência a uma taba indígena na concepção do Palácio Teotônio Vilela (Prefeitura de Vilhena). Tudo o que se tem produzido como arquitetura é a do colonizador, a arquitetura do pioneiro, do migrante.

Como migrante e pertencente a um destes ciclos é extremamente gratificante poder contar um pouco da história de Vilhena e de sua arquitetura. Apesar do escasso material existente sobre a cidade, ainda assim, o grupo Memória Vilhenense registrado no Facebook foi grande fonte de descobertas de fotografias e relatos de moradores dos períodos estudados, assim como as entrevistas realizadas com estudiosos e antigos pioneiros, e o livro ‘Vilhena Conta Sua História’ de Pedro Brasil, publicado no ano 2000. Também vídeos da época e outras fontes escritas foram de suma importância para que se pudesse construir a linha do tempo das edificações apresentadas.

Como migrante, sou catarinense de nascimento, cheguei aqui ainda bebê em 1985, minha família já estava na região desde 1974, e pude acompanhar o desenvolvimento da cidade, viver esse crescimento, as mudanças que sempre me chamaram a atenção e foram importantes na minha vivência tiveram explicações ao longo dessa pesquisa. A casa de madeira que morei durante a infância, a ‘colônia’ da serraria que morávamos, a vivência das casas dessa colônia. O Zoológico e o Museu de Rondon no final da década de 1980 que sempre me foram peculiares, sempre me perguntei porquê o Museu é tão afastado da cidade, hoje sei essa resposta.

A grandiosidade do Banco do Brasil, a Farmácia Santa Terezinha, sempre foram edificações que me chamaram a atenção, quer por sua magnitude para a época, quer por seu desenho que me pareciam diferente de tudo, quer por aquela arquitetura modernista que mais tarde eu descobriria que seria tão fascinada por ela. É interessante poder escrever e estudar sobre algo que sempre me chamou atenção, perceber que arquitetura me interessava muito antes de poder cursar arquitetura e urbanismo.

Durante a pesquisa sobre a Capela da Igreja tive a oportunidade de folhear o Livro Tombo, e constatar os registros do Padre Ângelo Spadari, raro registro arquitetônico de uma época que não havia prefeitura ou qualquer registro do tipo em Vilhena. Infelizmente não consegui ter acesso aos projetos arquitetônicos das obras estudadas dentro da Prefeitura Municipal, razão pela qual este trabalho analisou de forma apenas superficial a arquitetura, sem se aprofundar no programa e questões técnicas.

Essa evolução arquitetônica foi enorme, vejo como muito rápida e impactante. Vivi numa Vilhena que não tinha energia elétrica, ou melhor, que motores movidos à óleo diesel promoviam energia elétrica durante o dia, e a noite o vilhenense vivia sob a luz de velas e de lampião. Não havia asfalto em parte da principal avenida da cidade, a Major Amarante. A cidade transformou-se conforme aconteciam as mudanças socioeconômicas e essas mudanças foram rápidas e significativas.

No que se refere às técnicas construtivas as mudanças são mais consideráveis. Entre 1900 e 1960 os avanços foram poucos, havia a estação telegráfica em tijolo de adobe e algumas casas de sapé e madeira, após 1960 com o acesso de materiais e pessoas através da rodovia os materiais construtivos podem chegar, é o caso da Casa do 5º BEC, primeira casa em estrutura pré-fabricada montada na cidade, curioso observar que se houveram outras nesse molde elas já não existem mais.

³⁹Inferno Verde, como era conhecida da Floresta Amazônica.

⁴⁰“Integrar Para Não Entregar”, lema que fez parte da estratégia “Marcha para o Oeste” como propaganda da ditadura militar de 1964-19

⁴¹Vídeo gravado em 1982 mostrando sobre a região de Ariquemes. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uM3RvQFSiwc>

⁴²Parecis, ou Paresi, grupo indígena que habita áreas na região do estado do Mato Grosso, próximas a Vilhena.

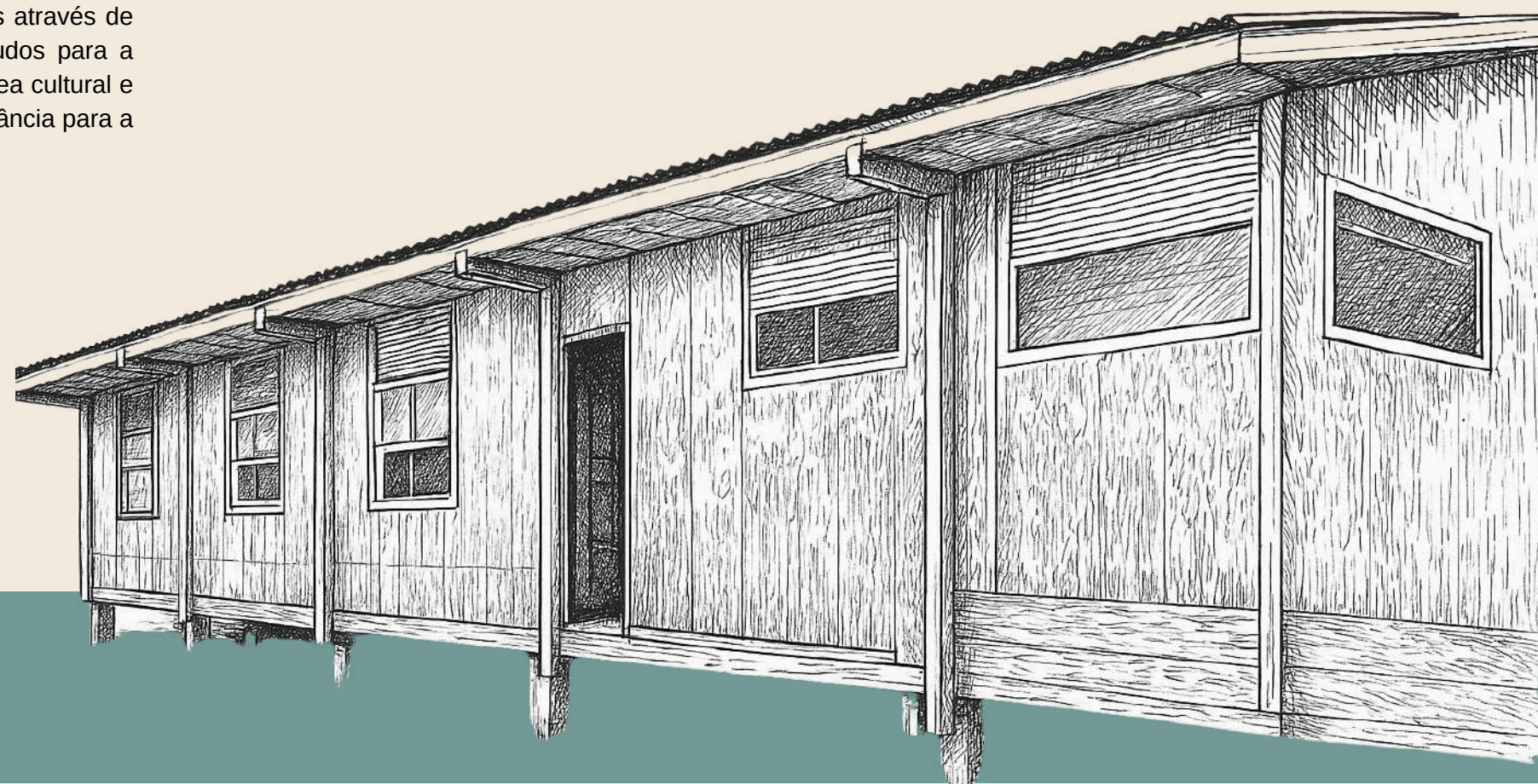
Assim, é a partir de 1960 que as madeiras pouco a pouco se instalam, e a abundante matéria-prima vai ser a principal durante os anos de 1970. As Casas de Madeira moldam a arquitetura da cidade, foi a matéria-prima da casa de ricos e de pobres, de comércios e pequenos armazéns. Isso porque era, além de uma matéria-prima abundante, também a forma construtiva conhecida pelos colonos sulistas e sudestinos, em especial os oriundos do Paraná e Santa Catarina que já tinham habilidades na madeira, em decorrência das colonizações alemã e italiana daquelas regiões, as construções de madeira não são comuns na arquitetura colonial portuguesa.

É também nesta década, 1970, que a primeira construção de tijolos da cidade é erguida, a Capela da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora. Com tijolos trazidos de Cuiabá/MT pelo Padre Ângelo Spadari, erguida com mão-de-obra rudimentar e pouco especializada, é construída sem armações em ferro, como obtido através dos relatos de moradores. Somente no final da década de 1970 e na década de 1980 é que de fato os muitos materiais utilizados na construção chegarão à Vilhena, junto também chega mão-de-obra, tanto construtores como arquitetos e engenheiros.

Na década de 1990 a modernidade construtiva levantava diversos prédios com concreto, tijolos, lajes, telhões, tijolinhos aparente, janelas em panos de vidro, azulejos e diversos outros materiais empregados na construção civil. A rodovia e a migração foram as grandes ferramentas de transformação da cidade.

O trabalho propôs-se, conforme Linha do Tempo (Figura 80), entender o contexto histórico das primeiras edificações de Vilhena e a analisar estas construções à partir de fotografias e relatos de moradores. E neste contexto o trabalho desenvolvido abre possibilidade para novas descobertas e aprimorações, podem ser analisados os projetos arquitetônicos, as plantas baixas e fotografias, além da possibilidade de serem efetuados maiores levantamentos de dados históricos através de entrevistas com os proprietários e demais munícipes. Há ainda, a ausência de estudos para a cidade de Vilhena na área pesquisada, bem como, a arquitetura tratando-se de uma área cultural e um meio de se contar a história da cidade, o material desenvolvido é de extrema importância para a memória e a história da cidade.

Figura 81: Casa do 5º BEC
Fonte: Imagem gerada por
Inteligência Artificial (2025)



5

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A cidade de Vilhena, localizada no estado de Rondônia, possui uma história marcada por intensos ciclos econômicos e migratórios que influenciaram diretamente sua formação urbana e arquitetônica. Entre os anos de 1900 e 1990, a arquitetura vilhenense refletiu de maneira clara as transformações sociais, culturais e econômicas da região, tornando-se um importante instrumento para compreender a evolução da cidade.

O processo de ocupação de Vilhena teve início com a instalação da linha telegráfica pela Comissão Rondon, em 1904. A princípio, a arquitetura era rudimentar, com construções em adobe, sapé e madeira, como exemplifica a antiga Estação Telegráfica. Durante o auge do ciclo da borracha, ainda no início do século XX, a região teve atividade econômica limitada. No entanto, foi a construção da BR-364, a partir da década de 1960, que transformou profundamente o perfil urbano da cidade. A rodovia permitiu a entrada de migrantes e de materiais de construção antes inacessíveis, inaugurando um novo ciclo de desenvolvimento.

Na década de 1970, as casas de madeira passaram a dominar a paisagem urbana, impulsionadas pelo ciclo madeireiro e pelo conhecimento técnico dos migrantes oriundos do sul do país, principalmente Paraná e Santa Catarina. A madeira era abundante e de fácil acesso, sendo utilizada tanto em moradias populares quanto em estabelecimentos comerciais. Já em 1975, a Capela da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, construída com tijolos trazidos de Cuiabá pelo Padre Ângelo Spadari, representou um marco na mudança das técnicas construtivas, ainda que feitas com mão-de-obra pouco especializada.

Com a chegada de profissionais qualificados e materiais mais modernos na década de 1980, a arquitetura local passou a incorporar elementos do modernismo. Edificações como a Farmácia Santa Terezinha e o Palácio dos Parecis (atual sede da Unir) apresentam características do estilo modernista regionalista, mesclando estética moderna com referências culturais e materiais adaptados à realidade amazônica. Essa transição marca um período de maior robustez e planejamento arquitetônico na consolidação da região.

Apesar dos avanços, a narrativa arquitetônica de Vilhena ignora quase totalmente a presença dos povos indígenas. A memória dos Cinta-Larga e de outros grupos originários foi apagada pelo avanço da colonização e do progresso. Restam apenas referências simbólicas, como nomes de edifícios públicos, sem qualquer preservação física de sua presença na arquitetura ou na cultura.

Entre lembranças de uma infância vivida em casas de madeira e a visão de uma cidade em constante mutação, o trabalho transforma memórias da pesquisadora sobre a cidade em fio condutor deste estudo. A trajetória pessoal se entrelaça à de Vilhena, revelando que a arquitetura também é feita de afetos, vivências e histórias silenciosas que moldam o espaço urbano.

A pesquisa também enfrentou importantes desafios metodológicos ao longo de sua realização. Um dos principais obstáculos foi o processo de aprovação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa, que exigiu tempo e dedicação, especialmente por envolver entrevistas com moradores, consideradas fundamentais para a construção da narrativa histórica. Além disso, houve dificuldades no acesso a documentos oficiais. Apesar de diversas tentativas, não foi possível consultar os arquivos da Prefeitura Municipal de Vilhena, em especial os projetos arquitetônicos das edificações estudadas. Essa limitação impediu uma análise mais técnica e detalhada, restringindo o trabalho à investigação empírica e aos relatos orais obtidos durante o levantamento.

Portanto, compreender a história de Vilhena por meio de sua arquitetura permite resgatar memórias, valorizar a identidade local e repensar o papel da cultura e da técnica na formação das cidades da Amazônia brasileira. A ausência de estudos aprofundados sobre a arquitetura vilhenense revela a necessidade de ampliar as pesquisas nessa área, não apenas para preservar o patrimônio, mas também para incluir vozes e histórias que foram silenciadas ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Anna Luiza Ozorio de; DAVID, Maria Beatriz de Albuquerque. **Tipos de fronteira e modelos de colonização na Amazônia: revisão da literatura e especificação de uma pesquisa de campo. 1981.** Disponível em: <<https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/1028>>. Acesso em: 17 Março de 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: Informação e documentação.** Referências: Elaboração. Rio de Janeiro, 2018.

BECKER, Bertha K. **Revisão das políticas de ocupação da Amazônia: é possível identificar modelos para projetar cenários.** Parcerias estratégicas, v. 12, n. 1, p. 135-59, 2001.

BORZACOV, YÉDDA PINHEIRO. **Estação ou Posto Telegráfico de Rondon, hoje, Museu das Telecomunicações Cândido Mariano da Silva Rondon. 2015.** Disponível em: <<https://www.gentedeopiniao.com.br/colunista/yedda-pinheiro-borzacov/estacao-ou-posto-telegrafico-de-rondon-hoje-museu-das-comunicacoes-candido-mariano-da-silva-rondon>>. Acesso em 29 de Março de 2023.

BRASIL, Pedro. **Vilhena Conta Sua História.** 1. ed. Vilhena, 2000.

BRASIL. **DECRETO-LEI Nº 356 DE 15.08.1968. Dispões sobre os estados da Amazônia Ocidental. Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia: 10 de Março de 2021.** Disponível em: <https://www.gov.br/sudam/pt-br/aceso-a-informacoes/institucional/legislacao-da-amazonia#:~:text=DE%2015.08.1968-,Art.,291%2C%20de%2028.02.1967.&text=ESTADOS%20QUE%20COMP%C3%95E%20A%20AMAZ%C3%94NIA%20ORIENTAL%3A%20Par%C3%A1%2C%20Maranh%C3%A3o%2C,Amap%C3%A1%2C%20Tocantins%20e%20Mato%20Grosso.>> Acesso em: 31 de Março de 2023.

CAMPANA, ANA. **Exploração da Amazônia no Contexto do Antigo Regime Colonial. 2022.** Disponível em <<https://rondoniaemsala.blogspot.com/>>. Acesso em 29 de Março de 2023.

CAMPANA, ANA. **Linha Telegráfica em Rondônia. 2012.** Disponível em: <<http://rondoniaemsala.blogspot.com/2012/06/linha-telegrafica-em-rondonia.html>> Acesso em: 27 de Março de 2023.

COLIN, SILVIO. **Técnicas Construtivas do Brasil Colonial - II.** Disponível em: <https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2010/09/06/tecnicas-construtivas-do-periodo-colonial-ii/>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2025.

CONDURU, ROBERTO. **Entre Histórias e Mitos. Uma Revisão Neocolonial.** Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/resenhasonline/08.093/3025>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2025.

CONHEÇA A HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DA REGIÃO CENTRAL DE RONDÔNIA EM 1982. Jaru Online. Youtube. Publicado em 21 de julho de 2009. Acesso em 19 de abril de 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uM3RvQFSiwc>

CUNHA, TIMÓTEO ELIAQUIM; MOSER LILIAN MARIA. **Os Projetos de Colonização em Rondônia.** Revista Labirinto. 2010.

DIOCESE DE APUCARANA. **Livro do Tombo. 2015.** Disponível em: <https://diocesedeapucarana.com.br/portal/noticia/582/livro-tombo>

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GRUPO MEMÓRIA VILHENENSE. **Entrevista com Maria José Rabelo Almeida. Vilhena, RO, 08 jun, de 2023.** Facebook: @julioolivar. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/539968546039975> acesso em 11 jun, 2023.

GUITARRARA, Paloma. **"Rondônia";** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/rondonia.htm>. Acesso em 31 de março de 2023.

KESSEL, Carlos. **Estilo, Discurso, Poder: Arquitetura Neocolonial no Brasil.** DOI 1053000/hs179. Doutorando em História IFCS/UFRJ. 1999. Disponível em: [file:///C:/Users/Olivia%20Bagattoli/Downloads/Estilo,+discurso,+poder%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Olivia%20Bagattoli/Downloads/Estilo,+discurso,+poder%20(1).pdf)

KESSEL, Carlos. **Arquitetura neocolonial no Brasil. Entre o pastiche e a modernidade.** 1º Edição. 2008. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/pesquisa/bookshelf/book/141>

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica.** 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

LEDUC, Luiz. **A Primeira Expedição de Rondon ao Rio Juruena.** Disponível em: <http://www.luizleducjr.com.br/historia3.html>

LIMA, Abnael Machado de. **O Exército Brasileiro nas Terras de Rondon.** Raízes Históricas. 1. ed. Porto Velho: Gráfica Imediata. 2015.

MARTINS, Everton. **Entrevista: Técnica de coleta em pesquisa qualitativa.** Blog PPEC, Campinas, v.8, n.1, ago. 2018. ISSN 2526-9429. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/blog/index.php/2018/08/15/entrevista/>>. Acesso em: 14 de Março de 2023.

MENEZES, ESRON PEREIRA. **Território Federal do Guaporé. Retalhos para a História de Rondônia.** Livro II. Porto Velho: 1981.

MUSEU CASA DE RONDON. **Exposição Marciano Zanoecê.** Vilhena: Museu Casa de Rondon, visitado em maio de 2025.

OLIVEIRA, Tainá Sousa. **Evolução da Arquitetura Rondoniense: Análise morfológica e espacial das habitações (1920-1960).** Vilhena: 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História, memória e centralidade urbana**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Nouveaux mondes mondes nouveaux-Novo Mundo Mundos Novos-New world New worlds, 2007. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/nuevomundo/3212>>. Acesso em 17 de Março de 2023.

PERDIGÃO, Francinete; BASSEGIO, Luiz. **Migrantes Amazônicos - Rondônia: A Trajetória da Ilusão**. Edições Loyola. São Paulo: 1992.

PORTAL DA AMAZÔNIA. **A história de Vilhena data do início do século XX, por volta de 1910, com a passagem por estas terras da expedição chefiada pelo Tenente Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon**. 2022. Disponível em: <<https://portalamazonia.com/amazonia-az/vilhena>> Acesso em 28 de Março de 2023.

PORTAL DO GOVERNO ESTADO DE RONDÔNIA. **Saga da BR 029, hoje BR 364, volta a ganhar destaque com a reedição do livro O Outro Braço da Cruz**. Disponível em: <https://rondonia.ro.gov.br/saga-da-br-29-hoje-364-volta-a-ganhar-destaque-com-a-reedicao-do-livro-o-outro-braco-da-cruz/> Acesso em 13 de Abril de 2025.

SEADE - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. **Definições de Áreas**. SEADE: São Paulo. Disponível em: <<http://produtos.seade.gov.br/produtos/500anos/index.php?tip=defi>> Acesso em 31 de Março de 2023.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. Editora Universidade de São Paulo. São Paulo: 2010.

SUFRAMA. **Amazônia Ocidental**. 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/suframa/pt-br/assuntos/amazonia-ocidental#:~:text=Composta%20pelos%20Estados%20do%20Amazonas,biodiversidade%20sem%20igual%20no%20planeta.>> Acesso em 29 de Março de 2023.

STRAUSS, Claude Lèvi. **Tristes Trópicos**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

THÉRY, Hervé. **Rondônia: Mutações de um Território Federal na Amazônia Brasileira**. École Normale Supérieure. Paris: 2010.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2002

TV BRASIL. **Rondon, Um Brasileiro**. 1 vídeo (52 min). Disponível em: <<http://rondoniaemsala.blogspot.com/2012/06/linha-telegrafica-em-rondonia.html>> Acesso em: 25 de Março de 2023

VIVEIROS, Esther de. **Rondon Conta Sua Vida**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010.

WEIMER, Gunter. **Arquitetura Popular Brasileira**. 2º Edição. Editora Martins Fontes. São Paulo: 2012.

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA

Esta entrevista tem como objetivo a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso da graduanda Olivia Savia Bagattoli, no curso de Arquitetura e Urbanismo, pelo Instituto Federal de Rondônia. O trabalho "ARQUITETURA, MEMÓRIA E COLONIZAÇÃO NO PORTAL DA AMAZÔNIA: UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO ARQUITETÔNICA DE VILHENA ENTRE 1900 À 1990" propõe-se a pesquisar algumas edificações da cidade de Vilhena, abrangendo um pouco de sua história. As edificações selecionadas para estudo são:

1. Estação Telegráfica
2. Casa dos engenheiros da Camargo Corrêa
3. Capela da Igreja N.S.Auxiliadora
4. Casas de Madeira das décadas de 1970/1980
5. Unir → Av. Rotary Club, Lote 1, Setor 10
6. Prefeitura Municipal de Vilhena - Paço municipal
7. Farmácia Santa Terezinha → Lote 19, Quadra 7, Setor 01 Centro - Av. Major Amarante esquina com a Rua Nelson Tremea
8. Banco do Brasil → Lote 01, Quadra 23, Setor 01 Centro - Av. Major Amarante esquina com a Rua Nelson Tremea
9. Crocodilus disco Club (Atualmente 5.8 Internet) → Lote 09, Quadra 08, Setor Centro 01 → Rua Princesa Isabel.

a) Nas pesquisas bibliográficas a história de Vilhena inicia-se com a abertura das linhas telegráficas e a construção do posto telegráfico por Marechal Rondon, qual a sua percepção sobre a construção do posto telegráfico e a história de Vilhena?

b) Pouco tempo depois de inauguradas as linhas telegráficas o telégrafo entra em desuso e Vilhena cai no esquecimento, inclusive relatado no livro de Claude-Lévi Strauss, somente vindo a ser notada novamente na década de 1960 com a abertura da BR-364, nesse lapso temporal, o que se sabe sobre a história de vilhena? e sobre edificações construídas neste período?

c) Com a construção da BR-364 a construtora Camargo Corrêa construiu casas para abrigar seus escritórios e funcionários, uma delas ainda encontra-se de pé no bairro 5º BEC em Vilhena, o que você poderia acrescentar sobre este período da história de Vilhena e sobre essa edificação?

d) Como você descreveria o impacto dos primeiros estilos arquitetônicos em Vilhena? Quais foram as influências mais marcantes?

e) Quais foram os principais desafios enfrentados pelos primeiros arquitetos e construtores da cidade?

f) Em que medida o desenvolvimento econômico e populacional influenciou a arquitetura local ao longo dos anos?

g) Como a arquitetura da cidade reflete a identidade cultural de Vilhena e da região de Rondônia?

h) Quais são os prédios ou estruturas mais representativos do estilo arquitetônico da cidade? Você destacaria algum em particular?

i) Houve períodos específicos em que Vilhena passou por grandes transformações arquitetônicas? Se sim, quais fatores motivaram essas mudanças?

j) Como se deu a história do edifício que hoje abriga a Unir em Vilhena? Nas minhas pesquisas encontrei um edifício bem parecido que seria da Teleron.

k) O edifício da Prefeitura Municipal de Vilhena é um grande destaque na cidade, ainda nos dias de hoje, o que você poderia contar sobre ele?

l) O edifício do Banco do Brasil e a antiga danceteria Crocodilus Disco Club parecem ter sido construídos num mesmo período, com influências modernistas. O que você saberia sobre esses dois edifícios?

m) Na sua opinião quais são as principais tendências arquitetônicas em Vilhena hoje?

n) Quais são suas expectativas para o futuro da arquitetura em Vilhena?